

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

ANA MARIA CASSIANO MORATO

**A QUESTÃO IDENTITÁRIA NA PERSONAGEM IFEMELU EM
AMERICANAH: UM ESTUDO SOBRE O CIDADÃO EM TRÂNSITO
CULTURAL**

São Paulo

2020

ANA MARIA CASSIANO MORATO

A QUESTÃO IDENTITÁRIA NA PERSONAGEM IFEMELU EM
AMERICANAH: UM ESTUDO SOBRE O CIDADÃO EM TRÂNSITO
CULTURAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Letras da Universidade
Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial à
obtenção de título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vera Lucia Harabagi Hanna

São Paulo

2020

M831q Morato, Ana Maria Cassaino.

A questão identitária personagem Ifemelu em Americanah: um estudo sobre o cidadão em trânsito cultural / Ana Maria Cassaino Morato.

165 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2020.

Orientadora: Vera Lucia Harabagi Hanna.

Referências bibliográficas: f. 158-165.

1. Americanah. 2. Identidade globalização. 3. Hibridismo.
4. (Des) localização. I. Hanna, Vera Lucia Harabagi, *orientadora*. II. Título.

CDD 306

Bibliotecária Responsável: Silvania W. Martins – CRB 8/7282

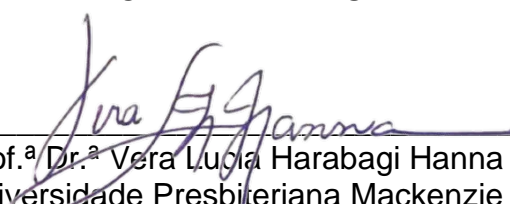
ANA MARIA CASSIANO MORATO

A QUESTÃO IDENTITÁRIA NA PERSONAGEM IFEMELU EM
AMERICANAH: UM ESTUDO SOBRE O CIDADÃO EM TRÂNSITO
CULTURAL


Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Letras.

Aprovada em 03 de setembro de 2020.

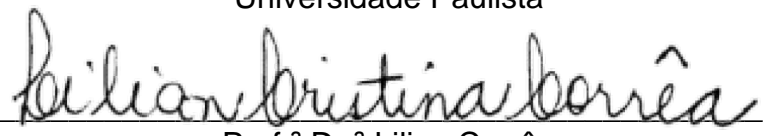
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Vera Lucia Harabagi Hanna
Universidade Presbiteriana Mackenzie



Prof.^a Dr.^a Cielo Griselda Festino
Universidade Paulista



Prof.^a Dr.^a Lilian Corrêa
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Ao meu esposo, pelo constante incentivo, apoio e, principalmente, pela paciência no processo de realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força e sabedoria concedidas nos momentos de percalços.

À Prof.^a Dr.^a Vera Lucia Harabagi Hanna, minha gratidão pela paciência, incentivo, carinho, respeito e orientação, por indicar as melhores diretrizes para a realização deste trabalho. Pela sua calma, mesmo nos momentos mais difíceis e por ter sido minha professora na disciplina A Construção da Identidade nas Literaturas de Língua Portuguesa, que me deu ainda mais certeza de que estava no caminho certo. E por ser uma grande inspiração profissional pela sua ética e seu amor à profissão e aos alunos.

Aos integrantes desta banca, pela importante colaboração e participação na banca examinadora.

A todos os professores do mestrado, pelo conhecimento compartilhado nas disciplinas para que tivéssemos uma base sólida para a realização da dissertação.

Aos professores de pós-graduação da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em especial, à Prof.^a Dr.^a Lilian Corrêa, que tive o prazer de ser aluna e orientanda naquele processo. Por ter contribuído para que eu enxergasse outras possibilidades de docência na área de Letras, por sua paciência e leveza ao longo de toda a orientação.

A todos os professores da graduação da Universidade Paulista (Unip), em especial, à Prof.^a Dr.^a Cielo Griselda Festino, que tive a honra de ser aluna duas vezes, a primeira vez foi ainda na graduação como minha professora e orientadora, e a segunda, reencontramo-nos no curso de pós-graduação da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Agradeço imensamente por toda a sua dedicação, pelo conhecimento compartilhado e por suas aulas que me inspiraram para que eu seguisse na carreira acadêmica.

Aos professores do Ensino Fundamental e Médio, em especial à professora Alice Clara, que me encantou, ainda na adolescência, com as suas aulas de literatura que eram uma verdadeira viagem no tempo e que me faziam pensar como era possível, uma professora, reter tanto conhecimento e transmiti-lo com a mesma facilidade.

Ao meu esposo, amigo e companheiro, Marcos Nascimento Ferreira, pela admiração que sempre teve pela minha profissão, pelo incentivo pessoal e profissional. Por ter escutado minhas infinitas leituras, pelos conselhos dados e pela confiança na minha capacidade para seguir a carreira acadêmica, antes mesmo de eu efetuar a minha matrícula para o programa de mestrado em Letras. E por toda a paciência despendida nos momentos mais difíceis ao longo desta árdua jornada.

Aos meus pais, José de Souza Morato e Maria Aparecida Cassiano, por terem me ajudado a concluir a graduação em Letras, para que eu pudesse dar início a esta jornada, e por terem ouvido meus desabaços ao longo do mestrado.

Aos meus sogros, José Araújo Ferreira e Maria de Lourdes Nascimento, pelo ombro amigo e incentivo para que eu seguisse na minha paixão pelas Letras e docência mesmo nos momentos de incertezas.

À minha família e amigos (que são a família que escolhi), por terem entendido (ou não) a minha ausência e momentos de reclusão necessários ao longo da pós-graduação.

Aos amigos que fiz durante o mestrado, pelos almoços terapêuticos e, pelos medos, incertezas e incentivos compartilhados que nos deixaram ainda mais fortes.

Ao meu primeiro coordenador pedagógico, Antônio Bosco, por ter acreditado muito mais em mim do que eu mesma e por ter me dado a oportunidade de refinar os estudos na língua inglesa sem nenhum custo. Com isso, pude assumir a minha primeira turma e ingressar na tão sonhada carreira de docência nessa mesma escola. Por ter me ensinado a acreditar no potencial das pessoas e por ter me mostrado que ser professor de inglês (ou de qualquer outra matéria) é muito mais do que, simplesmente, ensinar conteúdos, o mais importante é levar em consideração o empenho do indivíduo ao longo do aprendizado.

Aos meus alunos, principalmente os alunos do segundo semestre de 2019 e primeiro de 2020, por ouvirem cada desabaço e por demonstrarem interesse no que eu estava pesquisando. Por serem a minha principal fonte de inspiração nesta carreira que eu escolhi para a vida.

Às minhas gatas, Duffy e Lilo, pela companhia calorosa e divertida durante a escrita desta dissertação nas madrugadas a fio e ao meu novo gato, Weiss, que

chegou no meio desta empreitada para completar a nossa alegria e encher, ainda mais, o nosso coração de amor.

People say to write about what you know. I'm here to tell you, no one wants to read that, cos you don't know anything. So write about something you don't know. And don't be scared, ever.

Toni Morrison (1931-2019)

RESUMO

O presente trabalho visa analisar a questão da identidade no indivíduo que se desloca de um país a outro por inúmeras razões a partir da obra *Americanah* (2013), escrita pela autora nigeriana e ativista, Chimamanda Ngozi Adichie. A partir desse estudo, o objetivo geral desta pesquisa é demonstrar que é possível mantermos traços da nossa identidade original mesmo tendo vivido em lugares distintos. Para tanto, buscamos expor as estratégias que Ifemelu, personagem central da obra, utilizou. Como objetivos específicos, procuramos: (a) investigar quais foram os métodos usados pela protagonista para desconstruir a sua identidade e reconstruí-la com nuances da antiga; (b) analisar o fato de Ifemelu se descobrir negra após chegar aos EUA; (c) demonstrar que o fato de a protagonista ter morado em dois lugares fez com que sua identidade fosse transformada e partilhada, descobrindo o sentimento de deslocalização, uma vez que Ifemelu passou a se sentir deslocalizada não somente na América, mas também na Nigéria, seu país de origem; (d) investigar que se sentir pertencente ou não a dois países é um sentimento comum em pessoas que vivem em dois ou mais lugares, e, por fim, (e) demonstrar que o fato de Ifemelu não saber onde pertencia fez com que ela tivesse dificuldades também em reconhecer seu verdadeiro lar. Para tal análise, temos como aporte teórico os autores que tratam desses assuntos por serem não somente pesquisadores, mas por terem, assim como Adichie, vivido experiências de deslocamento, tiveram suas identidades partilhadas e dialogam entre si, dentre eles estão: Stuart Hall (1998; 2003), Homi Bhabha (1990; 1998) e Edward Said (1999). Além desses, para tratarmos de identidade e racialidade, tivemos também as contribuições de Chris Barker (2004) e Raymond Williams (1983); para discorrermos sobre globalização, recorreremos a Anthony Giddens (1990) e à Jane Jackson (2014); para o conceito de hibridização contamos com as pesquisas de Tomaz Tadeu Silva (2006) e Nestor Garcia Canclini (2003; 2007); para *displacement* contamos com o autor Said (1999); já para tratarmos de *home*, *belonging* e *homesickness*, recorreremos a Bauman (1996), entre outros.

Palavras-chave: *Americanah*. Identidade. Globalização. Hibridismo. (Des)localização. Pertencimento.

ABSTRACT

The aim of this study, based on the book *Americanah*, which was written by the Nigerian and activist author, Chimamanda Ngozi Adichie, is to analyze the identity of an individual who heads from one country to another on account of many reasons. Taking this into consideration, the general objective is to demonstrate that once one had his/her own identity changed, how it would be possible to keep some characteristics of the original one. To do so, the strategies that Ifemelu (*Americanah*'s protagonist) used will be shown throughout the analysis. The specific objectives are: (a) to investigate what strategies the protagonist used to deconstruct and reconstruct her own identity with traits of the original one; (b) analyze that she discovered herself as a black woman in the USA; (c) demonstrate that after living such a long period in two different places, Ifemelu had her identity transformed and shared, and also discovered how it was to feel displaced not only in America, but also in her own country; (d) also investigate that the feeling of belonging to both countries or neither of them, it is common to people who live in two or more countries and, lastly, (e) it will be analyzed that due to the fact of not knowing where she belonged to also made her having issues to recognize her true home. In order to do such analysis, the theoretical contributions count on names of authors who, not only are researchers of these subjects, but also have been through this experience of displacement and had their own identity shared as well as Adichie, among them are: Stuart Hall (1998; 2003), Homi Bhabha (1990;1998) and Edward Said (1999). Besides these ones, to analyze the concept of identity and race the research counted on Chris Barker (2004) and Raymond Williams (1983); considering globalization the chosen authors were Anthony Giddens (1990) and Jane Jackson (2014); hybridization Tomaz Tadeu Silva (2006) and Nestor Garcia Canclini (2003;2007) were the chosen researchers; to displacement the research counted on Said (1999); and to analyze the concept of home, belonging and homesickness, Bauman (1996) was the chosen author, among others.

Keywords: *Americanah*. Identity. Globalization. Hybridism. Displacement. Belonging.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
OBJETIVOS: GERAL E ESPECÍFICOS	14
JUSTIFICATIVA DO TEMA	19
1. REFERENCIAL TEÓRICO	21
1.1. IDENTIDADE E RACIALIDADE	21
1.2. CONSEQUÊNCIAS E IMPACTOS DA GLOBALIZAÇÃO	37
1.3. HIBRIDIZAÇÃO, IDENTIDADES MÚLTIPLAS.....	49
2. SAID E IFEMELU: SERES DESLOCALIZADOS	56
2.1. (DES)LOCALIZAÇÃO E (NÃO)PERTENCIMENTO: SENTIMENTOS EM TRÂNSITO	56
2.2. A DEFINIÇÃO DE <i>HOME</i> PARA OS CIDADÃOS DO MUNDO, UMA REFLEXÃO	63
2.3. AS LETRAS NA ÁFRICA	70
2.4. CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE, OBRAS E INFLUÊNCIAS	75
2.5. <i>AMERICANAH</i> , OBRA	78
2.6. FOCO NARRATIVO E A PERSONAGEM NA OBRA	81
2.7. SEMELHANÇAS E CONTRASTES ENTRE TIA UJU E IFEMELU	85
2.8. A NARRATIVA DO <i>BLOG</i> EM <i>AMERICANAH</i>	92
3. O <i>BLOG</i> E AS IDENTIDADES DE IFEMELU EM <i>AMERICANAH</i>	94
3.1. O SONHO	96
3.2. OS ESTEREÓTIPOS EM <i>AMERICANAH</i>	97
3.3. A SOLIDÃO DO IMIGRADO	100
3.4. SEM NOME, SEM DOCUMENTO	104
3.5. CABELO: O RETRATO DA IDENTIDADE	105
3.6. O <i>BLOG</i> E O RENASCIMENTO DE IFEMELU	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS	153
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	158
REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS	161

INTRODUÇÃO

Uma parte de mim é todo mundo
 outra parte é ninguém
 fundo sem fundo
 uma parte de mim é multidão
 outra parte estranheza e solidão
 uma parte de mim pesa, pondera
 outra parte delira
 uma parte de mim almoça e janta
 outra parte se espanta
 uma parte de mim é permanente
 outra parte se sabe de repente
 uma parte de mim é só vertigem
 outra parte linguagem
 traduzir uma parte na outra parte
 que é uma questão de vida e morte
 será arte?
 (GULLAR, Traduzir-se, 1980).

Esta análise trata da questão identitária dos chamados cidadãos globais, que, independentemente de suas razões, transitam pelo mundo e, principalmente, de como suas identidades são transformadas, uma vez que essas pessoas talvez nem saibam mais a que lugar pertencem. Verificaremos esse tema no romance *Americanah* (2013), de Chimamanda Ngozi Adichie, por meio da desconstrução e reconstrução da identidade da personagem nigeriana Ifemelu que vai estudar nos Estados Unidos e retorna após quinze anos ao seu país de origem.

Com essa análise, pretendemos verificar na obra de Adichie, tendo como principal fonte de pesquisa os *blogs* escritos pela protagonista dentro do romance, como esse cidadão que transita pelo mundo se deixa, num primeiro momento, influenciar-se pelos costumes, cultura e língua desse novo lugar em um processo de adaptação para, mais tarde, desconstruir e construir uma nova identidade. Verificamos, igualmente, a questão identitária presente na obra, coincidente com a da própria autora – identidade partilhada – uma vez que Adichie, assim como Ifemelu, também é nigeriana e se mudou para os Estados Unidos para estudar.

Apesar de termos lido a obra na versão original, para as transposições das citações, optamos por usar a tradução já existente por uma questão de praticidade.

Porém, nem sempre concordamos com o texto da tradução em português, então, sugerimos uma versão nossa em português.

Chimamanda Ngozi Adichie nasceu em Enugu, Nigéria, em 1977, e se tornou uma das autoras nigerianas mais importante da atualidade. Adichie é ativista, autora de livros e contos na língua inglesa. Entre seus romances, podemos destacar: *Purple Hibiscus* (Hibisco roxo) publicado em 2003; *Half of a Yellow Sun* (Meio sol amarelo), publicado em 2006. Seus livros já foram traduzidos em mais de trinta idiomas e seus contos publicados em inúmeros periódicos, como as revistas *New Yorker* e *Granta*. Seu quarto romance é *Americanah*, vencedor do *National Book Critics Circle Award*, e foi publicado em 2013. Essa obra foi selecionada pelo *New York Times* como uma das dez melhores no mesmo ano. A autora divide seu tempo entre a Nigéria e os Estados Unidos, pois além de escritora, ela também profere palestras acadêmicas em universidades em ambos os países.

Em toda a sua obra, Adichie trata de assuntos atuais, assim como em suas palestras, fazendo com que as pessoas reflitam sobre as suas atitudes no mundo. Em 2009, Adichie concedeu uma palestra com o título: *The Danger of a Single Story* (O perigo da história única), que se tornou um dos TED Talks mais visualizados, nele, a autora pede para que prestemos atenção para as outras histórias que um povo, país e etc. tenham para nos contar. Já em 2012, ela proferiu a palestra chamada *We Should All Be Feminists* (Sejamos todos feministas), que foi publicado como livro dois anos depois. Nessa palestra, Adichie convida todas as pessoas a ser feministas, ou seja, não há divisão de raça ou gênero, o que conta é a empatia pela causa.

Seu livro mais recente foi publicado em 2017 e se chama *Dear Ijeawele Or a Feminist Manifesto in Fifteen Suggestions*, no Brasil o livro foi lançado com o título, *Para educar crianças feministas*. Dentre os escritores que a influenciaram, podemos destacar dois que, assim como ela, também eram nigerianos e escreviam na língua inglesa, Chinua Achebe, também conhecido como o pai da literatura nigeriana moderna, nasceu na década de 1930 e faleceu no ano da publicação de *Americanah*, em 2013 e Flora Nwapa, que nasceu no ano de 1931 e faleceu em 1993, era professora e escritora.

Em *Americanah*, Adichie aborda diversos temas que se relacionam com identidade e, dentre eles, e de maior interesse em nossas pesquisas, *displacement*¹. Questões que julgamos ser importantes pelo momento em que vivemos hoje: imigrações e migrações; pessoas que se refugiam de guerras; por falta de oferta de emprego em seu país de origem; por questões políticas e/ou religiosas; e outras ainda estão em busca de um intercâmbio para estudar em outro país etc.

Devido à globalização tardia ou à nova globalização, período que estamos vivendo atualmente, esse trânsito de uma cultura para outra se tornou mais comum e temos a impressão de que houve um encurtamento entre o tempo e o espaço, pois conseguimos viajar de um país a outro mais rapidamente.

Para tal análise, focamos na personagem central dessa obra, Ifemelu, que escolheu sair de seu país porque queria ter mais oportunidades de emprego e estudo. Sua tia, Uju, deu-lhe uma bolsa de estudos para estudar nos Estados Unidos, pois precisava de alguém para cuidar de seu filho enquanto trabalhava e cursava Medicina, então Ifemelu aproveitou a oportunidade. À época, Ifemelu tinha um namorado chamado Obinze, que pelos livros que lera, tinha apreço pelos Estados Unidos e sonhava em um dia poder estudar nesse país, porém seu destino fora traçado de uma maneira diferente e Obinze foi à Inglaterra, por essa e outras razões, as vidas dos dois tomaram rumos diferentes até se reencontrarem em Lagos, na Nigéria.

Sendo assim, verificamos no decorrer da narrativa a questão de uma identidade partilhada que fora influenciada por outros costumes e culturas, e também o sentimento de *displacement* que pode ser despertado nesse indivíduo que se vê inserido em uma cultura diferente da sua e sofre o período de adaptação. Ainda que esse indivíduo tenha a chance de voltar ao seu país de origem, ele perceberá que aquele lugar não será mais o mesmo e, por sua vez, sua percepção também, ou seja, verá que não fora apenas o espaço que fora transformado, mas também sua visão em relação àquele lugar a partir de suas novas vivências, podendo, assim, sentir-se deslocalizado em seu próprio país. Por outro lado, quando esse indivíduo está no país em que escolheu viver, sente falta de seu “verdadeiro

¹ A partir de agora, esse termo que significa deslocalização, será tratado no inglês.

lar”, sentimento, esse, que chamamos de *homesickness* (saudades de casa²): “O sentimento de se ter saudades de casa significa o sonho do pertencimento; de ser, por uma vez, do lugar, não meramente estar dentro dele.” (BAUMAN, 1996, p. 30)³.

Entre os sentimentos de estarmos longe de casa, ou seja, daquele lugar que estabelecemos como nosso verdadeiro lar e refúgio, há também o de *belonging*⁴. Há a possibilidade de se sentir pertencente tanto ao seu lugar de origem quanto ao que escolheu morar, ou ainda, a nenhum deles, vai depender da relação que esse indivíduo estabeleceu com os lugares pelos quais passou, de como se adaptou a eles (se é que se adaptou), pois entendemos que cada indivíduo vive e sente essas experiências de maneiras distintas.

Podemos acrescentar ainda o sentimento de *homelessness*⁵, que está diretamente relacionado com as migrações, isto é, um sujeito que muda de lugar constantemente, provavelmente, sentir-se-á sem lugar, como se não tivesse um lar para si.

A voz da protagonista é expressada principalmente por meio de um *blog* sobre raça que passa a escrever depois de um tempo morando nos Estados Unidos, incentivada por amigos, chamado: *Raceteenth or Various Observations About American Blacks (Those Formerly Known as Negroes) by a Non-American Black* (*Raceteenth*⁶ ou observações diversas sobre negros americanos (antigamente conhecidos como crioulos) feitas por uma negra não americana). Depois de retornar à Nigéria, Ifemelu continuou a escrever em seu *blog*, mas com um título diferente: *The Small Redemptions of Lagos* (As pequenas redenções de Lagos).

Nesse *blog*, Ifemelu desabafa criticamente sobre as experiências pelas quais passou sendo negra, mas não afro-americana nos Estados Unidos; escreve sobre a experiência de descobrir-se negra, pois até então, isso não era uma preocupação na vida dela, e observa que os hispânicos não são considerados brancos nos Estados Unidos, independentemente da cor da pele que tenham.

² A partir de agora, esse termo será tratado em inglês.

³ Homesickness means a dream of belonging; to be, for once, of the place, not merely in. (Tradução nossa).

⁴ A partir de agora, esse termo será tratado em inglês..

⁵ A partir de agora, esse termo será tratado em inglês.

⁶ Mantivemos o termo em inglês, pois na versão da obra traduzida está dessa maneira e por não termos encontrado um equivalente na língua portuguesa.

Quando perguntada em uma entrevista para a *International Author's Stage* (2014), Adichie disse que queria ter escrito muitas coisas sobre racialidade no romance, mas queria fazer isso de maneira que a narrativa não ficasse truncada. Pensando na estratégia que usaria para tal feito, ela teve a ideia de inserir um *blog* ao longo da narrativa, pois entendeu que nos expressamos de uma maneira diferente, ou seja, a linguagem usada em um *blog* é mais direta e informal se compararmos a de um romance.

OBJETIVOS: GERAL E ESPECÍFICOS

Observando os temas que norteiam a nossa análise sobre um indivíduo que passa a se sentir deslocado por ter vivido em lugares tão diferentes, devemos mencionar também conceitos como *home*, mais especificamente *homesickness*, que é o sentimento de sentir saudades de casa, ou seja, saudades do seu país de origem, onde podemos ser nós mesmos; *belonging*, pois, passado um tempo distante de onde estão suas raízes, o indivíduo pode não se sentir pertencente a nenhum dos lugares pelos quais passou ou, até mesmo, sentir-se parte de mais de um lugar; e hibridismo, que trata da fusão e/ou desintegração da identidade de um indivíduo que passa a não ser mais a mesma de outrora, mas ainda tem características da original preservadas. Diante desses temas abordados, temos como objetivo geral:

- a) Demonstrar, com o romance *Americanah*, que é possível, mesmo tendo vivido em lugares distintos e tendo se adaptado àquele que não é o seu de origem, mantermos traços da nossa identidade se assim o desejarmos e, para tanto, buscamos expor as estratégias que Ifemelu usou durante o romance.

O objetivo geral apresentado encaminha-nos para o levantamento de alguns objetivos específicos:

- a) Investigar quais foram os métodos que Ifemelu usou para desconstruir a sua identidade e reconstruí-la com nuances da antiga;

- b) Analisar o fato de Ifemelu se descobrir negra ao chegar aos Estados Unidos, pois até então sua raça não era uma questão;
- c) Demonstrar que o fato de a protagonista ter morado em dois países fez com que sua identidade fosse transformada para se transformar na identidade de hoje;
- d) Analisar o fato de que Ifemelu ter morado por mais de dez anos nos Estados Unidos a fez descobrir o sentimento de deslocalização, ao retornar à Nigéria, passou a se sentir deslocalizada, não somente na América, mas também em seu país de origem;
- e) Investigar que se sentir pertencente ou não aos lugares em que viveu é absolutamente comum em seres em trânsito pelo mundo;
- f) E, por fim, demonstrar que, conseqüentemente, pela dúvida de onde Ifemelu pertencia, ela também teria dificuldades em saber qual país, de fato, era o seu lar.

Para tal análise e para um entendimento de cada um dos conceitos propostos acima, temos como aporte teórico os principais autores que tratam desses assuntos por serem não somente pesquisadores, mas por terem, assim como Adichie, vivido experiências de deslocamento e que dialogam entre si, dentre eles estão: Stuart Hall (1998; 2003), Homi Bhabha (1990; 1998) e Edward Said (1999). Para tratar de identidade e racialidade, contamos com as contribuições de Hall (1998; 2003), Bhabha (1990; 1998), Chris Barker (2004) e Raymond Williams (1983); globalização, recorreremos a Anthony Giddens (1990) e à Jane Jackson (2014); hibridização tivemos as contribuições de Tomaz Tadeu Silva (2006) e Nestor Garcia Canclini (2003; 2007); *displacement* contamos o autor Said (1999); já para tratarmos de *home*, *belonging* e *homesickness*, recorreremos a Bauman (1996) e a Hall (1998; 2003), entre outros.

Destacamos os autores Hall, Bhabha e Said, pois tratam dos temas analisados nesta dissertação e por eles terem experienciado tais vivências, ou seja, além de discorrerem sobre a teoria, descrevem-na a partir de suas próprias experiências de vida em relação a tais problemas. Decidimos, então, fazer uma breve explanação sobre onde nasceram e viveram, uma vez que sabemos o quanto

mudanças de um lugar para outro acarretam transformações em nossa identidade, que passa a ser partilhada.

Stuart Hall nasceu em 1932, em Kingston, na Jamaica, estudou no Reino Unido e lá permaneceu. O teórico é reconhecido nos Estudos Culturais como o “pai do multiculturalismo” e acreditava que não era possível falar em identidade negra sem abordar identidades de gênero ou da globalização cultural. Um de seus estudos mais conhecidos e considerado inovador, realizado na década de 1970, trata do preconceito racial na mídia. Hall faleceu em 2014.

Já Homi Bhabha nasceu na Índia, em 1949, estudou nos Estados Unidos e ficou conhecido como uma das figuras mais importantes dos estudos pós-colonialistas. Podemos destacar *O local da cultura* como uma das mais importantes obras para os Estudos Culturais, sem contar que desenvolveu conceitos como: hibridismo, macaqueação ou mímica, diferença e ambivalência. Para o autor, hibridismo são novas culturas que se formam a partir do multiculturalismo e que será mais explicado adiante; a questão da macaqueação ou mímica trata de uma imitação, ou seja, quase que uma repetição do outro, porém reconstruída: “[...] a mímica colonial é o desejo de um Outro reformado, reconhecível, como sujeito de uma diferença que é quase a mesma, mas não exatamente.” (BHABHA, 1998, p. 130); a diferença nos dita um padrão para determinarmos aquilo que é diferente e da ambivalência. Para Bhabha, o discurso da mímica é construído em torno de uma ambivalência que reconhece o outro, mas reformado, ou seja, os conceitos de mímica, diferença e ambivalência estão atrelados uns aos outros, podemos perceber isso quando ele diz: “[...] a mímica emerge como a representação de uma diferença que é ela mesma um processo de recusa.” (BHABHA, 1998, p. 131).

Por fim, temos Edward Said, que nasceu em 1935, no lado palestino de Jerusalém, filho de árabes cristãos, mais tarde viveu nos Estados Unidos. Said foi um dos mais importantes críticos literários e culturais, escreveu dezenas de livros e de artigos sobre a questão palestina. Um dos livros mais importantes de sua carreira é *Orientalismo – a invenção do Oriente pelo Ocidente* (1978), que foi traduzido em trinta e seis idiomas e é considerado um dos textos fundadores dos estudos colonialistas. Said faleceu em 2003.

Esta dissertação se divide em três capítulos, o primeiro, Referencial teórico, trata dos conceitos de identidade e racialidade, dentro desse mesmo tema trataremos da globalização e de suas quatro fases: hibridismo; *displacement*, *belonging*, *homelessness* e, por fim, *home* (lar)⁷.

No segundo capítulo, Said e Ifemelu: seres deslocalizados, analisamos a questão identitária da personagem Ifemelu e se o fato de ela escrever um *blog* seria uma forma de ela conseguir entender melhor os Estados Unidos; assim como analisamos sua deslocalização em relação a esse país e à própria Nigéria, em comparação ao que o autor Said (1999) vivenciou em sua vida em decorrência de inúmeras migrações e imigrações. Dentro desse tema tratamos mais detalhadamente sobre o sentimento de *displacement* e *home* para esses cidadãos do mundo, assim como explanamos sobre a literatura africana; a obra *Americanah*; foco narrativo; personagem e, por fim, tratamos do *blog*.

No terceiro capítulo, O *blog* e as identidades de Ifemelu, analisamos como a personagem desconstruiu e reconstruiu sua identidade a partir de suas experiências vividas nos Estados Unidos deixando-se misturar nessas várias “Ifemelus”, que, agora, havia dentro dela, e os subtemas: sonho; estereótipos; solidão; identidade; cabelo e o *blog* como parte de seu renascimento e reconhecimento.

Para entendermos cada conceito tratado na presente análise, faremos uma breve explanação dos conceitos de identidade, racialidade, globalização, hibridismo, *displacement*, *belonging*, *homelessness* e *home*, visto que eles serão explicados, mais detalhadamente, no primeiro e segundo capítulos.

Entendemos por identidade um processo, algo que está em constante mudança ao longo de nossas vidas de acordo com as influências que temos, de lugares pelos quais vivemos e pessoas que convivemos. Hall nos alerta sobre uma possível “crise de identidade”, uma vez que as consideradas antigas identidades, que antes estabilizavam a sociedade, estão em decadência, fazendo surgir novas identidades e, como consequência, fragmentando o indivíduo moderno que fora visto como sujeito unificado. (HALL, 1998, p. 7). Ainda sobre a questão da identidade, é importante lembrarmos que há sempre a relação do eu com o outro e como nos

⁷ A partir de agora, esse termo será tratado no inglês. Escolhemos “lar” e não “casa” por se tratar de casa no sentido afetivo e não, simplesmente, espaço físico.

posicionamos diante desse outro que julgamos ser diferente de nós, a partir daquilo que foi convencionalizado a ser “normal”. Podemos entrar em conflito, tolerar ou respeitar aquilo que estabelecemos como fora do padrão, visto que tratar de identidade é também tratar das diferenças.

Dentro do conceito de identidade, trataremos também de racialidade e para isso, nos basearemos nos autores Raymond Williams (1983) e Chris Barker (2004), que nos explicam didaticamente que essa questão surge a partir do momento em que os indivíduos passam a ser categorizados por raça, ou seja, como se houvesse uma raça pura determinada pelo sangue, cor de pele ou classe econômica. Então, racialidade passa a ser chamada de racismo, que como a palavra mesmo já diz: é o preconceito contra uma raça que julgamos diferente da nossa, propagando o ódio.

Por globalização, entendemos que são os processos que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades que tornam o mundo mais interconectado (GIDDENS, 1990, p. 64), fenômeno que trouxe mudanças tanto na economia como na tecnologia. Vale ressaltar que a globalização teve, pelo menos, quatro fases: a primeira foi na era colonial (que teve início na Europa, no século XIV); a segunda na era industrial (séculos XVIII e XIX); a terceira em meados dos anos 1990, que teve início no final da Segunda Guerra Mundial e foi até o final da Guerra Fria, e a quarta, que estamos vivendo – a era da tecnologia e comunicação midiática – cuja principal característica é a sensação de encurtamento das distâncias e a aceleração do tempo.

Pelo conceito de hibridismo, entendemos que: “[...] (é um conceito) que envolve uma mistura de elementos culturais distintos que criam significados e identidades.” (BARKER, 2004, p. 89). Isso posto, a hibridação, tampouco, é sinônimo de fusão sem contradições, mas sim algo que nos ajuda a entender os conflitos gerados por essa fusão que nem sempre é harmoniosa. (CANCLINI, 2003, p. XVIII).

O sentimento de *displacement*, por exemplo, é comum em pessoas que, escolhem ou não, morar em outro país, ou seja, quanto mais tempo elas passam fora de seu país de origem, maiores são as chances de elas se sentirem não inseridas ou até mesmo deslocadas, como diz Said no seu livro: *Out of place* (1999)

(Fora de lugar) em que ele trata desse tema. As pessoas, muitas vezes, não se identificam com o lugar em que estão em determinado momento e por isso podem sentir uma ânsia por mudança. Juntamente com os conceitos de *displacement*, trataremos também de *belonging* e *homelessness*, conforme apresentados anteriormente.

E, por fim, temos o conceito de *home*, que trata das pessoas que passaram por tantas experiências em lugares diferentes que talvez não saibam mais qual é seu verdadeiro lar. Segundo Bauman, a casa é o lugar para se tirar a armadura e desfazer as malas, ou seja, é a urgência de que temos de nos sentirmos em casa, de reconhecermos os arredores e de nos sentirmos pertencentes àquele lugar. (BAUMAN, 1996, p. 29). O lugar onde podemos ser realmente quem somos.

JUSTIFICATIVA DO TEMA

A partir da leitura de *Americanah*, sentimo-nos motivados a analisar os conceitos que são tratados na obra, que vão além da narrativa do romance entre as personagens centrais: Ifemelu e Obinze. Proporcionando, dessa forma, diferentes caminhos de análise, uma vez que entendemos que um dos papéis da literatura é o de imitar a realidade por meio da ficção.

Para o escritor moçambicano Mia Couto, a beleza da literatura está na liberdade que ela tem de ser real sem precisar ser histórica: “[...] o compromisso maior do escritor é com a verdade e com a liberdade. Para combater pela verdade o escritor usa uma inverdade: a literatura. Mas é uma mentira que não mente”. (LAPA, *Universo dos leitores*, 2005).

A literatura possibilita, assim, que o autor faça uso, por exemplo, de elementos fantásticos, políticos, religiosos, ou seja, há uma gama infinita de possibilidades para trabalharmos com uma quase verdade que não é a que está nos livros de história, mas que pode ter referências históricas, fazendo com que, muitas vezes, identifiquemo-nos com determinada obra como se o autor transpusesse partes de nossas vivências. Sobre o mesmo assunto, Bhabha nos diz que se

estamos buscando uma “mundialização” da literatura, seria porque talvez ela seja um ato crítico que tenta compreender a história e a retrata, portanto devemos nos preocupar com a compreensão da ação humana e do mundo social como um momento em que algo está fora de controle, mas não fora da possibilidade de organização. (BHABHA, 1998, p. 34).

Literatura também é arte, ou melhor, a arte da palavra, e seguindo nessa direção entre os variados papéis da literatura e de como a pensamos: “A Literatura é a impressão de vida, é fonte de si mesma enquanto escrita de uma sensibilidade, enquanto registro [...]”. (HANNA apud PESAVENTO, 2006, p. 3), sendo assim, não é à toa que a literatura continua sendo objeto de análise até os dias de hoje, independentemente de seu formato, seja um poema, um romance, uma peça de teatro etc.

Ao longo dos anos, a literatura mostrou seu poder de sedução e sempre teve esse cunho de retratar, de alguma forma, fatos históricos e do cotidiano em determinados momentos da história e sobre isso, mais especificamente, Antônio Candido nos diz que a literatura é um instrumento poderoso, sendo proposta como um instrumento intelectual e até mesmo afetivo. Os valores da sociedade são expressos por meio da ficção, da poesia e do teatro e diz ainda que: “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.” (CANDIDO, 1995, p. 175).

Isso posto, podemos concluir que a literatura sempre fez e fará parte da nossa sociedade, mostrando-nos, sob outras óticas, as delícias e as mazelas da vida e do mundo em que vivemos. É por meio dela que Adichie, sabiamente, possibilitou-nos, senão entender, conhecer um pouco mais sobre a cultura nigeriana no presente momento de mundialização em sua obra *Americanah* e como a nossa identidade pode ser influenciada e/ou transformada de acordo com as nossas vivências.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1. IDENTIDADE E RACIALIDADE

Um dia aprendi, uma arte secreta, Invisibilidade, era seu nome. Acho que funcionou pois ainda agora vocês olham mas nunca me vêem só meus olhos ficarão para vigiar e assombrar e transformar seus sonhos em caos.

(JIN apud BHABHA, 1998, p. 78).

Quando discutimos o conceito de identidade, podemos pensá-la desde um documento de identificação (RG) até a nossa personalidade. Porém, a ideia que temos disso, com base em teóricos dos Estudos Culturais, vai além do que acreditamos ser a identidade de um indivíduo, de um povo, de uma cultura e de uma nação e não há como defini-la, pois identidade é um tema complexo. Para Paul Du Gay e Stuart Hall:

A identidade é um conceito – que opera “sob rasura” no intervalo entre a inversão e a emergência; uma ideia que não pode ser pensada como fora no passado, entretanto, sem certas questões-chave não podem nem mesmo ser considerada. (GAY; HALL, 2003, p. 2)⁸.

Entretanto, é possível entendê-la e discuti-la; para tanto, contamos com o aporte teórico de autores que, além de especialistas nesse assunto, tiveram diversas experiências de deslocamento: nasceram em um lugar e, por alguma razão, saíram para morar ou estudar em outro e isso fez com que eles tivessem suas identidades, de alguma forma, transformadas e partilhadas. Por meio dessas experiências, eles sentiram a necessidade de estudar essas noções mais profundamente e expressar o que passaram escrevendo a teoria a partir de suas vivências. Para Hall, esse deslocamento pode ser tanto no âmbito social quanto de si mesmos, isso faz com que alguns indivíduos se sintam em uma verdadeira “crise de identidade” e que

⁸ Identity is such a concept - operating “under erasure” in the interval between reversal and emergence; an idea which cannot be thought in the old way, but without which certain key questions cannot be thought at all. (Tradução nossa).

sintam, ainda, que estão vivendo em um mundo cheio de dúvidas e incertezas. (1998, p. 9)

Ao pensar em identidade, em primeiro lugar, precisamos levar em consideração que ela não é estática, ou seja, é inacabada:

[...] a abordagem discursiva enxerga a identificação como uma construção, um processo que nunca se completa – sempre “em processo”. Ela nunca é completamente determinada, ou seja, pode ser sempre “vencida” ou “perdida” [sic], sustentada ou abandonada. (GAY; HALL, 2003, p. 2)⁹.

Visto que identidade é um processo, é quase impossível para nós pensarmos em uma identidade “unificada”, uma vez que somos compostos de várias identidades e que elas mesmas são “contraditórias”, portanto, muitas vezes, não resolvidas. Isso faz com que as nossas identificações sejam deslocadas, pois ao longo de nossas vidas, muitas histórias de nós mesmos são construídas a partir de nossas experiências, e sobre isso Hall afirma, “se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. (1998, p. 13).

Na modernidade tardia – termo que Hall utiliza para tratar da segunda metade do século XX –, a crença de que a identidade não podia ser algo fixo só se comprovou, pois junto com esse período surgiu um fenômeno chamado globalização. Fenômeno esse que causou o seu impacto sobre as identidades culturais, deixando mais evidente as diferenças entre as sociedades tradicionais (que pregavam a continuidade do passado) e as sociedades modernas (que estão em constante mudança).

Isso posto, com o advento da globalização, a conexão e a interação entre diferentes culturas e pessoas se tornou mais plausível. Percebemos, também, que começamos a ter uma percepção de que a própria sociedade estava longe de ser algo unificada e bem delimitada, isto é, foi possível observar que nossa sociedade,

⁹ [...] the discursive approach sees identification as a construction, a process never completed – always “in process”. It is not determined in the sense that it can always be “won” or “lost”, sustained or abandoned. (Tradução nossa).

de meados da década de 1990 até os dias de hoje, é caracterizada pela diferença e pluralidade. Discutiremos acerca do tema globalização, suas fases e consequências no próximo capítulo, pois entendemos a sua importância no que concerne o conceito de identidade.

Contudo, a identidade precisou ser redefinida a partir de consequências políticas de alguns movimentos sociais que foram surgindo para suprir novas emergências, tais como: o feminismo, tanto de mulheres brancas quanto de mulheres negras; as lutas negras; os movimentos de libertação nacional; os movimentos antinucleares e ecológicos.

Para exemplificar o que Hall (1998) chama de lutas negras, usaremos um exemplo em que o autor discorre sobre um episódio em 1991 com o presidente dos Estados Unidos à época, George Herbert Walker Bush. Por questões absolutamente políticas, o presidente indicou Clarence Thomas, um juiz negro de visões políticas conservadoras. Bush pensou, então, que os eleitores brancos apoiariam Thomas porque ele era conservador, e os eleitores negros por ele também ser negro. No entanto, durante as audiências, Thomas foi acusado de assédio sexual por uma mulher negra, chamada Anita Hill, uma ex-colega de Thomas. Com isso, alguns negros apoiaram Thomas apenas por questões raciais, outros se opuseram devido à questão sexual. Para as mulheres negras, a situação as deixou divididas, pois tiveram de decidir entre sua identidade negra e feminina.

Essa questão se estendeu também aos homens negros, pois estavam divididos entre seu sexismo e liberalismo; aos homens brancos, que estavam entre como se identificavam com o racismo e o sexismo; às mulheres brancas conservadoras, por sua oposição ao feminismo e, por fim, às mulheres brancas feministas, que tinham posições mais progressistas quanto à questão racial e se opunham a Thomas por causa da questão sexual. Isso se tornou nada mais, nada menos do que um jogo de identidade para se apoiar ou se opor ao juiz.

Diante desses movimentos, percebemos que não havia como agrupar as identidades as tornando uma só, as pessoas tinham novas emergências e precisavam de uma ressignificação na sociedade.

Em se tratando do conceito de identidade, algumas ideias simplistas a respeito podem nos ocorrer, uma delas é a de que a identidade na modernidade é totalmente deslocada e que no passado elas eram unificadas e coerentes. Hall (1998, p.10-46) afirma que essa forma de contarmos os fatos é muito superficial. Porém, ele se vale dela para tornar essa ideia mais inteligível e, assim, desmembra a conceitualização do sujeito moderno em três pontos.

Primeiro, ainda no século XVIII, percebemos que o indivíduo não se percebia como ser unificado, uma vez que ele nasceu da dúvida se Deus estava ou não no centro do universo; a possibilidade de o sujeito ser unificado surgiu no Iluminismo, que tinha como característica o homem racional. Com o advento da industrialização e, posteriormente, com o capitalismo, as pessoas precisaram aprender a negociar e com isso foram adquirindo uma forma mais coletiva e social.

O segundo ponto, foi a partir de discussões nas Ciências Sociais que nos mostraram a atuação dos indivíduos em grupo, para tentar provar que eles são formados por meio de sua ampla relação social e pelos papéis que esse indivíduo desempenha nesses grupos com os quais se relaciona.

O último, que data da primeira metade do século XX, retrata o surgimento do Modernismo. Nesse período, o indivíduo é mostrado apenas como uma alegoria da multidão ou da metrópole, como um anônimo no meio de uma legião de pessoas que nos dá pistas de como esse sujeito seria na modernidade tardia.

Hall trata ainda do descentramento do sujeito por meio do deslocamento, que é característica da modernidade tardia, e faz um resumo de cinco impactantes descentramentos pelos quais o indivíduo passou ao longo da história.

O primeiro descentramento surge por volta do século XIX e tem como referência sobre o que se pensava do marxismo, seus novos estudiosos reinterpretaram seus pensamentos dizendo que os indivíduos não eram os autores de sua história, teoria que surgiu a partir dos pensamentos althusserianos.

O segundo, já no século XX, parte da descoberta do inconsciente por Freud, que trouxe a ideia de que nossas identidades e até mesmo a nossa sexualidade são formadas no inconsciente. Essa ideia vai contra os pensamentos que retratavam o racional como promotor de uma identidade unificada.

Nessa forma de pensar, acreditamos que a criança se desenvolve a partir das relações e das negociações com os outros. A partir dessa formação do eu refletido no outro é que a criança começa a conviver com sentimentos contraditórios: amor e ódio; o desejo de agradar e rejeitar; o bom e o mau etc., sentimentos que podem deixar o sujeito dividido por toda a sua vida.

Essa origem da identidade fora vista como contraditória, porque, embora ela aceite a formação a partir da relação do eu com o outro, ainda assim, esse outro é representado por uma fantasia como se fosse criada diante de um espelho. Logo, ainda se pensava em uma individualidade que era única porque essa identificação estaria resolvida dentro dessa pessoa que fantasiava o outro diante do espelho. Entretanto, o pensamento freudiano, apesar de subjetivo e de poder dar margem a várias interpretações, é ainda estudado e considerado, pois de alguma forma, já sugeria para nós que para a formação da identidade de um indivíduo era preciso existir a relação do eu com o outro, e de como éramos representados para esses outros.

O terceiro descentramento que Hall descreve, surge do linguista estruturalista Ferdinand Saussure. Ao contrário do pensamento althusseriano, o linguista falava que nós éramos autores daquilo que dizemos e afirmamos. Sugere ainda, que usamos a língua não somente para nos expressarmos, mas também para produzirmos sentido e significado, e que não temos controle sobre esse fenômeno, uma vez que os significados das palavras não são fixos, surgem da relação de uma palavra com a outra. Sobre isso, Hall nos dá o simples exemplo das palavras dia e noite, só sabemos o que é uma por causa da existência da outra.

O quarto descentramento surge a partir do filósofo e historiador Michel Foucault, que destaca o poder disciplinar – estudo que data de meados do século XIX até início do presente século –, que tem como ensejo regular e disciplinar a população moderna: oficinas, quartéis, escolas, prisões, hospitais, clínicas e assim por diante. O principal objetivo é controlar por completo as atividades e a vida do indivíduo, tentando provar, assim, que essa técnica disciplinar individualiza o sujeito, ou seja, que as pessoas que são subordinadas ao controle, tendem a se individualizar.

O quinto e último descentramento que Hall nos revela, a partir da segunda metade do século XX, é o impacto que o feminismo causou enquanto movimento social que surgiu nos anos 1960 com outros movimentos que tinham como objetivo os direitos civis. Com eles, surgiu a política de identidade, pois cada um desses movimentos tinha uma identidade específica para angariar seguidores. As pessoas seguiam aqueles com os quais se identificavam.

Os movimentos sociais que surgiram em meados da década de 1960, as revoltas estudantis, as lutas pelos direitos civis etc., opunham-se à política liberal capitalista do Ocidente e à política stalinista, ou Era Stalin, do Oriente, todos esses movimentos da época tinham o que Hall chama de “uma ênfase e uma forma cultural fortes” (1998, p. 44). Porém, o movimento que ganhou mais destaque foi o feminismo, pois questionou áreas da vida social antes pouco discutidas, por exemplo: a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a divisão doméstica do trabalho, o cuidado com as crianças etc.

Vale ressaltar que o movimento feminista teve início pelas lutas das mulheres e foi se expandindo para outros âmbitos, como a formação sexual e de gênero, e mostrou que homens e mulheres são parte da humanidade, ou seja, têm os mesmos direitos enquanto seres humanos, independentemente do gênero sexual. Essa ideia dialoga com a palestra que se tornou livro, de Adichie, chamado *We should all be feminists* (2012) – (Sejamos todos feministas), em que a autora além de explicar de maneira didática e, muitas vezes, irônica, as “diferenças” entre homens e mulheres, e de explicar que devemos ter os mesmos direitos enquanto seres humanos, ela ainda faz um convite para que todos nós abracemos essa causa.

Hall também nos chama atenção para o fato de que uma vez que esse sujeito tenha sido ou se sinta fragmentado, como ficaria, então, a questão de suas identidades culturais e nacionais? Ele se pergunta, na verdade, se estariam sendo afetadas pelo processo de globalização.

Sobre a identidade nacional, o autor nos diz que é algo que não está no nosso gene, porém é algo com a qual nascemos, mas que pode ser transformada. A cultura nacional criou padrões de alfabetização, criou uma cultura homogênea e construiu um sistema educacional nacional. Desse modo, uma cultura nacional é:

“[...] um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas nações quanto a concepção que temos de nós mesmos.” (HALL, 1998, p. 50).

Afirma ainda que a identidade nacional enfatiza a tradição, a herança e a continuidade do passado, e que essa tradição pode ser real ou inventada. Mostramos também a necessidade que temos de um mito fundador, ou seja, uma história que localize a origem da nação como uma história alternativa para as colonizações que aconteceram ao redor do mundo. A exaltação da cultura nacional é um clamor das pessoas pelas glórias que ficaram para trás, dando a impressão de que o passado era melhor. E que é preciso um retorno ao passado para seguir adiante, quando as pessoas se fixam nisso o que ocorre, muitas vezes, é a não aceitação do outro:

[...] frequentemente esse mesmo retorno ao passado oculta uma luta para mobilizar as “pessoas” para que purifiquem suas fileiras, para que expulsem os “outros” que ameaçam sua identidade e para que se preparem para uma nova marcha para frente. (HALL, 1998, p. 56).

Ainda sobre esse tema, Gilberto de Mello Kujawski, reitera que a “consciência regional” é enraizada no passado, ao passo que a “consciência nacional” segue rumo ao futuro, porém sem abandonar o passado (2005, p. 1). Vale ressaltar que entre o passado e o futuro está o presente, formando, assim, o que o sociólogo Gilberto Freyre chama de realidade trípica: “Tempo trípico, em que o presente se altera, fazendo com que o passado e o futuro sejam invariavelmente rearticulados.” (HANNA, 2008, p. 2).

Kujawski sugere ainda que essa busca incessante pela pureza de povos, que ele chama de “mesmidade”, pode ser grave pois leva ao preconceito em vários âmbitos: religioso, nacional, racial etc.:

A mística da pureza, que tem ensangüentado [sic] a história, com exemplos recentes como foram o nazismo, o fascismo, e agora o fundamentalismo religioso (não só do Islã, diga-se de passagem), nasce daquela concepção estrita e rigorosa da identidade inspirada na rigidez dos corpos geométricos [...]. (KUJAWSKI, 2005, p. 5).

A identidade nacional se pretende unificadora e faz com que as pessoas acreditem que fazem parte do mesmo grupo independentemente de sua classe, gênero ou raça. Porém, não é simples assim, uma vez que as culturas nacionais sempre foram separadas e foram, muitas vezes, unificadas por meio da violência. Os povos que foram conquistados e até mesmo colonizados, puderam vivenciar isso e viram sua língua ser substituída pela língua do colonizador, assim como seus costumes, religião etc.

Hall exemplifica esse fato com o povo britânico, que é constituído por esses tipos de conquistas: céltica, romana, saxônica, viking e normanda. Vale lembrar que os ingleses fizeram com a própria Nigéria no período de colonização, em que os britânicos travaram uma luta com os portugueses pelo controle do tráfico de escravos. Entre os séculos XVII e XIX, comerciantes europeus estabeleceram portos costeiros para o aumento do tráfico de escravos para as Américas. A proibição do comércio escravista só ocorreu no início do século XIX, mas não impediu a expansão britânica pela bacia do rio Níger. Em 1914, a Nigéria se tornou colônia britânica.

A Companhia Real de Niger foi criada pelo governo britânico, em 1886, e nesse período a Nigéria se tornou um protetorado britânico em 1901, e uma colônia em 1914. Em resposta ao crescimento do nacionalismo nigeriano ao final da Segunda Guerra Mundial, o governo britânico iniciou um processo de transição da colônia para um governo próprio com base federal, concedendo independência total em 1960, tornando a Nigéria uma federação de três regiões, cada uma contendo uma parcela de autonomia.

Não podemos esquecer que as nações são compostas de diferentes classes sociais e diferentes grupos étnicos e de gênero, isto é, esses fatores também implicam na não-unificação da identidade nacional. Em uma sociedade patriarcal, por exemplo, os valores serão masculinos: mulheres são representadas exercendo um papel secundário como dona de casa e mãe.

O que o autor nos mostra com isso é que devemos pensar nas culturas nacionais como diferentes: “[...] são atravessadas por profundas divisões e

diferenças internas, sendo “unificadas” apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural.” (HALL, 1998, p. 62).

Apesar das diferenças que Hall nos revela, destacando que as identidades nacionais não são padronizadas, ainda assim tentamos, de alguma forma, representá-las como tal por meio da etnia, como se um lugar fosse composto por um único povo e uma única cultura: “*As nações modernas são, todas, híbridos culturais.*” (HALL, 1998, p. 62).

Outra forma de tentarmos unificar a identidade nacional é pela raça, porém Hall nos mostra o quão essa forma é falha a começar pelo fato de que raça não é definida biologicamente, mas sim discursivamente. Ou seja, vai além das diferenças físicas: cor da pele, textura do cabelo e características sociais. Vale ressaltar que o racismo tem como base a crença nessa diferença biológica, no patriotismo e no nacionalismo, definindo o outro como inferior.

Em se tratando do conceito de identidade, não há como não tratarmos de racialidade. De acordo com o *Dictionary of Cultural Studies Sage by Chris Barker* (2004), podemos entender raça ou racialidade, num primeiro momento, como categorias de pessoas baseadas em suas características biológicas. Entretanto, essas divisões não são feitas aleatoriamente, mas sim estabelecidas por uma prática social, ou seja, raça passa a ser vista como uma forma de identidade.

A representação da raça classifica as pessoas pela inteligência e capacidade, superior e subordinado, por gênero e etnia, gerando uma classificação por meio do poder que, historicamente, as pessoas negras serão, em sua grande maioria, subordinadas.

À medida que as pessoas foram sendo categorizadas por isso ou aquilo, o significado de racialidade mudou e passou a ser, quase, sinônimo de racismo ou racismos, pois muitas formas de preconceito racial surgiram ao longo da história.

Na Inglaterra, por exemplo, o racismo foi despertado pela chegada de migrantes do Caribe e do subcontinente da Índia, em 1950. Já a história dos Estados Unidos começou com o genocídio de nativos americanos e continuou com a escravidão.

Para Raymond Williams, em seu dicionário *Keywords: A Vocabulary of Culture and Society* (1983), o autor diz que raça pode categorizar muitas coisas, dentre elas: plantas e animais. Porém, os problemas começaram a surgir quando classificaram as espécies em “raças de homem” (homem como humanidade).

Por meio da Antropologia começamos a ser classificados pelo tamanho do nosso crânio que nos distinguia entre: caucasianos, mongóis, malaios, etíopes e americanos, marcados também pelas cores de pele: branca, amarela, marrom, preta e vermelha. A partir desse ponto surgiu então, o que se chamaria de “raça pura” por herança, por meio do sangue ou raça gerando uma superioridade racial com ideias de dominação política e imperialismo que se propagaram pelo mundo.

Desde então, racismo se tornou um termo hostil e sinônimo de preconceito, e discriminação que espalhou o ódio por raças ditas inferiores por parte de determinadas nações, entre elas podemos destacar: os judeus, os negros, os orientais, os indianos, os irlandeses e os paquistaneses.

Para Williams:

O preconceito e a crueldade que frequentemente seguem ou são racionalizados por confusões, não são somente perversas; mas também profundamente complexas, e em alguns lugares acontecem por meio de ameaças, a linguagem do (não-preconceituoso) do reconhecimento da diversidade humana e suas comunidades. (1983, p. 125)¹⁰.

Podemos notar essa questão da racialidade em *Americanah*, quando Ifemelu, já está estabelecida nos Estados Unidos, percebe-se negra. Obviamente ela sabia que era negra, a diferença é que até então, sendo da Nigéria, isso não era uma preocupação. E há uma passagem na obra em que ela mostra a sua exaltação por dizerem que racismo de brancos contra negros não existe:

¹⁰ The prejudice and cruelty that then often follow, or that are rationalized by the confusions, are not only evil in themselves; they have also profoundly complicated, and in certain areas placed under threat, the necessary language of the (non-prejudicial) recognition of human diversity and its actual communities.(Tradução nossa).

O único motivo pelo qual você diz que a raça nunca foi um problema é porque queria que não fosse. Nós todos queríamos que não fosse. Mas isso é uma mentira. Eu sou de um país onde a raça não é um problema; eu não pensava em mim mesma como negra e só me tornei negra quando vim para os Estados Unidos. (ADICHIE, 2013, p. 359)¹¹.

Podemos destacar também um dos *posts* de Ifemelu, intitulado “Obama é alguma coisa além de negro?”¹², em que ela discorre sobre o fato de as pessoas dizerem muitas coisas sobre a raça e a cor de pele de Obama, como se ele não fosse mais nada além de sua cor e que essa questão seria a mais relevante a ser discutida sobre ele, e que racismo é um absurdo justamente porque é sobre a nossa aparência e não sobre o nosso sangue:

Muita gente — principalmente quem não é negro — diz que Obama não é negro, é birracial, multirracial, mestiço, qualquer coisa menos simplesmente negro. Porque a mãe dele era branca. Mas raça não é biologia; raça é sociologia. Raça não é genótipo; é fenótipo. A raça importa por causa do racismo. E o racismo é absurdo porque gira em torno da aparência. Não do sangue que corre nas suas veias. Gira em torno do tom da sua pele, do formato do seu nariz, dos cachos do seu cabelo. (ADICHIE, 2013, p. 419)¹³.

Para tratarmos dos conceitos de identidade e racialidade foi necessária uma análise desde as suas origens para entendermos quando, de fato, essas questões começaram a ser pensadas como algo que se formava por meio do coletivo, ou seja, das relações vividas por esse indivíduo, nas negociações culturais e na convivência com as diferenças. Sobre isso é importante levarmos em consideração que com o advento da globalização tardia ou nova globalização, o deslocamento de pessoas de um lugar para o outro, ficou mais comum e com isso essas relações ficaram ainda mais complexas.

¹¹ The only reason you say that race was not an issue is because you wish it was not, we all wish it was not. But it's a lie. I came from a country where race was not an issue; I did not think of myself as black and I only became black when I came to America.

¹² Is Obama anything but black?

¹³ So lots of folk – mostly non-black - say Obama's not black, he's biracial, multirracial, black-and-white, anything but just black. Because his mother was white. But race is not biology; race is sociology. Race is not genotype; race is phenotype. Race matters because of racism. And racism is absurd because it's about how you look. Not about the blood you have. It's about the shade of your skin and the shape of your nose and the kink of your hair.

A questão da memória, por exemplo, é algo que deve ser considerada, pois os indivíduos que tiveram que deixar seu país de origem, quando retornam, se deparam com uma espécie de novo lugar que não é mais aquele de outrora. Ou seja, aquele lugar que está em sua memória fora modificado, assim como o indivíduo que retorna também não é mais o mesmo. Percebemos também que a nossa perspectiva, a partir de novas experiências vividas, também mudaram em relação àquele lugar. Vale ressaltar que, quando estamos distantes o que, normalmente, permanece em nossa memória são apenas aqueles momentos que nos trazem boas recordações, distorcendo, muitas vezes, as lembranças que temos. Segundo Marc Augé:

As experiências vividas no passado, como se sabe, adquirem com o tempo uma aura particular, mas sobretudo criam identidade e diferença: identidade com aqueles que as compartilharam, de qualquer natureza que possam ser [...]. (1997, p124).

Podemos perceber essas mudanças por meio do que aconteceram com os povos ao longo da história, por exemplo. Kujawski afirma que o chinês, o alemão, o inglês etc. de hoje não são os mesmos de outrora, porém afirma ainda que o que não muda é a identidade desses povos:

Mudam-se os tempos, mudam-se as coisas e as pessoas, e mudam os povos. Nada mais certo. Os povos se transformam a olhos vistos, mas o que não muda e nem se altera é a identidade de cada um. (2005, p. 3).

Conforme mencionado acima, sobre a formação da identidade a partir da relação interativa do eu com o outro, precisamos levar em consideração como esse outro nos vê e como nós vemos esse outro. Temos que partir do pressuposto que também somos diferentes para quem está diante de nós, porém mais importante de como o enxergamos, é como lidaremos com esse indivíduo: entraremos em conflitos, apenas toleraremos ou, de fato respeitaremos? Sobre isso, Gay e Hall consideram que, mais importante do que ser, é no que nos tornamos e de como somos representados nessas relações:

[...] na verdade as identidades são as questões de como podemos usar os recursos da história, da língua e da cultura no processo de se tornar em vez de ser: não se trata de “quem somos” ou “de onde viemos”, é muito mais sobre no que podemos nos tornar, como temos sido representados e como isso é relevante na maneira com a qual podemos nos representar. (2003, p. 4)¹⁴.

Diante desse outro podemos, inclusive, termos a necessidade de mostrar quem somos através de um gesto ou até mesmo do sotaque ou da língua. Podemos perceber esse fato em *Americanah*, quando Ifemelu está se preparando, em um salão de cabelereiros nos Estados Unidos (onde trabalham africanas), para voltar para Nigéria. Aisha, uma das atendentes, acha que pelos quinze anos que Ifemelu já viveu nos Estados Unidos, esse tempo deixou-a americanizada demais e pergunta se ela fala igbo, ao que Ifemelu responde rispidamente: “Claro que eu falo igbo.” Ifemelu disse, defensivamente, perguntando-se se Aisha estava, mais uma vez, sugerindo que a América a tinha mudado. (ADICHIE, 2013, p. 49).¹⁵

Fica claro, para nós leitores, nessa passagem, como a protagonista de *Americanah* demonstra não gostar do fato de as pessoas, muitas vezes, pensarem que ela pode ter esquecido seus antigos costumes e que poderia ter esquecido uma das línguas falada pelo seu povo, e que os Estados Unidos a tinha influenciado demais.

Em outros momentos da narrativa, Ifemelu nos mostra como tentou se inserir naquela cultura, tão distinta da sua, para se misturar com aquelas pessoas que ela jamais poderia se igualar, por mais que tivesse tentado. Podemos perceber isso em um trecho da história, em que Ifemelu estava conversando com seu namorado Curt (que era branco e não entendia certas decisões que Ifemelu tomava, por exemplo a questão do alisamento do cabelo) e ele pergunta o porquê do alisamento dos seus cabelos para uma entrevista de emprego, uma vez que ele os considerava tão lindos. Ao que a protagonista responde, ressaltando que os cabelos alisados lhe davam, na verdade, uma aparência “profissional”, completando que se ela

¹⁴ [...] actually identities are about questions of using the resources of history, language and culture in the process of becoming rather than being: not “who we are” or “where we came from”, so much as what we might become, how we have been represented and how that bears on how we might represent ourselves. (Tradução nossa).

¹⁵ “Of course, I speak Igbo.” Ifemelu said, defensive, wondering if Aisha was again suggesting that America had changed her.

aparecesse com o seu cabelo natural, provavelmente, não a levariam a sério e não a contratariam:

Meu cabelo cheio e legal funcionaria se eu fosse entrevistada para cantora de apoio em uma banda de jazz, mas eu preciso parecer profissional para essa entrevista, e profissional significa que liso é melhor, mas se for para ser cacheado, então precisa ser cacheado como o dos brancos, cachos soltos ou pior, cachos espirais, mas nunca crespos. (ADICHIE, 2013, p. 252)¹⁶.

Porém, o que não sabemos, é que muitas vezes, para nos redescobrirmos em nossa identidade, não é do contato com o outro que precisamos, mas de entrar em contato com o anonimato, com o silêncio, para, verdadeiramente, refletirmos sobre aquilo que realmente somos e representamos no mundo, sobre isso Gay e Hall nos esclarecem explicando: “Você não vai ao deserto para encontrar a identidade, mas para perdê-la, para perder a sua personalidade, para se tornar anônimo... E então, algo extraordinário acontece: você ouve a voz do silêncio.” (2003, p. 20)¹⁷.

Assim como esses autores, Homi Bhabha reitera a questão da relação entre o eu e o outro no jogo das identidades. O que temos não é a identidade em si, mas uma representação dela e de como o sujeito pode ser transformado a partir dessa representação do meu eu nesse outro, e vice-versa:

Finalmente, a questão da identificação nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca uma profecia autocumpridora - é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem. A demanda da identificação - isto é, ser para um Outro - implica a representação do sujeito na ordem diferenciadora da alteridade (1998, p. 76).

E aponta ainda, que a identidade nunca será fixa conforme mencionado anteriormente: “Para a identificação, a identidade nunca é a priori, nem um produto acabado; ela é apenas e sempre o processo problemático de acesso a uma linguagem da totalidade.” (BHABHA, 1998, p. 85).

¹⁶ My full and cool hair would work if I were interviewing to be a backup singer in a jazz band, but I need to look professional for this interview, and professional means straight is best but if it's going to be curly then it has to be the white kind of curly, loose curls or, at worst, spiral curls but never kinky. You do not go to the desert to find identity, but to lose it, to lose your personality, to become anonymous... And then something extraordinary happens: you hear silence speak.

¹⁷ You do not go to the desert to find identity, but to lose it, to lose your personality, to become anonymous... And then something extraordinary happens: you hear silence speak. (Tradução nossa).

Para falar de identidade, Bhabha também trata dos conceitos de ausência, presença, representação e repetição. A imagem nada mais é do que uma identificação representada, tornando, assim, presente algo que está ausente, podemos pensar claramente no exemplo de uma foto, que representa a imagem de alguém que não está conosco agora: “[...] é a representação de um tempo que está sempre em outro lugar, uma repetição”. (1998, p. 85).

Sobre esse tema, também não podemos esquecer o fato de que quando dizemos quem somos, estamos, de alguma forma, negando tudo aquilo que não somos, ou seja, fica implícita a ideia de tudo o que estamos negando com uma única afirmação. Tadeu Tomaz da Silva exemplifica isso muito bem, quando ele discute a respeito da nossa nacionalidade e do peso de que tem a frase “sou brasileiro”: “Por trás da afirmação “sou brasileiro” deve-se ler: “não sou argentino”, “não sou chinês”, “não sou japonês” e assim por diante, numa cadeia, neste caso, quase interminável”. (2006, p. 2).

Visto que ninguém escolhe ser isso ou aquilo, logo ninguém escolhe a sua identidade nacional; nós nascemos com ela. Kujawski afirma que não há liberdade para um povo escolher se é egípcio, grego, romano e assim por diante: “A identidade é dada ao povo, assim como a vocação pessoal é dada a cada um de nós. Não escolhemos nossa vocação, nascemos com ela.” (2005, p. 2).

Não somente essas afirmações que negam, mencionadas por Silva, o que dizemos, também há as relações de poder no conceito de identidade, ou seja, quem tem o poder de representar algo ou alguém, também tem o poder de determinar aquilo que somos ou não somos, gerando assim, as diferenças. O que são essas diferenças? Se as identidades são criadas, por assim dizer, das relações do eu com o outro, logo, as diferenças são geradas a partir daquilo que imaginamos ser o padrão de algo. Se estamos também tratando de cultura e pessoas, qual é esse padrão? Sobre isso, Silva nos explica que conflitos são gerados quando desejamos padronizar o outro e que o outro sempre vai ser, de alguma forma, diferente:

Mesmo quando explicitamente ignorado e reprimido, a volta do outro, do diferente, é inevitável, explodindo em conflitos, confrontos, hostilidades e até mesmo violência. O reprimido tende a voltar – reforçado e multiplicado. E o problema é que esse “outro”, numa sociedade em que a identidade se torna, cada vez mais, difusa e descentrada, expressa-se por meio de muitas dimensões. O outro é o outro gênero, o outro é a cor diferente, o outro é a outra sexualidade, o outro é a outra raça, o outro é a outra nacionalidade, o outro é o corpo diferente. (2006, p. 6).

Também não podemos esquecer que quando falamos de identidade estamos falando ou despertando estereótipos pré-existentes sobre algo. Entendemos por estereótipo:

[...] pressupostos sobre determinadas pessoas, muitas vezes eles acontecem sem ter conhecimento sobre grupos sociais ou características de indivíduos, como a aparência, condições financeiras, comportamento, sexualidade etc. (IMAGINÁRIO, Andrea. *O que é estereótipo?*)

Vale lembrar que os estereótipos nem sempre são inverdades, mas são normalmente pejorativos e tendem a contar uma única história sobre um povo, cultura ou lugar, sem dar a oportunidade de olharmos mais a fundo para aquilo que estamos tratando. Se acreditarmos cegamente neles reforçaremos algumas ideias que temos do Brasil, por exemplo: que somos o país do futebol; do carnaval; que há macacos nas praias que frequentamos; que falamos espanhol etc., até podemos ser algumas dessas coisas, mas não somente isso. Em relação a esse assunto, Adichie nos alerta em sua palestra proferida no TED *Talks*, “*The danger of a single story*” (O perigo da história única):

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias têm sido usadas para desapropriar e difamar, mas as histórias também podem ser usadas para dar poder e humanizar. As histórias podem tirar a dignidade das pessoas, mas elas também podem restituí-la. (ADICHIE, Chimamanda N. *The danger of a single story*. TED *Talks*, 2009)¹⁸.

¹⁸ Stories matter. Many stories matter. Stories have been used to dispossess and to malign, but stories can also be used to empower and to humanize. Stories can break the dignity of a people, but stories can also repair that broken dignity. (Tradução nossa).

Podemos observar que, em se tratando de identidade, temos sempre de ter em mente que não chegaremos a um conceito definitivo, tampouco que partiremos de um único ponto de vista para discuti-la. Percebemos também que há muito ainda a ser dito e discutido, uma vez que estamos tratando de identidade, cujo tema envolve também as mudanças que ocorrem a partir de experiências, pois sabemos que ela não é fixa.

Outro aspecto que também deve ser considerado ao tratarmos de identidade, como um todo, é a globalização, pois a partir dela, o deslocamento para outros países, o contato com outros povos e culturas se tornou ainda mais realizável. Esse fenômeno acabou impactando as vidas das pessoas, de uma maneira tanto positiva quanto negativa; desde variações nas línguas, em especial, o inglês, até uma pandemia, como a que estamos vivendo hoje, devido à covid-19.

1.2. CONSEQUÊNCIAS E IMPACTOS DA GLOBALIZAÇÃO

Eu sou uma cidadã do planeta de raízes singelas com uma visão perceptiva eu sou protegida pelos anjos e meu corpo me guia em qual direção seguir.

(MORISSETTE, *Citizen of the Planet*, 2008)¹⁹.

Ainda pensando na questão da identidade, o termo globalização apesar de não ser novo tem sido muito discutido atualmente. Mesmo que não tivesse necessariamente esse nome, o fenômeno já acontecia no passado. Porém, hoje em dia, muito mais do que no passado, as pessoas têm se deslocado de um lugar ao outro com mais frequência e velocidade. Sem contar que as imigrações – movimento de entrada de um indivíduo ou grupo de pessoas em um país com o intuito de trabalhar ou morar – e emigrações – movimento de saída de um indivíduo ou grupo de pessoas de seu país de origem para se estabelecer em outro – têm se tornado

¹⁹ I am a citizen of the planet from simple roots through high vision I am guarded by the angels and my body guides the direction I go in. (Tradução nossa).

Essa é uma canção da cantora canadense, Alanis Morissette, escrita em 2008. Nessa música, a compositora diz que ela se sente como uma cidadã do mundo, por estar sempre em lugares diferentes e conhecendo diferentes culturas.

mais urgente em alguns países por diversas razões, porém podemos destacar duas como as principais: políticas e religiosas. A partir desses deslocamentos, é como se essas pessoas não tivessem um lugar fixo e que pertencessem a todos ou a nenhum destes, de acordo com Nestor Garcia Canclini:

[...] gente que migra ou viaja, que não vive onde nasceu, que troca bens e mensagens com pessoas distantes, que assiste a cinema e televisão de outros países ou conta histórias em grupo sobre o país que deixou. Gente que se reúne para celebrar alguma coisa distante ou que se comunica por correio eletrônico com outras pessoas que não sabe quando irá rever. De certo modo, sua vida está em outro lugar. (2007, p. 46).

Essa fase da globalização que estamos vivendo, é chamada de globalização tardia ou nova globalização, que tem como principal característica um sentimento de encurtamento das distâncias e um aceleração do tempo fazendo com que sejamos mais interconectados. Isso nos causa a impressão de que o mundo tenha diminuído, não é à toa que um acontecimento do outro lado do globo faz com que pensemos que isso terá um impacto direto sobre nós. Sobre isso, Hall nos posiciona da seguinte forma:

Essas novas características temporais e espaciais, que resultam na compressão de distâncias e de escalas temporais, estão entre os aspectos mais importantes da globalização a ter efeito sobre as identidades culturais. (1998, p. 67-68).

O que é globalização, afinal? Em uma palestra, Anthony Giddens afirma que é o mundo interconectado:

O que significa globalização? Significa aumentar a interdependência na sociedade, significa que o que acontece aqui tem relação com o que acontece na China, ao redor do mundo, e vice-versa. [...] nós estamos fazendo algo novo para a história aqui, por isso não a entendemos completamente, eu acho. (GIDDENS, Lord Anthony. Oxford Union Society. YouTube, 2013)²⁰.

²⁰ What does globalization mean? It means increasing interdependence of world society, it means what happens here is linked to what happens in China and across the world, and vice-versa. [...] we are doing something new in history here, which is why we don't fully understand it, I think. (Tradução nossa).

Ao apontar que a globalização tem um papel de aumentar a interdependência da sociedade, Giddens dialoga com o que Jane Jackson escreve em seu livro, *Introducing Language and Intercultural Communication* (2014), a autora disserta que a globalização abre a economia mundialmente, gerando essa interdependência mundial, principalmente para o mundo dos negócios.

Jackson afirma ainda que esse fenômeno impacta também na língua e devido a essa repercussão, houve o surgimento do termo *englishes*, a partir de linguistas na década de 1980, que se refere a uma grande variação das “línguas inglesas” sendo faladas no mundo, uma vez que o inglês é uma das principais línguas utilizadas nessa comunicação global. Variações foram desenvolvidas no passado e continuam a se desenvolver no presente. Não é à toa que o inglês se tornou língua franca em muitas partes do mundo. Lembrando que estamos vivenciando a globalização tardia, porém há outras quatro fases, que devido à sua complexidade, não há como determinarmos exatamente quando cada uma teve início.

A primeira fase da globalização teria sido na era do colonialismo, que ocorreu com a expansão marítima europeia, responsável por uma transformação gradativa da estrutura social da época. Anteriormente, não se pode dizer que havia uma globalização, uma vez que o predomínio era do isolamento das sociedades em economias relativamente autônomas e pouco ou nada integradas entre si.

Em resumo, a principal característica desse período foi a formação das colônias europeias na América e, mais tarde, na África e na Ásia, tornando o “velho continente” como o grande precursor e articulador da globalização e da mundialização do sistema capitalista em todo o planeta. Nesse período, a Europa fornecia mercadorias e as demais áreas forneciam matérias-primas e mão de obra escrava.

Já a segunda, ocorreu em meados da Revolução Industrial, com a expansão da dominação colonial europeia sobre territórios da Ásia e, principalmente, da África, além da consolidação do processo de industrialização no continente europeu. A globalização entrou, então, em uma nova fase com os avanços promovidos na área da indústria e os recursos captados por aquilo que se convencionou chamar de “mundo desenvolvido”.

A partir da exploração de suas colônias ou áreas de dominação econômica, os sistemas de transporte e comunicação ampliaram-se, havendo a criação e difusão de ferrovias, telégrafos, sistemas de telefonia, além do uso dos automóveis, aviões, entre outros. Enquanto os países desenvolvidos produziam e forneciam produtos industrializados, as colônias e países subdesenvolvidos se limitavam ao fornecimento de produtos primários.

A terceira fase teria sido nos anos 1990, esta fase da globalização se estendeu do final da Segunda Guerra Mundial ao final da Guerra Fria e coincidiu com o período da Ordem Mundial marcado pela bipolaridade. Nessa época, o mundo viu a formação de dois grandes blocos de poder: de um lado, a liderança dos Estados Unidos, de outro, da União Soviética.

Se, por um lado, a Guerra Fria gerou pânico no mundo a respeito de uma suposta guerra nuclear, por outro, esse período foi marcado por grandes avanços tecnológicos, principalmente em razão da corrida armamentista e da corrida espacial. Nesse sentido, foram realizados avanços no âmbito da informação e dos transportes, com o desenvolvimento da informática, da robótica, da internet e da biotecnologia. Os instrumentos anteriormente existentes foram aperfeiçoados e novos meios de comunicação e deslocamento foram criados, promovendo, dessa forma, maior amplitude da integração mundial.

E, por sua vez, a quarta fase, é a que estamos vivendo, seria a tardia ou a nova globalização, o que podemos observar como característica principal desse processo, além da consolidação total do sistema de globalização por meio da mundialização integral do capitalismo, é o encurtamento das distâncias e a aceleração do tempo, conforme dito anteriormente.

Porém, Giddens não acredita em fases da globalização, mas que todas as fases estão, de alguma forma, conectadas. O autor acredita também que essa não é unicamente econômica, mas que a comunicação também é algo importante a ser mencionado:

Eu não estou totalmente convencido com uma globalização 1 e 2, para mim, parece que a globalização é um processo completo, tem sido assim desde o começo e permanece assim até agora. É crucial reconhecer que a globalização não é unicamente ou até mesmo primeiramente econômica [...] globalização é gerida pela revolução da comunicação. (Ibid.)²¹.

Quando falamos em encurtamento, referimo-nos à forma com que os sistemas de transporte conseguem alcançar grandes distâncias em pouquíssimo tempo. Já a aceleração do tempo refere-se à velocidade com que novas tecnologias surgem e são rapidamente melhoradas ou substituídas. O sistema financeiro conseguiu avançar ainda mais nessa fase.

Essa questão que Hall chama de “compressão espaço-tempo” impacta na identificação pela qual esses dois elementos, espaço e tempo, relacionam-se com a representação e a identidade, isto é, todo meio de representação, seja uma pintura, um desenho, uma fotografia etc. é diferente em cada época e busca retratar determinada identidade de acordo com essa época.

O impacto da globalização tardia nas identidades culturais se dá também pelo consumismo, pois esse consumismo global cria a possibilidade de “identidades partilhadas”. Qualquer pessoa, de diferentes lugares e culturas, pode receber imagens, mensagens e produtos de qualquer parte do mundo:

As pessoas que moram em aldeias pequenas, aparentemente remotas, em países pobres, do “Terceiro Mundo”, podem receber, [...] imagens das culturas ricas, consumistas, do Ocidente [...] das novas redes de comunicação. (HALL, 1998, p. 74).

Hall nos alerta ainda que por meio de nossas viagens internacionais e pelas imagens que as mídias nos mostram, mais as identidades se tornam desvinculadas e parecem estar flutuando livremente na história. Como se estivéssemos num grande “supermercado cultural”, que tivéssemos uma “moeda global” e que por meio disso nossas diferentes identidades pudessem ser traduzidas numa “homogeneização cultural”. (HALL, 1998, p. 75-76).

²¹ I'm not particularly convinced by globalisation 1 and globalisation 2, it seems to me that globalisation is a three full process, it's been so since the beginning and remain so now. It's crucial to recognize that globalisation is not solely or even primarily economic [...] globalisation is driven by the communication's revolution. (Tradução nossa).

Porém, para Hall, a homogeneização cultural é uma visão pessimista que tem a globalização como uma grande vilã que ameaça as identidades e as culturas nacionais. Dizendo ainda que essa é uma visão simplista, exagerada e unilateral. E nos convida a pensar numa articulação entre o “global” e o “local”, não apenas em um substituindo o outro: “[...] parece improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais. É mais provável que ela vá produzir, simultaneamente, *novas* identificações “globais” e novas identificações “locais””. (HALL, 1998, p. 78).

Isso posto, na globalização ou no mundo pós-moderno como um todo, precisamos pensar num mundo plural, não homogêneo: “A perspectiva pós-moderna vê uma pluralidade heterogênea que clama por conhecimento no qual a Ciência não tem um lugar privilegiado.”²² (GIDDENS, 1990, p. 2). Vale ressaltar também que a globalização não é somente um fenômeno ocidental tal qual pensávamos, pois estudos sugerem que ela tem efeitos inclusive na periferia, embora mais lentamente.

Com o advento da pós-modernidade, a arte como um todo fora transformada e o centro não era mais totalmente válido, ou seja, o “marginal” ou o “ex-cêntrico”, como chama Linda Hutcheon, em termos de classe, raça, gênero, orientação sexual ou etnia, assumiram papel importante mostrando que a nossa cultura não era somente para homens, para a classe média, para os heterossexuais, brancos e ocidentais. Para Hutcheon: “O local e o regional são enfatizados diante de uma cultura de massa e de uma espécie de vasta aldeia global de informações [...] A Cultura se transformou em culturas [...]” (1991, p. 29-30).

Para Bhabha, essas culturas locais ou até mesmo diferentes, nada mais são, conforme traduzido em sua obra, os “entre-lugares”, que ajudaram a redefinir identidade e a definir a ideia que se tinha de sociedade. Essas diferenças culturais geraram conflitos, desrespeito e racialização no centro-sul de Los Angeles, entre coreanos, americanos de origem mexicana e afro-americanos. Afirma ainda, que a articulação da diferença e da minoria é uma negociação complexa infundável que pretende uma transformação. E sugere para irmos além, ou seja, para redesenharmos o presente precisamos de um encontro com o novo, o diferente: “[...]”

²² The post - modern outlook sees a plurality of heterogeneous claims to knowledge, in which Science does not have a privileged place. (Tradução nossa).

residir “no além” é ainda, como demonstrei, ser parte de um tempo revisionário, um retorno ao presente para redescrever nossa contemporaneidade cultural.” (BHABHA, 1998, p. 27).

Visto que a globalização traz vantagens e desvantagens, as vantagens estão sempre mais relacionadas aos avanços tecnológicos e esse encurtamento de distâncias que tornou mais acessível as viagens entre países, por exemplo. Mas com esse trânsito no mundo, como a globalização pode influenciar as pessoas na cultura e nos costumes delas? Hall explica que a última fase da globalização é a que mais tem poder de influência nas identidades, justamente pelo que ele chama de, como vimos anteriormente, “compressão espaço-tempo”. E relata três possíveis consequências sobre as identidades culturais:

As identidades nacionais estão se *desintegrando*, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do “pós-moderno global”. As identidades nacionais e outras identidades “locais” ou particularistas estão sendo *reforçadas* pela resistência à globalização.

As identidades nacionais estão em declínio, mas *novas* identidades - híbridas – estão tomando seu lugar. (HALL, 1998, p. 69).

Para compreendermos melhor essas três possíveis consequências, precisamos, primeiramente, entender o que seriam essas identidades nacionais, locais e híbridas. A identidade nacional e a cultura nacional caminham na mesma direção, e é o que temos de informação sobre uma nação, todas as histórias que nos são contadas, mitos e tradições com as quais podemos ter uma identificação, por exemplo:

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 1998, p. 51).

Por sua vez, a identidade local é mais facilmente moldável justamente pela facilidade que as pessoas têm, hoje em dia, de ir de um lugar a outro e isso nos faz pensar que a identidade local possa até se sobressair em relação a nacional: “Colocadas acima do nível da cultura nacional, as identificações “globais” começam

a deslocar e, algumas vezes, a apagar, as identidades nacionais.”(HALL, 1998, p. 73).

Porém, o que se percebe, de fato, é uma fusão dessas identidades que podem ser chamadas de identidades híbridas ou partilhadas, que se misturam e se entrelaçam com o externo: “[...] mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente””. (HALL, 1998, p. 75). É como se a partir dessas influências, surgissem outras identidades e elas se fundissem, muito mais do que apenas destruir a nacional. E esse fenômeno pode ser visto positiva e negativamente, dependendo do olhar de cada indivíduo em relação a isso.

O que sabemos é que quando se trata de globalização, há muitos ganhos e perdas, assim como há pessoas e teóricos otimistas e pessimistas em relação a esse fenômeno e, obviamente, a globalização, independentemente desse olhar que se possa ter, causa impacto nas identidades. Há quem veja como positiva essa mistura de culturas e há quem veja isso como negativo, ou seja, que essa “mistura” anula o que existia naquele lugar anteriormente.

Sabemos também que há muito o que discutir sobre esse assunto, pois quem não se mudou para outro país, pode conhecer alguém que seja de outro lugar, pode já ter viajado para o exterior etc. E essas pequenas ações podem mudar aquele lugar pelo qual passamos, podem mudar as pessoas com as quais nos relacionamos e até mesmo a nós mesmos viajando para qualquer lugar, inclusive dentro do nosso próprio país, pois mesmo em viagens curtas, interagimos com pessoas diferentes que, normalmente, não têm os mesmos costumes que nós temos. Sem contar a gastronomia, a comida pode dizer muito sobre um lugar, as pessoas comem aquilo que é típico de sua terra, porém até aquilo que se diz típico, já fora influenciado por colonizadores, pelos países em volta etc.

O deslocamento de pessoas ao redor do mundo também não é algo apenas da atualidade, na verdade, ele sempre existiu. As pessoas se deslocavam por diversas razões impulsionadas pela pobreza, seca, fome, pelo subdesenvolvimento econômico etc. O que mudou é que esse deslocamento ficou ainda mais acessível e com essas pessoas se deslocando de seus países para outros, tornou-se uma tarefa

quase impossível nomeá-las, uma vez que sabemos que vão além de simples imigrantes e emigrantes. Zygmunt Bauman em seu artigo: *From pilgrims to tourist – or a short history of identity* (1996), que está na coletânea organizada pelos autores Paul Du Gay e Stuart Hall, *Questions of identity* (2003), Bauman traz explicações de quem seriam esses indivíduos ”perambulando” pelo mundo.

O primeiro grupo é formado por *pilgrims*, mas não como lembramos deles no passado, é uma outra forma de ser peregrino. Bauman fala, por exemplo, das profissões e empregos que aparecem e desaparecem sem sequer nos darmos conta: “Nesse mundo, não somente os empregos-para-a-vida desapareceram, mas comércios e profissões também adquiriram o confuso hábito de aparecerem do nada e desaparecerem sem notarmos.” (1996, p. 25)²³.

O segundo grupo é formado por *strollers*, é como se as pessoas estivessem “indo passear” pelo mundo. Como se elas se misturassem com aquelas pessoas que habitam aquele lugar, mas não pertencessem àquele grupo, ou seja: “[...] na multidão, mas não da multidão.”²⁴ (BAUMAN, 1996, p. 26).

O terceiro são os chamados *vagabonds*, que nada mais do que nômades, eles se deslocavam entre uma ou mais fronteiras, sem fixar residência e não se tinha controle de suas ações: “O nômade não tinha um condutor e não tendo um condutor (fora de controle, fora da fronteira, à solta) [...]”²⁵. (BAUMAN, 1996, p. 29).

Além disso, eram malvistas pelo restante da população, que os consideravam diferentes, ou seja, não pertencentes àquele lugar, eram imprevisíveis e totalmente sem destino: “[...] interpretados pelos governantes, acostumados a usar uma forma secundária para pintar a imagem do Outro como anarquia [...]”²⁶. (BAUMAN, 1996, p. 29).

Os nômades de antigamente eram um grupo menor em relação aos muitos lugares que existiam para eles se abrigarem, comparado a hoje é como se

²³ In this world, not only have jobs-for-life disappeared, but trades and professions which have acquired the confusing habit of appearing from nowhere and vanishing without notice [...]. (Tradução nossa).

²⁴ [...] in the crowd but not of the crowd) [...]. (Tradução nossa).

²⁵ The vagabond was masterless, and being masterless (out of control, out of frame, on the loose) [...]. (Tradução nossa).

²⁶ [...] construed by the rulers, in the usual fashion of using a minor to paint the image of the Other, as anarchy [...]. (Tradução nossa).

tivéssemos tido uma inversão, muitas pessoas e poucos lugares para abrigo. Ainda citando Bauman:

Agora o nômade é um nômade não por causa da relutância ou dificuldades de se estabelecer, mas por causa da escassez de lugares para se estabelecer. Agora os estranhos são as pessoas que ele encontra em suas viagens, os outros nômades – nômades hoje ou amanhã. O mundo está se encontrando com os nômades, e se encontrando rápido.²⁷ (1996, p. 29).

O quarto são os *tourists*, ou seja, indivíduos que viajam pelo mundo em suas férias em busca de novas experiências, aventuras, sossego, desejo de conhecer novos lugares, culturas, comidas etc. O mais importante sobre os turistas é que eles podem estar em toda parte, mas não pertencem a nenhum desses lugares: “Como os nômades, o turista está em todo lugar que entra, mas não pertence a nenhum deles. [...] A proposta é obter uma nova experiência [...]”.²⁸ (BAUMAN, 1996, p. 30).

A principal diferença entre um nômade e um turista, é que, diferentemente, do nômade, o turista tem uma casa, ou seja, acabada a experiência ele tem para onde voltar:

Ter uma casa é parte do pacote de segurança: para o prazer de estar despreocupado e de se sentir verdadeiramente atraído, deve haver algum lugar simples e aconchegante, sem dúvida um lugar “próprio” para ir quando a presente aventura acabar, ou se a jornada não se provar tão aventureira quanto o esperado.²⁹ (BAUMAN, 1996, p. 30).

E por último, mas não menos importante, temos os *players*, que seria como se o mundo se movimentasse como um jogador dentro de um jogo, porém os movimentos não são simples como num jogo de verdade, pois não estamos falando

²⁷ Now the vagabond is a vagabond not because of the reluctance or difficulty of settling down, but because of the scarcity of settled places. Now the odds are that the people he meets in his travels are other vagabonds - vagabonds today or vagabonds tomorrow. The world is catching up with the vagabond, and catching up fast. (Tradução nossa).

²⁸ Like the vagabond, he is everywhere he goes in but nowhere of the place he is in. [...] The purpose is new experience [...]. (Tradução nossa).

²⁹ Having a home is a part of the safety package: for the pleasure to be unclouded and truly engrossing, there must be somewhere a homely and cosy, indubitably 'owned' place to go to when the present adventure is over, or if the voyage proves not as adventurous as expected. (Tradução nossa).

apenas de regras, mas sim de riscos: “O mundo dos jogadores é o mundo dos riscos, da intuição, de se tomar uma precaução.”³⁰ (BAUMAN, 1996, p. 31).

O autor compara o mundo a um jogo, sendo assim, nada é imutável e controlável, tudo, o tempo todo, está sujeito a mudanças de uma maneira imprevisível, e acrescenta dizendo que o principal é perceber o movimento do seu adversário:

No jogo, o mundo é um jogador, e sorte e azar são os movimentos do mundo como um jogador. No confronto entre o jogador e o mundo não há nem leis nem ilegalidade, nem ordem, nem caos. Há apenas os movimentos – mais ou menos hábeis, sagaz e dissimulado, perspicaz ou equivocado. O ponto é adivinhar os movimentos do adversário e antecipá-los, se prevenir ou se antecipar – ficar ‘adiantado’.³¹ (BAUMAN, 1996, p. 31).

O que podemos perceber é que globalização, assim como identidade é um assunto antigo, que continua a existir e a refletir no mundo de hoje, e também não é tarefa simples defini-la, conceituá-la ou até mesmo explicá-la por suas várias fases e poder de influência no mundo.

Sobre isso, podemos concluir que, apesar das mudanças que a globalização causa, ela não é apenas negativa, os avanços na tecnologia não só trazem crescimento para um determinado lugar, mas também facilita as nossas vidas. Obviamente, esse fenômeno influencia as identidades de um lugar, mas, vale lembrar que, é a partir das adversidades que também podemos reforçar uma identidade já existente, pois não é incomum quando estamos diante de algo diferente, ressaltar aquilo que está mais presente em nós.

Além dessa categorização, *pilgrims, strollers, vagabonds, tourists e players*, e de todas as consequências positivas e negativas que essas pessoas transitando pelo mundo podem causar, também há uma outra consequência da globalização que não podemos deixar de mencionar: o hibridismo.

³⁰ The player's world is the world of risks, of intuition, of precaution-taking. (Tradução nossa).

³¹ In play, the world itself is a player, and luck and misfortune are but the moves of the world-as-player. In the confrontation between the player and the world there are neither laws nor lawlessness, neither order nor chaos. There are just the moves - more or less clever, shrewd or tricky, insightful or misguided. The point is to guess the moves of the adversary and anticipate them, prevent or pre-empt - to stay 'one ahead'. (Tradução nossa).

Com a globalização pode haver também um fortalecimento de identidades locais ou a produção de novas identidades, conforme a proposta de Hall. Esse fortalecimento de identidades locais levam ao nacionalismo, que pode motivar uma busca incessante pela unificação das identidades. Hall chama essa busca pela unificação de “racismo cultural”, pois isso ocorre quando um grupo se sente ameaçado por outras culturas.

O ressurgimento do nacionalismo é como se fosse uma volta à tradição e é algo inesperado, ou seja, isso mostra o quanto as consequências da globalização são contraditórias: de um lado temos um grupo que torce pelo triunfo do nacionalismo, de outro, temos aqueles que pregam um desapego a essas tradições. O que ocorre, de fato, é o que Hall chama de descentramento do Ocidente por meio desses deslocamentos.

Nessa questão, podemos discutir brevemente também sobre os conceitos de tradução e tradição. Hall explica que tradição, como o próprio nome indica, são aquelas pessoas tentando recuperar, de alguma maneira, o passado, tentando recuperar uma identidade perdida. Tradução é mais complexo, são pessoas que, por alguma razão, já não estão mais em suas terras natais, têm ainda laços com suas tradições, mas não se iludem com uma volta ao passado. Para Hall:

Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas [...] elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas [...] (1998, p. 89).

O autor nos diz ainda que essas pessoas que pertencem a culturas híbridas, são, elas mesmas, traduzidas, pois tiveram de aprender a transitar, em pelo menos, duas identidades, falar outra(s) língua(s) e a negociar nessas diferentes culturas.

Essa teoria vai de encontro ao que Giddens considera a respeito da modernidade, de que a globalização não apaga totalmente a tradição, mas sim que pode ocorrer uma tradução e/ou um descentramento: “Obviamente, há uma

continuidade entre o tradicional e o moderno, e nenhum deles é completamente falso.”³² (1990, p. 5).

1.3. HIBRIDIZAÇÃO³³, IDENTIDADES MÚLTIPLAS

A diversidade é estática, é um estado, é estéril. A multiplicidade é ativa, é um fluxo, é produtiva. A multiplicidade é uma máquina de produzir diferenças - diferenças que são irreduzíveis à identidade.

(Silva, 2006, p. 9).

Tratar de hibridismo, assim como de identidade e de globalização, não é tarefa fácil e quando pensamos nesse assunto, o que nos vem à mente é a fusão de duas ou mais culturas que, em um mundo ideal, convivem harmoniosamente, não havendo as diferenças culturais, mas sim diversidade cultural. Hibridismo, porém, está além desse pensamento simplista, pois em vez de pensarmos somente em uma fusão de identidades, temos de pensar também nestas desintegradas: “A identidade que se forma por meio do hibridismo não é mais integralmente nenhuma das identidades originais, embora guarde traços delas.” (SILVA, 2006, p. 5).

Sabemos também que essa convivência entre culturas é mais complexa do que se pode imaginar, segundo Bhabha:

Por mais racional ou “racionalista” que alguém seja (pois o racionalismo é uma ideologia, não apenas um modo de ser sensato), na realidade é muito difícil, e até mesmo contraproducente e impossível, tentar e conseguir juntar diferentes formas de cultura, pretendendo que elas possam coexistir facilmente. (1990, p. 36).

E assim como na globalização, já mencionada anteriormente, no hibridismo também há pessoas que veem essa fusão como positiva e outras que a veem como negativa, pois quando duas culturas se fundem, perde-se, de alguma forma, a

³² Obviously, there are continuities between the traditional and the modern, and neither is cut of whole cloth. (Tradução nossa).

³³ Hibridização ou hibridação, o termo pode variar de acordo com o teórico.

essência delas. Porém, o que sabemos, é que nos dias de hoje esse processo acaba sendo quase natural, e muitas vezes inevitável. Para Hall:

[...] a fusão entre diferentes tradições culturais – são uma poderosa fonte criativa, produzindo novas formas de cultura, mais apropriadas à modernidade tardia que às velhas e contestadas identidades do passado. Outras, entretanto, argumentam que o hibridismo, com a indeterminação, a “dupla consciência” e o relativismo que implica, também tem seus custos e perigos. (1998, p. 91).

Desse modo, também não podemos esquecer que, em se tratando do conceito de hibridismo, estamos abordando também as identidades e as diferenças que, de alguma forma, caminham juntas. Para Silva, dizer que alguém é chinês ou argentino, inclui aquilo que eu não sou, uma vez que somos brasileiros, e inclui, de certa forma, aquilo que aquele indivíduo não é, uma vez que ao dizer que somos brasileiros estamos dizendo o que somos: “As afirmações sobre diferença também dependem de uma cadeia, em geral oculta, de declarações negativas sobre (outras) identidades.” (2006, p. 1).

Há muitas formas de dizer ou classificar o outro como isto ou aquilo, e podemos perceber isso em *Americanah*, quando Ifemelu descobre que os hispânicos, para os americanos, não são brancos (mesmo que, aparentemente, para ela, eles fossem), esse fato a incomoda a ponto de ela escrever um texto crítico e irônico em seu *blog*, pois não entende como uma pessoa branca de olhos azuis, simplesmente por falar uma outra língua que não o inglês, não seja considerada branca:

Ser hispânico significa estar frequentemente na companhia de americanos negros na escala da pobreza, ser hispânico significa estar apenas a um pequeno passo acima dos americanos negros na escada racial americana, ser hispânico significa ter a pele cor de chocolate como a de uma peruana, ser hispânico implica em ser o povo indígena do México, ser hispânico implica parecer as pessoas birraciais da República Dominicana, ser hispânico significa ser as pessoas mais pálidas de Porto Rico, hispânico também significa ser o cara loiro de olhos azuis da Argentina. Você só precisa ser um falante de espanhol, mas não ser da Espanha e voilá, você é uma raça chamada hispânica.³⁴ (ADICHIE, 2013, p. 129).

³⁴ Hispanic means the frequent companions of American blacks in poverty rankings, Hispanic means a slight step above American blacks in the American race ladder, Hispanic means the chocolate-skinned woman from Peru, Hispanic means the indigenous people of Mexico, Hispanic means the biracial-

Podemos concluir que, quando afirmamos algo sobre nós, estamos ao mesmo tempo negando aquilo que não somos e vice-versa. Nesse jogo da identidade *versus* diferença há também o que chamamos de relações de poder, aquele que tem o controle, tem também o poder de definir, classificar, determinar quem fala, quem está incluído e excluído. Sobre isso, Silva vai além e afirma:

São outras tantas marcas da presença do poder: incluir/excluir ("estes pertencem, aqueles não"); demarcar fronteiras ("nós" e "eles"); classificar ("bons e maus"; "puros e impuros"; "desenvolvidos e primitivos"; "racionais e irracionais"); normalizar ("nós somos normais; eles são anormais"). (2006, p. 3).

Conforme mencionamos anteriormente, a identidade e a diferença estão presentes, mas como classificamos o que é diferente? Ora, se estamos tratando alguém ou algo como diferente é porque, muito provavelmente, há um padrão para poder haver essa classificação e, de certa forma, excluímos aquilo que é diferente, e quando estamos falando de exclusão estamos falando também, de certa forma, de preconceito. É como se elegêssemos uma identidade como parâmetro de comparação: "Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é "natural", desejável, única." (SILVA, 2006, p. 4).

Vale ressaltar, que no processo de hibridização, há também muitos conflitos, pois estamos tratando de histórias de ocupação, diáspora, colonização e destruição, ou seja, muitas vezes, estamos tratando do que Silva chama de hibridização forçada. (2006, p. 5). Quando analisamos somente o resultado da hibridização, isso pode nos levar a pensar somente naquilo que foi positivo, pois nos esquecemos que por detrás desse resultado houve um processo que, muitas vezes, foram traumáticos e deixam marcas irreparáveis.

Um exemplo disso, seria a escravidão de africanos pelas Américas, como no Brasil e nos Estados Unidos, para citarmos somente dois países. Os africanos foram

looking folks from Dominican Republic, Hispanic means the paler folks from Puerto Rico, Hispanic also means the blond, blue-eyed guy from Argentina. All you need to be is Spanish-speaking but not from Spain and voilà, you're a race called Hispanic.

tirados de suas terras, vendidos para outras e não foram inseridos naquela cultura, nem após a abolição da escravidão. Isso fez com que eles não se sentissem parte daquele grupo, tampouco pertencentes à África:

Díásporas, como a dos negros africanos escravizados, por exemplo, ao colocar em contato diferentes culturas e ao favorecer processos de miscigenação, colocam em movimento processos de hibridização, sincretismo e criouliização cultural que, forçosamente, transformam, desestabilizam e deslocam as identidades originais. (SILVA, 2006, p. 5).

Há também os movimentos migratórios, que deslocaram grande número de pessoas ao redor do mundo, que também afetam as identidades, e, finalmente, temos a viagem que nos obriga a nos sentirmos estrangeiros onde estamos, nem que seja por pouco tempo, sobre isso Silva diz:

Embora menos traumática que a diáspora ou a migração forçada, a viagem obriga quem viaja a sentir-se "estrangeiro", posicionando-o, ainda que temporariamente, como o "outro". A viagem proporciona a experiência do "não sentir-se [sic] em casa" que, na perspectiva da cultura contemporânea, caracteriza, na verdade, toda identidade cultural. Na viagem, podemos experimentar, ainda que de forma limitada, as delícias - e as inseguranças - da instabilidade e da precariedade da identidade. (2006, p. 5).

No entanto, quando estamos numa viagem, o principal ponto a ser mencionado é o fato de que temos para onde voltar, ou seja, esse sentimento de se sentir como o "outro" e até mesmo fora de casa, é temporário. E sendo temporário, não há como haver uma hibridização, pois não há tempo para o turista se inserir naquela cultura diferente da sua.

Além de todos esses processos de hibridização, há também casos de pessoas que têm pais que nasceram e viveram em outro lugar, por exemplo, pais italianos, que vieram da Itália para o Brasil, mas tiveram seus filhos aqui. Esses filhos, muito provavelmente, falarão o português e talvez o italiano e estarão inseridos nas duas culturas, mas esses cidadãos serão sempre brasileiros. Mesmo mantendo alguns costumes italianos em casa, não podemos esquecer que esses pais já estão, provavelmente, há bastante tempo no Brasil, e por isso eles mesmos já têm suas identidades híbridas. Citando Peter Burke a esse respeito:

Não devemos nos esquecer dos indivíduos híbridos, quer os que já nasceram nesta situação por suas mães e pais serem originários de culturas diferentes, quer os que se viram nela mais tarde, de bom grado ou não, por terem sido, por exemplo, convertidos ou capturados. (2016, p. 36).

O hibridismo em si, pode aparecer em vários âmbitos, como na língua, na culinária, na arquitetura, na literatura e na música. Se utilizarmos a cidade de São Paulo como exemplo, ficará fácil perceber a mistura que a cidade tem, em todas essas categorias destacando a gastronomia, por causa da influência de inúmeros imigrantes.

Em se tratando de cultura, a gastronomia é algo que pode ser impactante nas nossas vidas quando nos deslocamos pelo mundo e é outro fator ao qual precisamos nos adaptar. Podemos perceber isso quando Ifemelu está nos Estados Unidos e come um hambúrguer. Conforme nos aprofundamos na leitura de *Americanah*, notamos que a protagonista começa estranhando esses novos sabores, os quais critica veemente e com isso percebemos a falta que sentia do sabor da sua terra que, para ela, era muito melhor; depois podemos observar que ela se adapta e acaba gostando:

Ela desfrutava do hambúrguer estranho do McDonald's com os seus picles levemente azedos e crocantes, um sabor novo que, num dia, ela gostava e no outro desgostava. Os wraps que tia Uju trazia para casa, encharcados com molho picante, linguiça bolonhesa e pepperoni que deixavam uma camada fina de sal em sua boca.³⁵ (ADICHIE, 2013, p. 139).

Vale lembrar que o hibridismo ocorre não apenas pelas diferenças, mas também pelas semelhanças que um lugar e outro podem apresentar, pois se pensarmos nas pessoas que escolhem viver num outro país, normalmente, escolhem aqueles que se assemelham mais aos seus países de origem. Não é à toa que, nos dias de hoje, há muitos brasileiros indo morar na Austrália, por exemplo, principalmente por causa da similaridade que há com o clima: “A atração que o êxodo exerce, pelo menos em alguns casos, parece estar em uma combinação

³⁵ She enjoyed the unfamiliar – the McDonald's hamburgers with the brief tart crunch pickles, a new taste that she liked on one day and disliked on the next, the wraps Auntie Uju brought home, wet with piquant dressing, and the bologna and pepperoni that left a film of salt in her mouth.

peculiar de semelhança e diferença, e não apenas da diferença”. (BURKE, 2016, p. 30).

Podemos concluir que o processo de hibridização sendo ele harmonioso ou não, sempre haverá perdas e ganhos, e a perspectiva pode mudar bastante também com o olhar que se dá para esse fato, pois se o processo de hibridização, em alguns lugares, é inevitável, um olhar positivo tornará essa convivência menos angustiante:

Talvez a questão decisiva não seja estabelecer qual desses conceitos abrange mais e é mais fecundo, mas, sim, como continuar a construir princípios teóricos e procedimentos metodológicos que nos ajude a tornar esse mundo mais traduzível, ou seja, convivível em meio a suas diferenças, e a aceitar o que cada um ganha e está perdendo ao hibridar-se. (CANCLINI, 2003, p. 14).

E que possamos, assim, por meio dessa convivência, respeitar verdadeiramente o outro e que essa mistura, muitas vezes inevitável, seja interessante e que aprendamos a nos adaptar diante das circunstâncias e que a diversidade possa ser bem-vinda, citando Burke:

Alguns músicos do Congo se inspiraram em colegas de Cuba, e alguns músicos de Lagos em colegas do Brasil. Em outras palavras, a África imita a África por intermédio da América, perfazendo um trajeto circular que, no entanto, já que cada imitação é também uma adaptação. (2016, p. 32).

É importante destacar que, se na identidade a relação do eu com o outro se faz importante, no hibridismo, não somente nos relacionamos com esse outro, mas também o somos. Sobre isso, Hanna aponta que:

[...] ser híbrido é ser também um terceiro, um Outro.” (2008, p. 2), diz ainda que: “É nessa desordem que passamos a não ser nem isto nem aquilo, mas isto e aquilo igualmente. [...] “*Ser outro constantemente.* (2008, p. 6).

Além do processo de hibridização, não podemos esquecer daquele indivíduo que, muitas vezes, obrigado ou não, precisou deixar seu país em busca de outro. Pode até ter se adaptado àquele novo lugar, mas mesmo após um processo de hibridização, agora vive um presente angustiante pensando em voltar ao seu país de

origem, e quando volta, percebe que não pertence a nenhum desses lugares ou que pertence aos dois. Essa situação é conhecida pelo termo *displacement* e é exatamente acerca desse tema que discutiremos a seguir.

2. SAID E IFEMELU: SERES DESLOCALIZADOS

2.1. (DES)LOCALIZAÇÃO E (NÃO)PERTENCIMENTO: SENTIMENTOS EM TRÂNSITO

E esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentido de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma “chegada” sempre adiada.

(HALL, 2003, p. 415).

Conforme dito anteriormente, os africanos foram arrancados de suas terras, vendidos, em sua maioria, para países europeus, Estados Unidos e Brasil e Caribe, e mesmo com a abolição da escravatura não foram inseridos nessas culturas, ou seja, nem na condição de escravo e nem depois de libertos, sentiram-se parte daquele novo lugar. Além de não se sentirem parte do lugar em que estavam, também não se sentiram de lugar nenhum, pois eles tampouco se sentiam pertencentes à África, uma vez que já estavam há muito tempo no país onde foram escravizados. Podemos, assim, dizer que os negros se sentiam deslocalizados.

O sentimento de *displacement* – de deslocamento – é também muito comum em pessoas que vão morar em outro país, ou seja, quanto mais tempo elas passam fora de seu país de origem mais se sentem não inseridas e, muitas vezes, não há uma identificação com o lugar em que estão naquele momento. Outras vezes, há uma adaptação com aquele novo lugar, mas ainda assim, a pessoa sente como se faltasse algo e começa a sonhar com a volta, como é o caso de Ifemelu, em *Americanah*.

Sobre o conceito de *displacement*, recorreremos ao autor Edward Said, nascido em Jerusalém, filho de árabes cristãos, que estudou e morou nos Estados Unidos. Ao longo de sua obra autobiográfica, chamada *Out of place* (1999), ele nos faz perceber como foi difícil a questão da ideia de *belonging* (pertencimento), uma vez que sentia que não pertencia a nenhum daqueles lugares pelos quais ele viajou e morou, sentindo-se como a sua própria obra diz: fora de lugar:

Junto com a língua, está a geografia – especialmente na forma deslocada de partidas, chegadas, despedidas, exílio, nostalgia, saudade de casa, pertencimento e a viagem em si – isso é o que está no centro das minhas memórias de infância.³⁶ (1999, p. XII).

Para Ifemelu, a questão de *belonging* não era diferente. Após quinze anos vivendo nos Estados Unidos, ela não poderia dizer que pertencia àquele lugar e começou a sentir uma imensa vontade de voltar às suas origens, a Nigéria. Lugar em que podia ser ela mesma, sem precisar pensar se era negra e se estava gorda ou não, por exemplo.

Em suas memórias, Ifemelu lembra do seu primeiro ano nos Estados Unidos, no momento em que ela estava em uma estação de trem passando por Manhattan e notou como aquelas pessoas brancas que desciam nessa estação eram magras; uma vez que o trem ia se aproximando do Brooklyn, sobravam as pessoas negras e gordas, porém, naquela época, ela não os via como ‘gordas’ e sim ‘grandes’. Pois sua amiga Ginika lhe ensinara que ‘gordo’, nos Estados Unidos, era um xingamento, uma palavra que carregava preconceito e que Ifemelu decidiu esquecer.

Passados treze anos desse dia em que voltava de sua visita à sua tia Uju, Ifemelu estava em uma fila de mercado, havia um homem atrás dela que lhe disse algo que a fez lembrar dessa palavra novamente:

“Gente gorda não devia comer essa merda” [sic], enquanto Ifemelu pagava por seu pacote gigante de Tostitos. Ifemelu olhou para ele, surpresa, um pouco ofendida, mas pensando que seria perfeito para um post contar como aquele estranho tinha decidido que ela era gorda. Usaria as tags raça, gênero e peso. (ADICHIE, 2013, p. 6)³⁷.

A verdade é que ao chegar em casa, Ifemelu foi até o espelho se olhar e se sentiu, pela primeira vez, gorda, algo que ela ignorou por muito tempo, assim como ignorou a tristeza que vinha carregando em sua alma. Seu *blog* estava indo muito bem e seu namoro com Blaine também, mas faltava algo e ao olhar *sites* nigerianos,

³⁶ Along with language, it is geography – especially in the displaced form of departures, arrivals, farewells, exile, nostalgia, homesickness, belonging, and travel itself – that is at the core of my memories of those early years. (Tradução nossa).

³⁷ “Fat people don’t need to be eating that shit”, as she paid for her giant bag of Tostitos. She glanced at him, surprised, mildly offended, and thought it a perfect blog post under the tag “race, gender and body size.”

perfis no Facebook, *blogs*, todas aquelas pessoas voltando para a Nigéria abrindo um negócio próprio, sentiu como se eles estivessem vivendo a sua vida, a vida que ela queria naquele momento:

A Nigéria passou a ser o lugar onde Ifemelu deveria estar, o único lugar onde poderia fincar suas raízes sem sentir a vontade constante de arrancá-las de novo e sacudir a terra. E, é claro, também havia Obinze. O primeiro homem que ela amou, o primeiro com quem fez amor, a única pessoa para quem nunca tinha sentido necessidade de se explicar. Ele agora era casado e tinha uma filha, e os dois não se falavam havia anos, mas Ifemelu não podia fingir que ele não era parte dessa saudade do país [...]. (2013, p. 7)³⁸.

Além do sentimento de *belonging*, Said também se sentia deslocado e sobre isso, o autor começa explicando-nos sobre como já se sentia dessa maneira em relação ao seu próprio nome, Edward Said. Sendo, Edward, inglês, cujo nome ele julgava caricato, combinado ao sobrenome, claramente árabe, Said. Completa ainda, dizendo que entendia o nome como uma homenagem ao Príncipe de Gales, mas não compreendia o porquê de Said, uma vez que o autor não tinha avós com esse sobrenome. (1999, p. 3).

Assim como Said, a protagonista de *Americanah* se sentia da mesma forma em relação aos Estados Unidos e dentre várias passagens em que ela demonstra esse sentimento, podemos destacar o momento em que ela está conversando com Blaine, seu atual namorado, e explica que precisa voltar à Nigéria. Ele não consegue entender o porquê daquela decisão e ela, por sua vez, desiste de lhe explicar, pois acha que ele nunca entenderia o que ela estava sentindo:

Ifemelu não contou isso a Blaine, porque ele ficaria magoado se soubesse que ela estava se sentindo assim havia algum tempo, que seu relacionamento com ele era como estar satisfeito dentro de uma casa, mas ficar sentado diante da janela olhando para fora o tempo todo. (ADICHIE, 2013, p. 9)³⁹.

³⁸ Nigeria became where she was supposed to be, the only place she could sink her roots in without the constant urge to tug them out and shake off the soil. And, of course, there was also Obinze. Her first love, her first lover, the only person with whom she had never felt the need to explain herself. He was now a husband and a father, and they had not been in touch in years, yet she could not pretend that he was not part of her homesickness [...]

³⁹ She did not tell him this, because it would hurt him to know she had felt that way for a while, that her relationship with him was like being content in a house but always sitting by the window and looking out.

Além desses sentimentos, havia também a questão da língua, Said estudou em escolas britânicas e americanas, falava árabe e inglês fluentemente desde pequeno, falava tão bem as duas línguas que era difícil para ele dizer qual era a sua língua materna: “Cada uma pode ser vista absolutamente como minha primeira língua, mas nenhuma é.”⁴⁰ (1999, p. 4).

O fato de Said ter estudado nessas duas escolas mais especificamente, não o ajudou no quesito pertencimento, pois como ele não se sentia pertencente ao lugar que morava, Cairo, no Egito (lugar que viveu boa parte da sua infância) e mais tarde Jerusalém, ele também não pertencia àquele ambiente escolar, ora britânico, ora americano. Também não havia nenhum esforço por parte dos professores e dos colegas para que ele se sentisse, ao menos, bem-vindo, o que sobrava era preconceito, racismo e *bullying*: “Todos à minha volta eram Greenvilles, e Coopers, e Pilleys: garotinhos e garotinhas ingleses engomadinhos com nomes autênticos e invejáveis, olhos azuis e brilhantes, sotaques definitivos.”⁴¹ (1999, p. 39).

Na mesma obra, Said afirma que foi se sentir, de fato, inserido e/ou pertencente a um lugar, quando ele estudou em uma escola em Jerusalém chamada St. George’s School, uma escola para meninos, pois pela primeira vez estava entre garotos que eram árabes como ele e quase todos os membros da sala de aula eram conhecidos da sua família. (SAID, 1999).

Em relação à educação, recorreremos mais uma vez a Said, e podemos refletir sobre o fato de o autor ter expressado seus sentimentos nessa obra e em tantas outras que escreveu, em inglês e não em árabe. Obviamente, sabemos que expressando suas ideias e sentimentos em inglês, o autor atingiria um maior público do que se o fizesse em árabe, mas tendo escrito *Out of place* em inglês, fica claro para nós, leitores, que para ele não havia nenhum problema em se expressar nessa língua. Sabemos também, que quando tratamos dos nossos sentimentos mais íntimos, tais como traumas, tristezas, indignações etc., é muito mais fácil expressá-los na língua materna, porém, para ele, conforme dito anteriormente, era quase

⁴⁰ Each can seem like my absolutely first language, but neither is. (Tradução nossa).

⁴¹ All around me were Greenvilles, and Coopers, and Pilleys: starchy little English boys and girls with enviably authentic names, blue eyes, and bright, definitive accents. I have no distinct recollection of how I sounded in those days, but I know that it was not English. (Tradução nossa).

impossível dizer qual língua veio primeiro na sua vida, por isso a facilidade de o fazer em inglês. No prefácio de sua autobiografia, o autor aponta:

Para mim o mais interessante como autor era o bom senso que eu tinha de sempre traduzir as experiências que eu tinha não somente em um ambiente remoto, mas também em uma língua diferente. Todos vivem a vida em uma linguagem dada; logo as experiências ruins são absorvidas, e recordadas naquela língua. A divisão básica na minha vida estava entre o árabe, minha língua nativa, e o inglês, a língua da minha educação.⁴² (1999, p. XI).

Para Ifemelu, não foi uma questão tanto da língua, mas do sotaque. Ao chegar nos Estados Unidos, seu sotaque era nigeriano, mas com o passar dos anos, ela foi se dedicando cada vez mais para ter um sotaque americano, ao ponto de as pessoas não saberem sua origem. Porém, depois de adaptada à nova cultura, Ifemelu entrou em um processo de reconstrução da sua identidade e percebeu que não precisava se esforçar para se parecer com uma norte-americana para viver naquele país; e o momento em que ela parou de forçar um sotaque que não era o dela foi comprando uma passagem em uma estação de trem:

“Eu gostaria de uma passagem de ida e volta para Haverhill, por favor. A volta vai ser na tarde de domingo. Tenho carteirinha de estudante”, disse ela, sentindo um prazer súbito em forçar bem as palavras e não enrolar o erre em “Haverhill”. Aquela era mesmo ela; era a voz com que falaria se acordasse de um sono profundo no meio de um terremoto. (ADICHIE, 2013, p. 149)⁴³.

Após toda a sua trajetória em relação ao seu sotaque, por ter gostado de ter sido elogiada por ter tido, um dia, um sotaque norte-americano e se perguntar por que via isso como um elogio, e depois passar a usar um sotaque que era verdadeiramente seu, ela é cobrada por não ter um sotaque norte-americano por Aisha, uma moça nigeriana que trabalhava no salão de cabeleireiro que Ifemelu foi trançar os cabelos para voltar à Nigéria:

⁴² More interesting for me as an author was the sense I had of trying always to translate experiences that I had not only in a remote environment but also in a different language. Everyone lives life in a given language; everyone's experiences therefore are bad, absorbed, and recalled in that language. The basic split in my life was the one between Arabic, my native language, and English, the language of my education. (Tradução nossa).

⁴³ “Could I have a round-trip to Haverhill, please? Returning Sunday afternoon. I have a Student Advantage card,” she said, and felt a rush of pleasure from giving the t its full due in “advantage”, from not rolling her r in “Haverhill.” This was truly her; this was the voice with which she would speak if she were woken up from a deep sleep during an earthquake.

Aisha ficou observando tudo em silêncio, com um ar astuto. Mais tarde sussurrou para Ifemelu, com uma expressão de desconfiança: “Você está aqui há quinze anos, mas não tem sotaque americano. Por quê?”.

Ifemelu ignorou-a e, mais uma vez, abriu *Cane*, o livro de Jean Toomer. (2103, p. 159)⁴⁴.

Uma das coisas que também fazia Said se sentir deslocado, além das línguas que falava e das escolas que estudou, era o fato de que seus pais não falavam de política em casa, logo ele pouco sabia sobre os palestinos, sobre o que estava acontecendo ao seu redor e o pouco que sabia, era do que ouvia de outras pessoas falando sobre o assunto. Afirma ainda, que os onze anos de sua educação americana o afastou do convívio com palestinos, e esse distanciamento de suas origens contribuiu para que ele vivesse com uma vaga memória da Palestina, com tristezas e raiva mal resolvidas que ele nem mesmo conseguia entender o porquê. (SAID, 1999, p. 141).

Isso acontecia, pois seu pai, tendo estudado nos Estados Unidos e por ter feito negócio com esse país durante quase toda a sua vida, queria que Said acreditasse que era americano. Fica claro isso, para nós, leitores, num episódio que o autor estava praticando um juramento que havia aprendido na escola britânica em que estudava na época e esse juramento falava sobre Deus e rei, na ocasião, seu pai o ouviu e disse: “Por que você está dizendo isso? [...] Você é americano, e nós não temos rei, somente um presidente. Você é fiel ao Presidente. A Deus e ao Presidente.”⁴⁵ (SAID, 1999, p. 49).

Esses fatos contribuíam para que Said se sentisse cada vez mais deslocado e confuso sobre no que e em quem deveria acreditar, pois não bastava como ele se sentia na escola, tinha o fato de como se sentia em relação ao próprio pai, que era praticamente, um homem de negócios americano:

⁴⁴ Aisha looked on, sly and quiet. Later, she whispered to Ifemelu, her expression. Suspicious, “You here fifteen years, but you don’t have American accent. Why?” Ifemelu ignored her and, once again, opened Jean Toomer’s *Cane*.

⁴⁵ Why are you saying that? [...] You are an American, and we have no king, only a president. You are loyal to the President. God and President. (Tradução nossa).

Diariamente na escola eu sentia a disparidade entre a minha vida como “Edward”, uma identidade falsa, até mesmo, ideológica e minha vida em casa, onde a prosperidade do meu pai como um homem de negócios americano florescia depois da guerra.⁴⁶ (SAID, 1999, p. 90).

Depois de algum tempo, Said se deslocou aos Estados Unidos, primeiramente, para estudar e percebeu, que mesmo tendo estudado por anos em uma escola americana, ele também não fazia parte daquelas histórias que ouvia seus colegas contando. Começou, assim, a se tornar cada vez mais anônimo, pois também notou que quanto menos falava de suas origens e família, menos explicações teria de dar sobre elas, tornando-se assim, quase que invisível aos olhos dos outros. (SAID, 1999).

Por ter vivido tanto no mundo dos árabes quanto no mundo dos norte-americanos, e por não se sentir parte nem de um mundo nem do outro, o autor definia sua identidade como problemática. Explica, ainda, que era como se ele tivesse uma identidade norte-americana no seu interior e que essa identidade espionasse a árabe, que ele afirma não ter herdado a força, mas sim a vergonha e o desconforto. (SAID, 1999).

O mesmo acontece com Ifemelu, em *Americanah*, e para exemplificarmos esse fato, escolhemos a passagem que mostra a protagonista em um salão de cabeleireiros (o mesmo mencionado anteriormente), e Mariama, uma das garotas que trabalha lá lhe explica o quanto não quer se casar com um nigeriano e expõe suas razões:

“Sim, a Nigéria é muito corrupta. O pior país corrupto na África. Eu assisto aos filmes, mas não, eu não vou para a Nigéria!” Ela movimentou a sua palma da mão no ar. “Eu não posso me casar com um nigeriano e não vou deixar que ninguém da minha família se case com um,” Mariama disse, e lançou um olhar pesaroso à Ifemelu. “Nem todos, mas a maioria deles fazem coisas ruins. Até matam por dinheiro.”⁴⁷ (ADICHIE, 2013, p. 231).

⁴⁶ Daily at school I felt the disparity between my life as “Edward,” a false, even ideological, identity, and my home life, where my father’s prosperity as an American businessman flourished after the war. (Tradução nossa).

⁴⁷ “Yes, Nigeria very corrupt. Worst corrupt country in Africa. Me, I watch the film, but no, I don’t go to Nigeria!” She half waved her palm in the air. “I cannot marry a Nigerian and I won’t let anybody in my family marry a Nigerian,” Mariama said, and darted Ifemelu an apologetic glance. “Not all but many of them do bad things. Even killing for money.”

Tentar definir nossa própria identidade nunca foi e nunca será uma tarefa simples, principalmente no caso de pessoas que tenham vivido tantas experiências em lugares tão diferentes como é o caso de Ifemelu e Said. Algumas se sentirão parte daquele novo lugar, outras se sentirão parte dos dois lugares, outras se sentirão sempre fora de lugar assim como o autor, pois esses sentimentos de *belonging, in betweenness* (quando o indivíduo não sabe muito bem a que lugar pertence se sentindo, assim, entre os dois lugares) e *displacement* são muito particulares, e terão um peso diferente para cada indivíduo que vive essas experiências. Ifemelu passou por vários momentos até a adaptação àquele novo lugar, Said, por exemplo, sentia que esses sentimentos eram como fantasmas que o assombravam:

Nacionalidade, formação, origens reais e ações passadas tudo parecia ser as fontes do meu problema; eu não podia, de nenhuma forma conveniente, deixar que os fantasmas continuassem a me assombrar de escola em escola, de grupo em grupo, de problema em problema.⁴⁸ (1999, p. 137).

Não podemos esquecer que junto com os sentimentos de *displacement* também temos o conceito de *home*. Qual a definição de lar, afinal, para essas pessoas? Onde, de fato, elas se sentem em casa? Ou elas já não têm um único lar? Todas essas perguntas serão discutidas no tópico a seguir.

2.2. A DEFINIÇÃO DE *HOME* PARA OS CIDADÃOS DO MUNDO, UMA REFLEXÃO

E eu lhe agradeço por me trazer aqui, por me mostrar o que significa lar, por cantar essas lágrimas, finalmente eu acho que pertencço a esse lugar.⁴⁹

(GORE, *Home*, 1997).

⁴⁸ Nationality, background, real origins, and past actions all seemed to be sources of my problem; I could not in any convenient way lay the ghosts that continued to haunt me from school to school, group to group, situation to situation. (Tradução nossa).

⁴⁹ And I thank you, for bringing me here, for showing me home, for singing these tears. Finally I've found that I belong here. (Tradução nossa).

Essa música carrega o título de *Home* e foi escrita em 1997 pelo compositor, e integrante da banda inglesa *Depeche Mode*. Martin Lee Gore, com essa canção, o autor nos traduz o conceito de *home* com uma linguagem poética, dizendo que o nosso lar nada mais é do que o lugar onde nos sentimos pertencentes de fato.

Passamos pelos conceitos de identidade, hibridismo e *displacement*, e tratamos brevemente dos sentimentos de *belonging* e *in betweenness*. A partir desses conceitos preocupamo-nos também com a noção de *home*, pois pessoas que vivem tantas experiências em lugares diferentes talvez não saibam onde é a sua verdadeira casa. Lembrando que quando falamos de casa, nesse contexto, não estamos tratando da nossa casa física, mas sim, do lugar, país, cidade etc. que esse indivíduo se sente realmente bem, como se estivesse em seu próprio lar.

Vale lembrar que a questão de sabermos qual seria o verdadeiro lar desse indivíduo, que teve inúmeras experiências, tem relação com a transformação da sua identidade que não se trata mais apenas de quem somos e de onde viemos, mas, principalmente, no que nos tornamos a partir de nossas vivências tendo elas sido prazerosas ou não, para Hall:

Eles relacionam a invenção da tradição tanto quanto com a tradição em si mesma, que eles nos obrigam a ler não como uma reiteração sem fim, mas como “a mudança do mesmo” (Gilroy, 1994): não a tão chamada volta às raízes, mas uma aceitação das nossas “rotas.”⁵⁰ (2003, p. 4).

Ainda sobre o conceito de casa, Bauman também nos diz que a casa além de ser um lugar onde temos nossas raízes é também um lugar onde podemos ser nós mesmos:

”A casa” é o lugar para se tirar a armadura e desfazer as malas – o lugar onde nada precisa ser provado e defendido já que tudo está lá, óbvio e familiar. [...] É uma urgência de se sentir em casa, de reconhecer os arredores e de pertencer aquele lugar.⁵¹ (1996, p. 29).

Em se tratando do mais profundo conceito de casa, não podemos esquecer de citar também o conceito de *homesickness* (saudade de casa), que é como o próprio nome já nos diz, quando sentimos falta de casa, das nossas origens, ou seja,

⁵⁰ They relate to the invention of tradition as much as to tradition itself, which they oblige us to read not as an endless reiteration but as “the changing same” (Gilroy, 1994): not the so-called return to roots but a coming-to-terms-with our “routes”. (Tradução nossa).

⁵¹ 'The home' is the place to take off the armour and to unpack – the place where nothing needs to be proved and defended as everything is just there, obvious and familiar. [...] It is an urge to feel at home, to recognize one's surroundings and belong there. (Tradução nossa).

do lugar ao qual acreditamos que pertencemos, do lugar onde podemos ser, de fato, quem somos: “O sentimento de se ter saudades de casa significa o sonho do pertencimento; de ser, por uma vez, do lugar, não meramente estar nele.”⁵² (BAUMAN, 1996, p. 30).

Retomando as ideias de Said, podemos afirmar que além dos seus conflitos internos e de se sentir, quase a todo momento, fora de lugar, o autor tampouco sabia onde era a sua verdadeira casa. Sabemos também que Said era fluente em árabe e inglês, porém era proibido de usar o árabe na escola inglesa e havia um panfleto com regras, a primeira era sobre o uso exclusivo da língua inglesa: “O inglês é a língua da escola. Qualquer um pego falando outras línguas serão severamente punidos.”⁵³ (SAID, 1999, p. 184).

Sendo ainda jovem nessa época, Said pensou numa forma de conseguir usar o árabe de maneira sagaz, ele usava a língua para falar de coisas que os professores não podiam ouvir, e até mesmo para falar mal deles:

Então a língua árabe se tornou nosso paraíso, um discurso criminalizado [...] O que eu havia escondido anteriormente na CSAC se tornou um gesto subversivo e orgulhoso, o poder de falar árabe e de não ser pego, ou, mais arriscadamente, o uso das palavras em árabe na aula como uma forma de responder uma questão acadêmica e atacar o professor ao mesmo tempo.⁵⁴ (SAID, 1999, p. 184).

Esses fatos nos mostram que apesar de estar em sua casa, pois nessa época ele ainda morava em Cairo, ainda assim era proibido que ele usasse sua própria língua, pois sendo fluente nas duas línguas era difícil até para ele mesmo dizer qual língua havia adquirido primeiro. Percebemos também a importância da língua, pois ao mesmo tempo em que Said poderia ser punido por usá-la, ela também lhe dava certa liberdade ao passo que os professores não entendiam o que ele estava falando.

⁵² Homesickness means a dream of belonging; to be, for once, of the place, not merely in. (Tradução nossa).

⁵³ English is the language of the school. Anyone caught speaking other languages will be severely punished. (Tradução nossa).

⁵⁴ So Arabic became our heaven, a criminalized discourse [...] What I had formerly hidden at CSAC became a proud insurrectionary gesture, the power to speak Arabic and not to be caught, or, more riskily, the use of Arabic words in class as a way of answering an academic question and attacking the teacher at the same time. (Tradução nossa).

Assim como Said aprendeu a usar a língua árabe para falar de coisas que ele não queria que seus professores soubessem, em *Americanah*, podemos observar algo parecido. Ifemelu tem receio que igbo se tornasse uma língua de punição para o primo, Dike, pois sua tia Uju só usava igbo para dar broncas nele, na passagem a seguir era por causa de suas notas na escola:

As notas dele estavam caindo. Tia Uju o ameaçava com mais frequência. Da última vez em que Ifemelu os visitara, tia Uju tinha dito para ele: “Vou mandar você de volta para a Nigéria se fizer isso de novo!”, falando igbo como só fazia quando estava com raiva. Ifemelu temia que, para Dike, igbo fosse se tornar a língua do conflito. (ADICHIE, 2013, p. 145)⁵⁵.

Podemos observar, nessa passagem, que além de tia Uju ameaçar o garoto com a língua igbo, ela o ameaça também de mandá-lo de volta à Nigéria. Dike poderia pensar que não somente a língua, mas também suas origens não eram boas, uma vez que essas duas coisas eram usadas em contextos negativos por sua mãe.

Já morando nos Estados Unidos, Said teve a oportunidade de viajar para Paris e, apesar de não se considerar fluente em francês, ainda assim entendia tudo o que as pessoas à sua volta diziam e era capaz de responder, eis o que ele diz sobre falar essas três línguas:

As três línguas se tornaram um problema explicitamente sensível para mim quando eu tinha aproximadamente catorze anos. O árabe era proibido e “racista”; o francês era sempre “deles”, não meu; o inglês era autorizado, mas inaceitável sendo a língua dos britânicos odiados.⁵⁶ (SAID, 1999, p. 198).

Na verdade, podemos observar a partir desse trecho que, para ele, saber essas três línguas pareciam lhe causar grande confusão mental e que elas não o faziam se sentir livre, mas sim oprimido. E isso pode facilmente acontecer com qualquer indivíduo que tenha passado por questões parecidas, pois podem ocorrer

⁵⁵ His grades were falling. Aunt Uju threatened him more often. The last time Ifemelu visited, Aunt Uju told him, “I will send you back to Nigeria if you do that again!” speaking igbo as she did to him only when she was angry, and Ifemelu worried that it would become for him the language of strife.

⁵⁶ The three languages became a pointedly sensitive issue for me at the age of about fourteen. Arabic was forbidden and “wog”; French was always “theirs,” not mine; English was authorized, but unacceptable as the language of the hated British. (Tradução nossa).

várias questões internas: qual língua, de fato, é a deles? Onde eles poderiam usar essa ou aquela língua? Em quais circunstâncias? Passaram-se muitos anos até que, finalmente, Said pudesse se sentir confortável com todas essas experiências vividas ao longo dos anos, na verdade, foi somente aos sessenta e poucos anos de idade que ele passou a aceitar a sua condição híbrida e não mais se sentir fora de lugar:

Somente agora que eu tenho mais de sessenta anos que eu posso me sentir mais confortável, não traduzindo, mas falando ou escrevendo diretamente nessas línguas, quase, mas nunca com a fluência de um nativo. Somente agora eu posso superar minha alienação árabe causada pela educação e exílio, e tirar vantagem disso.⁵⁷ (1999, p. 198).

Esse sentimento de se sentir confortável com essa condição de ser um indivíduo de cultura e identidade híbridas, depende muito da reação que cada indivíduo tem. Não é algo estático e exato, pois esses sentimentos são particulares de cada indivíduo. No período em que Said teve leucemia, doença que infelizmente ocasionou sua morte, o autor já estava morando nos Estados Unidos há muito tempo. Passado esse tempo, um dia ele sentiu vontade de visitar, pela primeira vez, a Palestina com sua esposa e filhos, ao chegar lá percebeu que algumas pessoas com as quais ele convivia já não estavam mais lá e que nem tudo estava como antes: “Muitos retornos, tentativas de voltar para partes da minha vida ou pessoas que não estavam mais naqueles lugares: isso se constituiu numa resposta certa para o desenvolvimento crescente da minha doença.”⁵⁸ (1999, p. 215).

Nesse trecho fica claro, para nós leitores, esse sentimento de *home*, pois o que um dia fora a Palestina, não se parecia nada com que era agora. E não é incomum que depois de certo tempo, morando em lugar diferente e convivendo com pessoas também diferentes, o indivíduo retorne ao seu lugar de origem e não se sinta mais em sua casa. E é exatamente nesse momento que podem começar as indagações internas: Onde seria sua casa agora? Ou melhor, onde ele se sente em casa agora? Não podemos responder a essas perguntas, o que sabemos é que com

⁵⁷ Only now that I'm over sixty can I feel more comfortable, not translating but speaking or writing directly in those languages, almost but never quite with the fluency of a native. Only now can I overcome my alienation from Arabic caused by education and exile and take pleasure in it. (Tradução nossa).

⁵⁸ So many returns, attempts to go back to bits of life, or people who were no longer there: these constituted a steady response to the increasing rigors of my illness. (Tradução nossa).

todos esses lugares pelo qual esse indivíduo passou podem deixá-lo amedrontado em relação a qualquer pequena viagem que faça, pois ele sempre carregará consigo o medo de não voltar. E foi exatamente isso que aconteceu com Said, porém isso não é uma regra, pois sabemos que cada pessoa reage de uma forma às experiências por ela vivida:

[...] um crescimento extraordinário dos números de partidas perturbou o início da minha vida. Para mim, nada era mais doloroso e paradoxalmente desejado, depois de caracterizar a minha vida, do que os meus muitos deslocamentos de países, cidades, moradias, línguas, ambientes que me mantiveram em movimento todos esses anos.⁵⁹ (1999, p. 217).

Ele completa nos dizendo que mesmo em viagens curtas acabava levando mais coisas do que devia devido ao medo de não retornar:

[...] quando eu viajo sempre levo muitas coisas comigo, e mesmo que seja uma viagem para o centro da cidade requer uma mala cheia de itens desproporcionalmente maior em tamanho e número do que o período daquela viagem pede. Analisando isso, eu concluí que eu tinha um segredo, um medo indelével de não retornar. [...] Entretanto, em todos os casos, o grande medo é que a partida seja o estado de ser abandonado, mesmo que seja você quem saia.⁶⁰ (1999, p. 217-218).

Esse sentimento de incerteza em relação ao qual seria seu verdadeiro lar é compartilhado por Ifemelu, passados quase quinze anos nos Estados Unidos, ela decide voltar à sua terra natal: a Nigéria. Antes de voltar, ela passa em um salão de beleza para trançar os cabelos, como se dessa forma ela pudesse ficar mais perto de sua antiga identidade que ela estava tentando resgatar. Chegando na Nigéria, a protagonista percebe as diferenças e semelhanças do país em relação à memória que tinha daquilo que havia sido deixado, era como se fosse um sentimento de estranheza que ao mesmo tempo era familiar para ela:

⁵⁹ [...] an extraordinarily increasing number of departures have unsettled my life from its earliest beginnings. To me, nothing more painful and paradoxically sought after characterizes my life than the many displacements from countries, cities, abodes, languages, environments that have kept me in motion all these years. (Tradução nossa).

⁶⁰ [...] when I travel, I always take too much with me, and that even a trip downtown requires the packing of a briefcase stocked with items disproportionately larger in size and number than the actual period of the trip. Analyzing this, I concluded that I had a secret but ineradicable fear of not returning. [...] In all cases, though, the great fear is that the departure is the state of being abandoned, even though it is you who leave. (Tradução nossa).

Primeiramente, era como se Lagos a tivesse agredido [...] E o ar era exageradamente denso, as conversas cheias de protestos. Em um dia, havia o cadáver de um homem caído na estrada Awolowo. No outro, a Ilha estava inundada e os carros se tornavam botes afundados. [...] E então ela teve a sensação de que estava caindo, caindo em si, na nova pessoa em que ela tinha se tornado, no estranho familiar. Tinha sempre sido daquele jeito ou tinha mudado bastante durante sua ausência?⁶¹ (ADICHIE, 2013, p. 475).

Voltando, então, às perguntas: Qual a definição de *home*, afinal, para essas pessoas? Não existe apenas uma resposta, mas talvez a mais adequada seja que a casa, para elas, seria onde elas se sintam, de fato, inseridas, acolhidas, à vontade e bem-vindas. Onde, de fato, sentem-se em casa? Ou elas já não têm uma única casa? Isso é muito particular para cada um, mas seria onde essas pessoas percebessem que podem ser elas mesmas, e pode ser que o indivíduo se sinta bem e mais pertencente a um lugar, tendo ele aceitado sua condição de híbrido, ou seja, cada um sentirá e lidará de uma forma diferente. Um trecho de Hall que resume bem os sentimentos que estamos tratando, *belonging, in betweenness e home*, de uma certa forma, seria esse em que ele afirma:

[...] eu conhecia a Inglaterra de dentro. Mas não sou e nunca serei um inglês. Conheço intimamente os dois lugares, mas não pertenço completamente a nenhum deles. E esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma “chegada” sempre “adiada.” (2003, p. 7).

Diante disso, podemos perceber que o indivíduo pode não se sentir nem daqui, nem dali, talvez sinta que é de lugar nenhum ou ainda, talvez sinta que é dos dois ao mesmo tempo. Ou ainda, como o autor Jonathan Rutherford exemplificou no seu texto, *A Place Called Home: Identity and the Cultural Politics of Difference* (1990), ele nos conta que Eartha Kitt cresceu em uma comunidade negra e sentiu na pele o racismo. Quando entrevistada na BBC pelo jornalista Anthony Clare que a perguntou onde era a sua casa agora, ela responde dizendo: “O lar está dentro de mim.”⁶²

⁶¹ At first, Lagos assaulted her [...] And the air was dense with exaggeration, conversations full of overprotestations. One morning, a man’s body lay on Awolowo Road. Another morning, The Island flooded and cars became gasping boats. [...] And so she had the dizzying sensation of falling, falling into the new person she had become, falling into the stranger familiar. Had it always been like this or had it changed so much in her absence?

⁶² Home is within me. (Tradução nossa).

(RUTHERFORD, 1990, p. 24). Ou seja, independentemente se ela se sentia desse ou daquele lugar, o que importava é que ela tinha esse senso de pertencimento dentro dela.

Sabemos que o continente africano sofreu as consequências da colonização e com isso essas questões de *home, displacement, belonging* etc., muitas vezes, são temas que aparecem nas obras de grandes nomes da literatura africana e é acerca dela que discutiremos adiante.

2.3. AS LETRAS NA ÁFRICA

Às vezes é bom ser valente e corajoso, mas, às vezes, é melhor ser um covarde.

(ACHEBE, *Things Fall Apart*, 1994)⁶³.

Segundo Janheinz Jahn, em seu estudo sobre a obra africana, *The Scope of Modern African* (1970), a primeira obra africana surgiu somente no final da Idade Média e se chama *Austrias*, escrita por Juan Latino. No final do século XVIII, havia oito autores para um total de quinze obras, todas escritas por africanos trazidos da Europa ou América por meio do comércio de escravos. O primeiro romance foi escrito no final do século XIX, *The Pilgrim to the East*, do autor Thomas Mofolo e foi publicado em 1906. A partir desse período a literatura africana se desenvolveu tanto nas línguas africanas quanto nas europeias.

De acordo com o levantamento detalhado que o autor fez a partir de coleções de poesias, contos e peças, entre as informações que ele levantou é importante ressaltar que dos 969 autores, 505 escreveram em línguas europeias e 464 em línguas africanas. Dos 1745 livros, 517 são de contos, 385 são romances, 393 poemas, 352 peças e, aproximadamente, 100 são autobiografias ou gêneros mistos. Das 1060 obras nas línguas europeias, 817 são do Oeste da África, 129 do Sul da África, 83 do Leste da África e 31 do Centro da África. E ainda, 606 livros são escritos em inglês, 360 em francês e 70 em português. As outras são escritas em

⁶³ It is sometimes good to be brave and courageous, but sometimes it is better to be a coward. (Tradução nossa).

africâner (língua do ramo germânico do grupo indo-europeu falada na África do Sul e na Namíbia), alemão, latim e espanhol.

Para F. Abiola Irele, em *The African Imagination: Literature in Africa and the Black Diaspora* (2001), a literatura está atrelada à língua em que ela é escrita, porém o autor ressalta que a literatura africana é multilíngue e que é categorizada da seguinte maneira: a literatura oral tradicional, a nova literatura escrita em línguas africanas e a literatura escrita em línguas africanas não-indígenas, em particular três línguas europeias: inglês, francês e português.

Aponta ainda que na década de 1960 houve uma discussão em relação ao termo 'africana' para a nova literatura escrita nas línguas europeias, quando, na verdade, o que essa literatura precisava era ter o reconhecimento como literatura nacional. Enquanto isso, a sociedade tenta classificar os escritores de alguma forma: "Eles não são nem indígenas para as sociedades e culturas nas quais foram impostos, nem são nacionais em nenhum sentido real da palavra." (2001, p. 6)⁶⁴. Depois de muitas discussões, perceberam que com as suas diversas etnias e línguas, não era apropriado categorizá-los dessa ou daquela forma, tanto que, atualmente, eles são agrupados como literatura africana.

Entretanto, o autor prefere o termo *African imagination* (imaginação africana – tradução literal do termo), em vez de literatura africana, pois não há como classificar a África como uma nação, pelo menos não da forma que pensamos o que seja, de fato, uma nação: um lugar que tenha uma língua em comum, por exemplo. Além disso, Irele reitera que o termo *imagination* é mais acolhedor e flexível em suas definições.

Na literatura africana podemos destacar a oralidade pelo seu papel importante até a contemporaneidade, pois nos mostra as criações derivadas da tradição indígena. Essa produção oral sofreu influências europeias ao longo dos anos e, nessa época, deu início a produções tecnológicas por meio de *performances* audiovisuais que revolucionaram a tradição oral que era produzida de várias formas: gravações, fitas cassetes, filmes e vídeos. Com a chegada do rádio e da televisão, o

⁶⁴ They are neither indigenous to the societies and the cultures on which they have been imposed nor are they national in any real sense of the word. (Tradução nossa).

drama tradicional mudou tanto a sua forma como a maneira de ser transmitido, pois a interação dos espectadores não era mais a mesma.

Para Irele, a literatura oral está dividida em três níveis: o primeiro, trata da comunicação; o segundo, aborda a oralidade associada ao uso retórico da linguagem por meio de provérbios e aforismos, e, por último, temos o uso imaginativo da linguagem.

A oralidade, para os africanos, é um meio essencial de expressão, que vai desde o tom de voz até gestos mostrados em suas *performances*, e como exemplo desses textos da oralidade, o autor destaca: os poemas heroicos de Zulu e Basotho, a poesia de Rwanda gravada e apresentada por Coupez e Kamanzi (1970) e o épico Sundiata, Da Monzon, Mwindo e Ozidi, e talvez o mais tradicional dos autores, Yoruba (Bascom, 1969; Abimbola, 1977).

Sobre a literatura oral na África, Irele conclui dizendo que essa literatura é uma referência fundamental do discurso e da imaginação africana, uma tradição que permanece viva e que serve de paradigma para diversos tipos de expressões no continente. Tanto que há pessoas especializadas nesse tipo de contação de histórias que são chamados de *master of words* (mestres das palavras – tradução literal), *fathers of the secret* (guardiões da palavra) ou ainda *griot*.

Os *griots* têm por vocação preservar e transmitir histórias, conhecimentos, canções e mitos do seu povo. Existem *griots* músicos e contadores de histórias, eles ensinam a arte, o conhecimento de plantas, tradições e aconselhavam membros das famílias reais.

Quando a literatura passa a ser escrita, uma nova tradição literária das línguas africanas se desenvolve, pois os primeiros escritores foram alfabetizados em línguas europeias. Podemos observar que alguns escritores escreveram primeiro em línguas europeias, depois traduziram para a sua língua africana, outros ainda escreveram primeiro em sua língua africana, depois traduziram para o inglês e o autor chama a atenção para o fenômeno de que há muitos autores que preferem se expressar na língua africana, tendem a voltar para a forma oral. Esse processo de passar entre duas tradições, no caso, a tradição oral africana e a tradição escrita europeia, pode ser explicado pelo termo *reinterpretation* (reinterpretação).

É importante lembrar que a oralidade foi sendo modificada pela escrita e que a tradição escrita, na verdade, começou muito antes com a língua árabe por meio da introdução do islã no Leste e Oeste da África, no período que corresponde à Idade Média Europeia, atrelado ao Corão, que determinou o desenvolvimento da literatura africana que recebeu o título de afro-árabe. Mesmo assim, em Hausa e Swahili, a literatura oral resistiu por meio de poemas que eram declamados ou cantados em *performances*.

Irele aponta também que na África do Sul, por exemplo, havia os escritores brancos: Alan Paton, Nadine Gordimer, Athol Fugard, entre outros, que não conectavam seus escritos àquela expressão imaginativa e espiritual enraizada na tradição africana, e que a maneira com a qual eles escreviam se assemelhava muito mais ao estilo literário europeu. Entretanto, mesmo com essas diferenças, esses autores clamavam para ser considerados escritores africanos. Afirma ainda que essas diferenças entre escritores africanos negros e brancos se tornaram ainda mais evidentes quando consideramos o trabalho de escritores nascidos portugueses como Castro Soromenho e Luandino Vieira, que expressam em suas obras um engajamento com a África como um todo.

Há também os escritores africanos indígenas que escrevem em línguas europeias, que se preocupam com as tradições imaginativas, e outros ainda que não têm essa preocupação quando escrevem. A partir desse fenômeno, podemos observar o que Irele chama de dilema, como se os escritores estivessem em busca da melhor maneira de se expressar e mostrar a sua África:

O resultado são as tensões e ambiguidades que marcam a situação dos escritores africanos que são reproduzidas em uma forma de expressão em que eles são obrigados a aplicar. A questão, então, é como criar uma harmonia formal entre expressão e o objetivo daquela expressão. O problema do escritor africano, então, é de empregar a linguagem europeia para escrever uma cultura oral. (IRELE, 2001, p. 16)⁶⁵.

⁶⁵ The result is that the tensions and ambiguities that mark the situation of African writers are reproduced within the very form of expression they are obliged to deploy. The question then becomes how to create a formal harmony between expression and the objective reference of that expression. Formulated differently, the problem of the African writer employing a European language is how to write an oral culture. (Tradução nossa).

Para esse dilema, o autor afirma que houve algumas tentativas para solucioná-lo, mas o mais convencional foi o que ele chamou de *transposition* (transposição – tradução literal), que é a recuperação do material africano e documentos no padrão da linguagem europeia. O autor destaca como sendo uma obra extraordinária desse gênero da literatura africana, *Things Fall Apart* de Chinua Achebe, pois ela integra as duas tradições: africana e europeia. Achebe mostrou como a tradição oral era um elemento importante para a literatura africana e inspirou outros autores na literatura moderna, por exemplo: Léopold Sédar Senghor, na poesia.

Irele aponta também que há uma outra área da literatura africana a ser considerada, a *Black Diaspora*, pois ambas demonstram inspiração indígena e que essa temática pode ser encontrada em autobiografias de autores negros, como: Camara Laye em *The African Child*, Ezekiel Mphahlele em *Down Second Avenue*, entre outros. Essa literatura trouxe uma consciência e uma forma de expressão quase que única para os negros: historicamente, socialmente e culturalmente. A tradição literária negra é enraizada na tradição oral e as narrativas sobre a escravidão são consideradas o principal tema da expressão literária afro-americana. Podemos observar essa referência africana nas literaturas em comunidades negras caribenhas e latino-americanas, assim como em Cuba, chamada de negrismo.

Porém, para Irele, embora essa forma de expressão negra, que reflete as tradições africanas, seja importante, muitas vezes, ela parece ter um padrão a ser seguido e tende a romantizar o passado, enquanto ela deveria ser reconhecida como uma forma de discurso:

Em outras palavras, a imaginação africana quando vista em uma vasta perspectiva que eu tentei estabelecer aqui e especialmente em relação à expressão escrita, é amplamente auto constitutiva portanto, auto consciente. Se manifesta como uma forma de discurso premeditada abarcada de uma estratégia de diferenciação. (IRELE, 2001, 22)⁶⁶.

⁶⁶ In other words, the African imagination when viewed in the broad perspective I have tried to establish here and especially with regard to its written expression, is largely self-constitutive and therefore self-conscious. It manifests itself as a deliberate mode of discourse encompassed within a total strategy of differentiation. (Tradução nossa).

Devemos salientar que a literatura africana da atualidade vive o período pós-colonial, que se preocupa, não somente com o período de colonização, mas também com temas como: exílio, *displacement*, *home*, emigração, imigração, entre outros. Para tanto, podemos destacar Chimamanda Ngozie Adichie, que aborda esses temas tanto em suas palestras quanto em seus livros e é sobre ela e sua obra, como um todo, que discutiremos a seguir, assim como os autores que a influenciaram em sua vida literária.

2.4. CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE, OBRAS E INFLUÊNCIAS

Eu percebi que pessoas como eu, meninas com a pele cor de chocolate, cujos cabelos crespos não poderiam formar rabos-de-cavalo, também podiam existir na literatura. Comecei a escrever sobre coisas que eu reconhecia.

(ADICHIE, 2009)⁶⁷.

Chimamanda Ngozi Adichie nasceu em Enugu, na Nigéria, em 1977. É uma das autoras nigerianas mais importantes da atualidade, é ativista e é autora de livros e contos na língua inglesa. Reconhecida como uma das mais importantes escritoras jovens de sucesso, Adichie está atraindo uma nova geração de leitores. Seu primeiro romance, *Purple Hibiscus* (Hibisco roxo), foi publicado em 2003; o segundo, *Half of a Yellow Sun* (Meio sol amarelo), foi publicado pela editora Knopf/Anchor em 2006, ganhou o *Orange Prize* na categoria de ficção em 2007 e foi adaptado para o cinema em 2013. Sua obra foi traduzida em mais de trinta línguas e apareceu em inúmeros periódicos, como as revistas *New Yorker* e *Granta*.

Em 2013, ela publicou o seu quarto romance, *Americanah* (vencedor do *National Book Critics Circle Award*). Esse livro foi selecionado pelo *New York Times* como um dos dez melhores no mesmo ano e teve os direitos reservados para o cinema comprados por Lupita Nyong'o, vencedora do Oscar de melhor atriz por

⁶⁷ I went through a mental shift in my perception of literature. I realized that people like me, girls with skin the color of chocolate, whose kinky hair could not form ponytails, could also exist in literature. I started to write about things I recognized. (Tradução nossa).

Twelve years a slave (Doze anos de escravidão). A autora divide seu tempo entre a Nigéria e os Estados Unidos, pois além de escritora, ela também profere palestras acadêmicas em universidades em ambos os países.

Adichie trata, em sua obra como um todo, de assuntos atuais e suas palestras têm o objetivo de quebrar paradigmas, fazendo com que as pessoas reflitam sobre as suas atitudes no mundo. Em 2009, Adichie proferiu uma palestra com o título: *The Danger of a Single Story* (O perigo da história única), que se tornou um dos TED Talks mais visualizados, cerca de vinte e três mil, pois a autora chama a atenção para a importância de entendermos que todo lugar, povo e país tem mais de uma história a ser contada. E que devemos prestar atenção em todas essas para não cairmos nas peças que os estereótipos podem nos pregar.

Já em 2012, ela promoveu uma conversa mundial por meio de sua palestra no TED Talks, que conta com mais de um milhão e meio de visualizações sobre feminismo em *We Should All Be Feminists* (Sejamos todos feministas). Em 2014, esse mesmo discurso foi adaptado, publicado como livro e musicado pela cantora, e compositora norte-americana Beyoncé, em sua música intitulada “*Flawless*”, lançada no mesmo ano da publicação do livro. Nessa palestra, Adichie nos convida a sermos todos feministas, independentemente de nossa raça ou gênero, ela afirma que precisamos refletir sobre ações contra as mulheres, que vão desde assédio moral até feminicídio, para abraçarmos a causa:

Minha bisavó não conhecia a palavra “feminista”, mas isso não significava que ela não fosse uma. Muitos de nós deveríamos reivindicar essa palavra. A minha própria definição de feminista é: “Um feminista é um homem ou uma mulher que diz:” Sim, há um problema de gênero hoje e nós precisamos consertar isso. Precisamos fazer melhor.” “O melhor feminista que eu conheço é meu irmão, Kene. Ele também é gentil e bonito, um homem amável e muito masculino.” (ADICHIE, *We should all be feminists*, 2012)⁶⁸.

Seu livro mais recente foi publicado em 2017 e se chama *Dear Ijeawele Or a Feminist Manifesto in Fifteen Suggestions*, no Brasil o livro foi lançado com o título,

⁶⁸ My great grandmother did not know that word "feminist," but it doesn't mean that she wasn't one. More of us should reclaim that word. My own definition of feminist is: "A feminist is a man or a woman who says, "Yes, there's a problem with gender as it is today, and we must fix it. We must do better." The best feminist I know is my brother Kene. He's also a kind, good-looking, lovely man, and he's very masculine. (Tradução nossa).

Para educar crianças feministas, um manifesto, no mesmo ano. Vale ressaltar aqui que dentre os escritores que a influenciaram, dois devem ser citados que, assim como ela, também eram nigerianos e escreviam na língua inglesa, Chinua Achebe e Flora Nwapa.

Chinua Achebe, conhecido como o pai da literatura nigeriana moderna, nasceu na década de 1930 e faleceu no ano da publicação de *Americanah*, 2013. Em sua extensa obra, escreveu cerca de trinta livros em diferentes gêneros literários, romances, contos, ensaios e poesias.

Sua obra mais conhecida é *Things Fall Apart* (O mundo se despedaça) escrita em 1958, quando ele tinha 28 anos, e que foi traduzida em mais de cinquenta línguas. O romance trata de considerações a respeito dos conflitos entre o governo colonial britânico e a cultura igbo. Temas recorrentes de sua obra, assim como efeitos da colonização do continente pelos europeus e críticas à política nigeriana.

Outra influência de Adichie, é Flora Nwapa, que nasceu no ano de 1931 e faleceu em 1993, era professora e escritora, na sua obra buscou recriar as tradições igbo (uma das três maiores etnias da Nigéria) do ponto de vista feminino e retratar o papel das mulheres na sociedade.

Com seu livro *Efuru* (1966), publicado em Londres, ela se tornou a primeira escritora nigeriana de língua inglesa publicada internacionalmente e a primeira mulher, dos vinte e cinco homens até então, a aparecer na coleção de escritores africanos da editora Heinemann. A autora foi a precursora de toda uma geração feminina e é, por isso, considerada a mãe da literatura africana moderna, influenciando muitas escritoras que vieram depois dela.

2.5. AMERICANAH, OBRA

É um romance sobre raça brutalmente honesto... [...]

(Entertainment weekly, 2013)⁶⁹.

Adichie, em *Americanah*, levanta possíveis discussões sobre os temas explanados no capítulo anterior, dentre eles estão: identidade, racialidade, os efeitos da globalização, hibridização, *displacement* e *home*. Questões que julgamos importantes pelo que o mundo vive atualmente: imigrações e migrações por inúmeros motivos, como pessoas que se refugiam de guerras; por falta de oferta de emprego no lugar em que estão; por questões políticas e/ou religiosas; outras ainda estão em busca de um intercâmbio para estudar em outro país etc.

Com o advento da globalização tardia ou nova globalização, a impressão que temos é que houve um encurtamento de distâncias e um aceleração no tempo. Em relação à distância, podemos associar ao fato de as pessoas terem acessibilidade maior a países estrangeiros, por causa disso temos vários indivíduos que tiveram de se adaptar a esse novo lugar por escolha ou imposição e, em relação ao tempo, essa percepção se dá pela troca rápida de informações possibilitada pelas novas mídias.

No livro *Americanah*, a escritora dá voz à Ifemelu, nome nigeriano que significa *leave us in peace* (nos deixe em paz) em inglês, para nos contar sobre essa experiência de se viver em dois países de culturas distintas. Embora seja possível observarmos algumas semelhanças com a história de vida de Adichie, a obra não é autobiográfica e sobre o título, a autora nos explica o significado em uma conversa com Parul Sehgal:

⁶⁹ A brutally honest novel about race... [...] (Tradução nossa).

É uma forma nigeriana (na verdade, talvez mais regional do que nacional, é mais frequentemente usada no sudeste, de onde eu sou) de se referir a uma pessoa que finge um sotaque americano no seu discurso ou no seu jeito de ser, ou uma pessoa que é (genuinamente) americanizada ou uma pessoa que insiste em o ser. Não é exatamente um termo educado, mas também não é depreciativo. É divertido. (*A Conversation with Chimamanda Ngozi Adichie*, 2013)⁷⁰.

Entretanto, esse termo não é utilizado de forma impensada, e a autora não o escolheu aleatoriamente. No artigo que Bimbola Oluwafunlola Idowu-Faith escreveu intitulado: *Fictionalizing theory, theorizing fiction: the stylistics of return migration in Chimamanda Ngozi Adichie's Americanah* (2014), para a revista *Ìrìnkèrìdò: a journal of African migration*, a autora diz:

Com o retorno de Ifemelu para Nigéria, sua terra natal, ela escolhe ser identificada como uma *Americanah* ao invés de americana. Para muitos migrantes, o termo “americana” indica a posse privilegiada da nacionalidade daquela nação com um poder mundial que muitos imigrantes estão desesperados para conseguir, enquanto *Americanah* define uma identidade baseada em uma experiência anterior de vivência na América. (2014, p. 25)⁷¹.

Ifemelu é retratada como uma mulher de personalidade forte e crítica em relação ao mundo e às pessoas que estão ao seu redor. A obra é escrita em terceira pessoa com um narrador onisciente, aquele que sabe o que acontece na vida dos personagens, mas que não participa da narrativa e é por meio dele que temos as perspectivas dos personagens centrais: Ifemelu e Obinze. A escritora faz uso de recursos como *flashback* (muitas vezes ela volta no tempo para explicar algum fato e nesse momento temos uma Ifemelu mais jovem) e *flashforward* (muitas vezes, ela acelera o tempo para nos explicar algo que está mais adiante na história da protagonista). O uso desses recursos dificulta, para nós leitores, estabelecermos

⁷⁰ It's a Nigerian (actually, perhaps more regional than national, it's more often used in the southeast, where I am from) way of referring to a person who affects Americanness in speech or manner, or a person who is (genuinely) Americanized, or a person who insists on her Americanness. It's not exactly a polite word, but it isn't derogatory either. It's playful. (Tradução nossa).

⁷¹ With Ifemelu's deliberate return migration to Nigeria, her homeland, she chooses to be identified as na *Americanah* rather than as an American. For many migrants, the term “American” indicates the privileged possession of the nationality of that enormous world power nation that many immigrants are desperate to acquire, while *Americanah* defines an identity based on previous experience of living in America. (Tradução nossa).

uma ordem cronológica dos fatos, pois o narrador começa a narrativa pelo fim, quando Ifemelu está em um cabeleireiro trançando os cabelos, nos Estados Unidos, para voltar à Nigéria.

A partir desse ponto da narrativa, Ifemelu começa a lembrar das experiências que viveu na Nigéria (antes de deixá-la) e de seus quase quinze anos vividos nos Estados Unidos. Na época em que morava em Lagos, na Nigéria, ela namorava um rapaz chamado Obinze, que foi o grande amor da vida dela.

Obinze, era aficionado pela cultura norte-americana mesmo sem nunca ter ido aos Estados Unidos. A informação que ele tinha era por meio de leituras de obras escritas por autores também norte-americanos e tinha planos de ir morar nesse país, mas seu destino não quis assim. Ifemelu, por insistência de Obinze, acaba indo estudar nos Estados Unidos e durante esse período, os dois mantinham contato por meio de cartas. O plano era que Obinze fosse para lá também, para que eles pudessem ficar juntos, porém, ao tentar tirar o visto americano, Obinze foi barrado três vezes e teve o passaporte negado, assim, eles acabaram perdendo contato por muitos anos e suas vidas tomaram rumos diferentes até se reencontrarem no fim, que na verdade é o começo, dessa narrativa que se passa ora em Lagos, ora nos Estados Unidos.

Vale ressaltar que Ifemelu, assim como Obinze, é uma nigeriana de classe média alta que deixa seu país de origem para estudar nos Estados Unidos. Primeiramente, o que nos chama a atenção é que ela não sai porque tem uma vida miserável, pois, muitas vezes, a partir dos estereótipos que possamos ter em relação a África como um todo, que são estabelecidos por meio daquilo que lemos, ouvimos e assistimos, podemos pensar que esse seria o único motivo pelo qual ela deixaria o seu país. Porém não é isso o que acontece.

Ifemelu saiu de seu país por uma questão de escolha e porque queria ter mais oportunidades de estudo e trabalho. Sua tia Uju lhe deu uma bolsa de estudos para estudar nos Estados Unidos e Ifemelu aproveitou a oportunidade. Lembrando que a Nigéria está localizada no continente africano, informação que Ifemelu sempre faz questão de ressaltar, uma vez que ainda haja pessoas que pensam que a África é um país.

2.6. FOCO NARRATIVO E A PERSONAGEM NA OBRA

Não é ofício do poeta narrar o que realmente acontece; é sim, representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível, verossímil e necessário.

(ARISTÓTELES)

Para Aristóteles, uma obra era muito mais que uma imitação do real, ou seja, havia uma verossimilhança interna e ele dizia que não era ofício do narrador narrar o que realmente acontecia, isso era papel do historiador. O narrador, por sua vez, deveria narrar aquilo que poderia acontecer. Sobre isso, Brait afirma: “[...] não cabe à narrativa poética reproduzir o que existe, mas compor as suas possibilidades.” (2011, p. 31). Ou seja, a narrativa é uma criação que nos faz, muitas vezes, aceitá-las mesmo que sejam absurdas.

Para exemplificar esse fato, Brait usa o filme *Indiana Jones e o Templo da Perdição*, dirigido por Steven Spielberg (EUA, 1984), pois o protagonista – Indiana Jones – sempre leva a melhor sobre seus inimigos, pois fica claro desde o início que ele é o herói. Se assistirmos ao filme levando em consideração a realidade, logo o acharemos absurdo, isso não acontece porque, primeiro, a trama é muito bem feita, segundo, tem uma verossimilhança com os filmes de *cowboy* que, normalmente, têm como desfecho, o mocinho romântico que precisa enfrentar vários obstáculos e derrotar os inimigos para conquistar o coração da mocinha.

O discurso que predomina em *Americanah* é o discurso indireto livre, em que o narrador conta para nós o que a personagem disse e sente, ele assume o lugar da outra pessoa em seus sentimentos, desejos, receios e pensamentos, enquanto coloca sua própria narrativa. Para ilustrar esse tipo de discurso, observamos a passagem em que Ifemelu está planejando a sua volta para a Nigéria:

Ifemelu começou a planejar e a sonhar, candidatando-se a empregos em Lagos. Não contou nada para Blaine no começo, porque queria receber sua bolsa de Princeton até o fim, e depois que a bolsa acabou, não contou nada por que queria se dar um tempo para ter certeza. Mas, conforme as semanas foram passando, entendeu que jamais teria certeza. (ADICHIE. 2013, p. 8)⁷².

Percebemos que o narrador não somente sabe dos planos e sonhos da personagem, mas também sabe o porquê de ela não ter contado esses planos para o namorado, sabe também que Ifemelu ainda precisava de mais certeza e temia o fato de nunca a ter.

Ao longo da narrativa, o narrador nos apresenta Ifemelu e Obinze, que são as personagens centrais, e apresenta as outras conforme avançamos na leitura. Apesar de a narrativa ter um desfecho romântico em que a protagonista fica com o grande amor de sua vida no final dessa trama, a obra tem muito mais para nos contar sobre preconceito racial, imigração e migração, assuntos amplamente discutidos na atualidade.

Segundo Brait, contar uma história em terceira pessoa em que o narrador se coloca fora da narrativa, é uma das formas mais antigas que existe e podemos ver esse recurso sendo utilizado em contos de fada que, normalmente, começam com a conhecida frase: “Era uma vez...” e no antigo testamento: “Naquele tempo...”. Nos dois formatos, a personagem é colocada na narrativa por suas ações, exatamente como acontece em *Americanah*. Logo no início são apresentadas as preferências da protagonista, sabemos que ela gosta da cidade de Princeton, da tranquilidade que as árvores lhe passam, das ruas limpas etc., mas ela não aprecia o fato de ter de ir até Trenton (um bairro afastado) para trançar os cabelos.

Sobre o tema personagem, Brait afirma que, quando uma obra consegue espelhar a vida real, não há como não nos emocionarmos com aquilo que estamos lendo, ou seja, não há como haver um distanciamento entre leitor e texto. Pois vários de nós já nos pegamos chorando com alguma cena que lemos ou até mesmo

⁷² She began to plan and to dream, to apply for jobs in Lagos. She did not tell Blaine at first, because she wanted to finish her fellowship at Princeton, and then after her fellowship ended, she did not tell him because she wanted to give herself time to be sure. But as the weeks passed, she knew she would never be sure.

torcendo por determinada personagem, isso acontece porque nos sentimos parte integrante daquela narrativa e nos envolvemos com ela.

Uma das primeiras coisas que precisamos lembrar quando falamos de personagem é que, embora ela tenha o papel de representar pessoas reais, a personagem não é uma pessoa, ou seja, ela não existe fora das palavras. Partindo dessa premissa da representação, a autora compara a personagem com a foto, que é uma representação visual daquele indivíduo, ao que ela chama de “presença da ausência”. A fotografia tem uma semelhança com o real, mas não é uma reprodução fiel da realidade. Tanto é que as pessoas, em sua maioria, quando são fotografadas tentam passar a imagem que fazem de si mesmas.

Essa ideia de fotografia explicada pela autora dialoga com o que Homi Bhabha fala sobre a imagem ser apenas uma representação da identidade de alguém, ou seja, como se fosse uma repetição daquele determinado tempo em que a foto foi tirada:

[...] é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem. A identificação [...] é sempre o retorno de uma imagem de identidade que traz a marca da fissura no lugar do Outro de onde ela vem. (BHABHA, 1998, p. 76).

A autora compara ainda o trabalho do fotógrafo ao do autor de uma obra, pois o fotógrafo não apenas registra uma imagem, mas ele também tem o poder de criar tal imagem.

Até meados do século XVIII, a personagem era vista como *mimesis*, “imitação do real”, termo que surgiu a partir dos estudos de Aristóteles e foi reforçado pelo poeta latino Horácio, que pensava nas personagens como modelos morais que deviam ser seguidos pelas pessoas. Ideia que foi conservada até a Idade Média e serviu também aos ideais cristãos. Tanto nos conceitos aristotélicos quanto nos horacianos, a personagem tinha de reproduzir o melhor do ser humano. Somente a partir da segunda metade do século XVIII a concepção de personagem começou a mudar, e nessa nova visão, a personagem era vista como uma representação do universo psicológico de seu criador, ou seja, era uma projeção da maneira de ser do escritor. Em meados do século XX, já era possível analisarmos uma personagem

dentro da obra, pois anteriormente a personagem tinha uma relação direta com o mundo exterior. Nesse sentido, as personagens começaram a ser classificadas em planas (personagens construídas a partir de uma ideia e não evoluem na narrativa) e em redondas (personagens mais complexas e surpreendem o leitor).

A partir da perspectiva dos formalistas russos, como Roman Jakobson, Julien Greimas e outros pesquisadores da década de 1950, continuaram estudos começados na década de 1920. As personagens, então, desprendem-se da relação com o ser humano e passa a ser entendida como um signo dentro de um sistema de signos, tendo como ponto de partida três pilares: a semântica, a sintaxe e a pragmática, definindo três tipos de personagens: referenciais (personagens históricas), *embrayeurs* (personagens que ganham sentido na relação com os outros elementos da narrativa) e anáforas (aquelas que somente são apreendidas dentro da obra).

Entre os vários tipos de personagens que a autora nos apresenta em seu livro, podemos destacar aquela que é a porta voz do autor, pois identificamos Ifemelu como sendo a porta voz de Adichie. Entretanto, sobre isso, Brait aponta que nenhum romance se confunde com uma biografia ou autobiografia, ou seja, se entendemos que a personagem é um ser fictício, logo seu criador tem total autonomia sobre a criação desse ser que pode dialogar com a realidade não sendo real.

Lembrando que apesar de *Americanah* se assemelhar à vida de Adichie, a obra não é autobiográfica. Em uma conversa com Synne Rifbjerg para *International Authors' Stage* (2014), Adichie afirma que Obinze, por exemplo, gostava de ler assim como ela, mas o fato de ele valorizar aquilo que é norte-americano se deve ao fato de ela ter tido amigos assim como ele. Rifbjerg aponta que a mãe de Obinze apreciava o livro do autor Graham Greene, *The Heart of the House*, que *Americanah* é um livro que trata também de literatura e que Ifemelu achava esse livro triste. Nesse momento da conversa, Rifbjerg perguntou à Adichie: “Ifemelu o acha triste, ou é você?” ao que Adichie responde sorrindo: “Eu não estou no livro, são

personagens.”⁷³ Por esse discurso, percebemos como Adichie tenta mostrar um distanciamento entre a sua vida e as personagens da obra em questão.

2.7. SEMELHANÇAS E CONTRASTES ENTRE TIA UJU E IFEMELU

A América a tinha subjugado.

(ADICHIE, 2013, p. 135)⁷⁴.

Além das personagens principais da obra, uma outra que nos chama a atenção é a tia de Ifemelu, tia Uju, pois ela participa de todas as fases da vida da protagonista, na Nigéria e nos Estados Unidos. Porém, Ifemelu encontrou uma tia menos afetiva nos Estados Unidos, pelas experiências que havia vivido até então, tia Uju não era mais aquela tia amorosa de outrora que Ifemelu esperava encontrar. Vale lembrar que Tia Uju não havia planejado ir aos Estados Unidos, mas sua gravidez indesejada acabou levando-a àquele país. O pai da criança era general e tia Uju fora sua amante por alguns anos até a sua morte. À época, o general queria que ela tivesse o bebê em outro lugar que não fosse a Nigéria e sugeriu a Inglaterra para poder acompanhá-la, uma vez que os norte-americanos haviam barrado a entrada de membros do governo militar. Entretanto, tia Uju escolheu os Estados Unidos alegando que o filho poderia obter a cidadania americana automaticamente e, assim, ela foi morar nos Estados Unidos e como Ifemelu, a personagem vai sendo delineada como deslocada naquele novo lugar, porém com uma postura menos questionadora e mais conformada com a sua condição. Um outro ponto que as difere, é o fato de tia Uju não demonstrar, jamais, vontade de voltar à Nigéria ao longo da narrativa, ao contrário de Ifemelu que, passados alguns anos, começa a ansiar pelo retorno.

Diferentemente de Obinze, as coisas aconteceram de maneira diferente na vida de Ifemelu e ela acabou tendo a oportunidade de ir aos Estados Unidos com a

⁷³ “I think Ifemelu finds it morose, or is that you?” “No, I’m not in the book, they are characters.” (Tradução nossa).

⁷⁴ America had subdued her.

ajuda de sua tia, irmã de seu pai, pois a tia precisava de alguém para cuidar de seu filho, Dike. Então, ela conseguiu uma bolsa de estudos e o visto para que Ifemelu pudesse ir ajudá-la, pois naquele momento tia Uju precisava de tempo para trabalhar e estudar para garantir um futuro melhor para ela e seu filho.

Chegando aos Estados Unidos, Ifemelu percebeu que muitas coisas das quais ela pensava sobre os Estados Unidos não eram totalmente verdades, pois dias antes de ir morar com sua tia Uju, naquele país, sabemos que ela comprou um casaco para viajar, porém quando ela chegou lá a temperatura estava alta: “[...] suas ilusões eram tão fortes que elas não podiam ser evitadas pela razão, ela comprou o casaco mais grosso que ela pôde encontrar na loja Teiuosho para a sua viagem.”⁷⁵ (ADICHIE, 2013, p. 127).

Ao morar com tia Uju, ela notou também, como sua tia estava mudada e isso a incomodava, pois Ifemelu se deparou com uma tia extremamente focada no trabalho e nos estudos, e que já não era mais tão amorosa e carinhosa como antes. Com relatos de Ifemelu ao longo da narrativa, ela achava que a tia havia mudado e para pior. Assim, tia Uju foi buscá-la no aeroporto e a recebeu friamente:

Havia alguma coisa diferente nela. Ifemelu tinha notado isso de imediato no aeroporto, seu cabelo áspero e trançado, suas orelhas desprovidas de brincos, seu abraço rápido e casual, como se fizesse semanas e não anos desde a última vez que elas tinham se visto.⁷⁶ (2013, p. 127-128).

Naquele momento, Ifemelu entrou no carro e ao olhar pela janela, viu uma cena que a deixou chocada: um rapaz urinando na rua, e comentou o ato com a tia Uju: “Veja aquele garoto! [...] Eu não sabia que as pessoas fizessem coisas como essas na América.” “Você não sabia que as pessoas faziam xixi na América?” Tia Uju perguntou [...]”⁷⁷ (ADICHIE, 2013, p. 127). Na verdade, o que Ifemelu não sabia é que se fazia isso na rua, afinal ela estava nos Estados Unidos e não era essa a ideia que tinha daquele lugar, e tia Uju explicou que, de fato, não se podia fazer isso

⁷⁵ [...] her illusions were so strong they could not be fended off by reason, she bought the thickest sweater she could find in Tejuosho market for her trip.

⁷⁶ There was something different about her. Ifemelu had noticed it right away at the airport, her roughly braided hair, her ears bereft of earrings, her quick casual hug, as if it had been weeks rather than years since they had last seen each other.

⁷⁷ “See that boy! [...] I didn’t know people do things like this in America.” “You didn’t know people pee in America?” Auntie Uju asked [...].”

lá e que o rapaz poderia, inclusive, ser preso por conta disso, mas, em seguida, justificou o ato do rapaz dizendo que o bairro não era bom.

Porém, não fica claro que bairro seria esse pelo qual elas estavam passando, o que sabemos, portanto, é que tia Uju tinha três empregos para manter a si e seu filho, e que morava no Brooklyn (Nova Iorque). Sabemos que esse *borough* (não há um termo equivalente em português), é habitado por pessoas, em geral, imigrantes holandeses, italianos, russos, africanos, entre outros, uma vez que o Brooklyn era um lugar mais acessível em termos de aluguel para se morar, porém a maior concentração de africanos está na Avenida Flatbush.

Há também, por parte da protagonista de *Americanah*, um grande choque em relação à alimentação, pois há muitas diferenças de um país para outro, por exemplo, para ela é inconcebível o fato de os norte-americanos comerem pão, hambúrguer e salsicha no almoço (salsicha ela nem conhecia e não tinha a menor ideia de como prepará-la), e por sua tia ter esses alimentos em casa. Ifemelu descobriu isso quando sua tia diz, antes de ir ao trabalho, o que havia na geladeira para ela e o Dike comerem: “[...] Tia Uju havia dito, como se aquelas palavras fossem perfeitamente normais e não pediam uma introdução cômica sobre como os americanos comiam pão no almoço. Mas Dike não queria um sanduíche.”⁷⁸ (2013, p. 131).

Ainda sobre a comida, ela também não ficou nada satisfeita com os sanduíches que, vez ou outra, tia Uju trazia do McDonald’s e reclamava do sabor das frutas, na verdade na falta dele:

Ela estava desorientada pela pobreza das frutas, como se a Natureza [sic] tivesse esquecido de salpicar algum tempero nas laranjas e nas bananas, mas ela gostava de olhar para elas, e tocá-las; porque as bananas eram tão grandes, tão igualmente amarelas que ela perdoou o fato de elas não terem sabor.⁷⁹ (ADICHIE, 2013, p. 139).

⁷⁸ [...] Aunty Uju had said, as though those words were perfectly normal and did not require a humorous preamble about how Americans ate bread for lunch. But Dike didn’t want a sandwich.

⁷⁹ She was disoriented by the baldness of fruits, as though Nature had forgotten to sprinkle some seasoning on the oranges and the bananas, but she liked to look at them, and to touch them; because bananas were so big, so evenly yellow, she forgave them their tastelessness.

Por isso, Ifemelu as comia com pasta de amendoim, uma adaptação do que fazia quando morava na Nigéria, pois lá as bananas, muitas vezes, eram apreciadas com amendoim. Ao vê-la comer as frutas dessa forma Dike perguntou:

“Por que você está fazendo isso? Comendo banana com amendoins?” “[...] É isso o que nós fazemos na Nigéria. Você quer experimentar?” “Não, eu não gosto da Nigéria, prima.”⁸⁰ (2013, p. 139).

Além da comida, há outro fator que gerou estranheza em Ifemelu, o fato de sua tia não querer que ela falasse igbo com seu primo (igbo é uma das várias línguas falada na Nigéria). Nessa passagem, tia Uju afirma que se Dike fosse exposto a duas línguas poderia ficar confuso, razão que não convenceu Ifemelu, uma vez que as duas aprenderam duas línguas na Nigéria e então sua tia mostrou o seu último argumento: “Isto é a América. É diferente.”⁸¹ (2013, p. 134).

Essa última frase de tia Uju deixou Ifemelu confusa e foi algo que ela observou que não era um sentimento isolado de sua tia, Ifemelu ouviu isso de sua amiga também. Jane era uma moça que tinha dois filhos: a menina, que se chamava Elizabeth e o menino, que tinha o nome do pai, portanto, a mãe o chamava de Júnior. Jane levava os filhos para brincar no mesmo parquinho que Ifemelu levava Dike, e foi nesse lugar que as duas se conheceram. Em uma de suas conversas, a moça comentou, de maneira preconceituosa, que não queria que seus filhos fossem como os “negros americanos”, como se isso fosse possível, uma vez que eles nasceram e, provavelmente, cresceriam em solo norte-americano e então, diz à Ifemelu:

⁸⁰ “Why are you doing that? Eating a banana with peanuts?” [...] “That’s what we do in Nigeria. Do you want to try?” “No. I don’t like Nigeria, Coz.”

⁸¹ “This is America. It’s different.”

“Você sabe, esse é meu décimo ano aqui e eu me sinto como se eu ainda estivesse me adaptando, [...] O mais difícil é criar meus filhos. Veja Elizabeth, eu tenho de ser cuidadosa com ela. Se você não for cuidadosa nesse país, seus filhos se tornam algo que você desconhece. É diferente em casa, porque você pode controlá-los. Aqui, não [...] Marlon (o marido) diz que nós nos mudaremos para os subúrbios em breve e dessa forma eles poderão frequentar escolas melhores, senão ela começará a se comportar como esses americanos negros.”⁸² (ADICHIE, 2013, p. 137).

E quando Ifemelu perguntou o que ela queria dizer com essa última frase, ela respondeu: “Não se preocupe, você vai entender com o tempo.”⁸³ (2013, p. 137).

Ainda sobre tia Uju, havia um outro fator do qual Ifemelu não entendia em relação a sua tia morando nos Estados Unidos: o fato de Uju mudar seu jeito de pronunciar seu próprio nome ao falar inglês na frente dos norte-americanos:

O celular de tia Uju tocou: “Sim, é a Uju.” Ela pronunciou o próprio nome como you-joo em vez de oo-joo. “É assim que você pronuncia seu nome agora?” Ifemelu perguntou em seguida. “É como eles me chamam.” Ifemelu engoliu as palavras: “Bem, esse não é o seu nome.” Em vez disso ela disse em igbo: “Eu não sabia que estaria tão quente aqui.”⁸⁴ (2013, p. 128).

O que podemos notar a partir desse trecho é que tia Uju simplesmente não queria chamar atenção para si explicando como se pronunciava seu nome, pois, dessa forma, não precisava nem dizer de onde era. Atitude parecida com a de Said (1999), como fora dito anteriormente em *displacement*, que tentava levar uma vida anônima, tornando-se o mais invisível possível para aquela sociedade, no período em que foi para os Estados Unidos para estudar.

Chegando à casa de sua tia, Ifemelu encontrou a babá de Dike, a que havia sido até aquele momento. Seu nome era Alma, uma mulher branca de cabelos

⁸² “You know, this is my tenth year here, and I feel as if I’m still settling in, [...] The hardest thing is raising my kids. Look at Elizabeth, I have to be very careful with her. If you are not careful in this country, your children become what you don’t know. It’s different back home because you can control them. Here, no. [...] Marlon (the husband) says we’ll move to the suburbs soon so they can go to better schools. Otherwise she will start behaving like these black Americans.”

⁸³ “Don’t worry, you will understand with time”.

⁸⁴ Aunt Uju’s cell phone rang. “Yes, this is Uju.” She pronounced it you-joo instead of oo-joo. “Is that how you pronounce your name now?” Ifemelu asked afterwards. “It’s what they call me.” Ifemelu swallowed the words “Well, that it isn’t your name.” Instead she said in igbo, “I did not know it would be so hot here.”

negros, branca na concepção de Ifemelu, pois mais tarde ela foi entender que a babá era hispânica. Isso significava que, para os norte-americanos, Alma tinha uma etnia e raça diferentes. Mais tarde, Ifemelu escreveu um *post* em seu *blog* dizendo, ironicamente, o que são os hispânicos na visão dos norte-americanos; que ser hispânico na América é como ser amigo dos negros na escala da pobreza e que não basta ter a pele branca e olhos azuis se a língua falada for a espanhola (não da Espanha) a pessoa será de uma raça chamada hispânica. (ADICHIE, 2013, p. 129)

Com todos esses fatos que vão acontecendo logo na sua chegada aos Estados Unidos, Ifemelu começou a observar as mudanças que ocorriam à sua volta. A maioria delas causou estranheza, mas há uma que a deixou extremamente indignada: o fato de ter de usar outro nome para conseguir trabalhar, uma vez que ela possuía visto de estudante. Assim, cada vez que Ifemelu ia a uma entrevista de emprego, precisava lembrar que não podia falar seu nome verdadeiro e era difícil para ela ter de usar outro nome, atender por um outro nome. Era muita coisa para assimilar: pessoas e costumes diferentes, e ainda essa troca de nomes temporária, mas que, naquele momento, era a única coisa que ela tinha. Pois o nosso nome está totalmente atrelado à nossa identidade, a quem somos e representamos no mundo, o que nos torna únicos.

Um dia, tia Uju, que já era formada em Medicina, conseguiu a sua tão sonhada entrevista para atuar como médica familiar, mas percebe que para isso precisaria tirar as suas tranças e relaxar os cabelos, ou seja, deixá-los mais lisos, pois do jeito que estavam tinham uma aparência não-profissional, pelo menos foi nisso que a fizeram acreditar:

[...] “Eu tenho que tirar as minhas tranças para as minhas entrevistas e relaxar o meu cabelo, Kemi me disse que eu não deveria usar tranças nas entrevistas. Se você tem tranças, eles vão pensar que você não é profissional.” “Então não há médicas com cabelos trançados na América?” Ifemelu perguntou. “Eu te contei o que eles me disseram. Você está num país que não é o seu. Fazemos o que tiver que ser feito se quisermos ser bem-sucedidas.”⁸⁵ (2013, p. 146).

⁸⁵ [...] “I have to take my braids out for my interviews and relax my hair. Kemi told me that I shouldn't wear braids to the interview. If you have braids, they will think you are unprofessional.” “So there are no doctors with braided hair in America?” Ifemelu asked. “I have told you what they told me. You are in a country that is not your own. You do what you have to do if you want to succeed.”

Nesse diálogo entre tia Uju e Ifemelu, podemos perceber que tia Uju estava conformada com a sua posição de imigrante e, por isso, não questionava o que diziam que ela precisava fazer para ter um bom emprego, por exemplo. Sua conformidade ia desde o jeito que pronunciava seu próprio nome na frente dos norte-americanos, passou pela mudança de estilo do cabelo até a questão da própria mudança de sotaque. Em relação ao sotaque, Ifemelu percebia que a tia forçava para que se assemelhasse ao dos norte-americanos, principalmente, dependendo de quem estava ao seu redor. Quando tia Uju, seu filho e Ifemelu foram a um mercado, Dike quis pegar uma determinada marca de cereal e tia Uju pediu a ele que colocasse de volta na prateleira:

“Dike, coloque isso de volta.” Tia Uju disse, com um sotaque anasalado que ela usava quando falava com os americanos brancos, na presença dos americanos brancos, quando os americanos brancos a ouviam.⁸⁶ (ADICHIE, 2013, p. 133).

Vale ressaltar que essa mudança de sotaque não era simplesmente em frente a “qualquer” norte-americano, mas aos brancos. Era para eles que tia Uju mudava seu sotaque, cabelo, jeito de pronunciar seu próprio nome (pois era daquele jeito que “eles” pronunciavam) e ela fazia o que precisasse fazer para se sentir inserida naquela cultura. Apenas se sentir, pois se sentir não significa fazer parte, de fato, daquele determinado país, no caso os Estados Unidos. É possível observarmos isso em vários dos personagens retratados por Adichie em sua obra, por se tratar de algo real, ou seja, há pessoas que se adaptam, em todos os sentidos, para não chamar a atenção ou para se sentirem mais inseridas.

Conforme podemos observar, a obra *Americanah* é narrada em terceira pessoa e é por meio da apresentação do narrador que as personagens vão se delineando ao longo de suas trajetórias. Podemos notar, também, semelhanças e contrastes nas experiências vividas pela tia e sobrinha. Porém, enquanto tia Uju nos é apresentada como uma personagem que sofreu, mas aceitou imposições para se adequar àquele novo lugar, Ifemelu vai se transformando em uma mulher que apresenta uma personalidade forte e que não se preocupa com o que as outras

⁸⁶ “Dike, put it back,” Aunty Uju said, with the nasal, sliding accent she put on when she spoke to White Americans, in the presence of white Americans, in the hearing of White Americans. Pooh-reet-back.

peçoas possam pensar dela. A protagonista respeita as suas vontades e desejos, e faz aquilo que quer e não o que esperam que ela faça. Tem as suas opiniões e sente vontade de expressá-las, por isso surgiu a ideia de escrever um *blog*, tamanha era a sua vontade de exteriorizar aquilo que pensava.

2.8. A NARRATIVA DO *BLOG* EM *AMERICANAH*

Pela maior parte da História, ‘anônimo’ foi uma mulher.

(WOOLF, 1929).

Ao lermos *Americanah*, deparamo-nos com duas formas de escrita: uma narrativa em prosa e um *blog*. Conforme avançamos na leitura, percebemos que esse *blog* serve como uma forma de Ifemelu expressar suas percepções e angústias em relação a, como era para ela, morar nos Estados Unidos, um país diferente da Nigéria. Uma ferramenta em que ela podia dizer exatamente o que lhe vinha à cabeça, sem precisar pensar se ia ou não ofender alguém; um lugar em que ela podia ser ela mesma. O que torna esse *blog* ainda mais interessante, além dos tópicos discutidos, é que por meio dele, podemos ouvir a voz da protagonista que começou a escrevê-lo incentivada pelos amigos.

O título do *blog* é: *Raceteenth or Various Observations About American Blacks (Those Formerly Known as Negroes) by a Non-American Black (Raceteenth* ou observações diversas sobre negros americanos⁸⁷ (antigamente conhecidos como crioulos) feitas por uma negra não americana). Nesse *blog*, Ifemelu escreve também sobre as experiências pelas quais passou sendo negra, mas não afro-americana; descreve a sensação de “descobrir” que era negra nos Estados Unidos, pois sendo negra na Nigéria isso não a incomodava; sobre como hispânicos não são considerados brancos nos Estados Unidos, para surpresa dela, etc.

Quando perguntada em uma entrevista por Synne Rifbjerg, jornalista da *International Author’s Stage* (2014), sobre o processo de criação de *Americanah*,

⁸⁷ Usamos a palavra *Raceteenth* porque Julia Romeu, a tradutora da obra, não a traduziu, provavelmente, por falta de uma equivalente em português.

Adichie diz que, naquele momento, sabia que queria escrever sobre racialidade no romance, mas que queria fazer isso de maneira que a narrativa não ficasse truncada. Refletindo na estratégia que usaria para tal feito, ela pensou em inserir um *blog* ao longo da narrativa, pois entendeu que nessa mídia social nos expressamos de maneira diferente, ou seja, a linguagem usada em um *blog* é mais direta e informal se compararmos a de um romance. Como se ele nos permitisse dizer aquilo que desejamos até mesmo em forma de protesto, angariando seguidores ou promovendo discussões de forma mais ágil, como ela explica: “Eu queria que esse romance também fosse um comentário social (traduzido direto do inglês), mas eu queria dizer isso de uma maneira diferente do que a esperada em uma ficção literária.”⁸⁸

Discutiremos os temas centrais desses *posts* que Ifemelu escrevia em seu *blog* no terceiro capítulo.

⁸⁸ I wanted this novel to also be social commentary, but I wanted to say it in ways that are different from what one is supposed to say in literary fiction. (Tradução nossa).

3. O *BLOG* E AS IDENTIDADES DE IFEMELU EM *AMERICANAH*

Querido Negro Não Americano, quando você escolhe vir para os Estados Unidos, vira negro. Pare de argumentar. Pare de dizer que é jamaicano ou ganense. A América não liga. E daí se você não era negro no seu país? Está nos Estados Unidos agora.

(ADICHIE, 2013, p. 273)⁸⁹

Adichie introduziu um *blog* em seu romance *Americanah*, como uma estratégia para que ela pudesse falar de raça sem se preocupar com as formalidades que a escrita requer. Em um *blog*, é permitida uma linguagem mais informal, além de dar um tom de criatividade à autora e trazer uma modernidade para o seu romance por ela mesma ser uma figura popular e ter vários seguidores.

Vale ressaltar que Adichie foi mencionada pelos críticos literários como uma escritora da terceira geração de escritores nigerianos que estão mais preocupados com o nomadismo, exílio, *displacement* e desarraigamento, do que com a luta política e anticolonialista; pelo próprio momento em que estão vivendo: o período pós-colonial.

O *blog*, muitas vezes, por ser anônimo, permite que as pessoas que o escrevem exponham os seus sentimentos e experiências de uma maneira que não fariam se não fosse por meio de um *post*. O que nos chama a atenção nesse *blog* dentro do romance é o fato de conseguirmos contrapor duas Ifemelus: a Ifemelu mais jovem que chegou aos Estados Unidos e que está tentando se adaptar àquela nova realidade, e uma mais madura (a que escreve), que já está há bastante tempo morando nesse outro país e consegue ter uma visão crítica dessa cultura, assim como das experiências que tem vivido.

Ifemelu começa a escrever por incentivo de sua amiga Wambui, depois de ter escrito um e-mail a ela descrevendo vários casos que ouvia envolvendo raça e comportamentos racistas que ela presenciava dentro e fora do meio em que vivia, e

⁸⁹ Dear Non-American Black, when you make the choice to come to America, you become black. Stop arguing. Stop saying I'm Jamaican or I'm Ghanaian. America doesn't care. So what if you weren't "black" in your country? You're in America now.

de como aquilo a incomodava. Ao ler o e-mail de Ifemelu, Wambui ficou admirada com o fato de como aquele texto era questionador e achou que mais pessoas precisavam lê-lo: “Tudo isso é tão cru e verdadeiro. Mais pessoas deveriam ler. Você devia fazer um blog.” (ADICHIE, 2013, p. 366)⁹⁰. Vale lembrar que nessa época Ifemelu já se mostrava mais familiarizada com os Estados Unidos e, apesar de ter gostado da ideia da amiga, não tinha a mínima noção de como começaria um *blog*. O que ela sabia é que precisava expressar o que sentia, pois percebeu que apenas escrever para Wambui não tinha sido suficiente. Sentiu uma imensa vontade de que outras pessoas pudessem ler e, talvez, até pudessem se identificar com aquilo que ela escreveria:

Quantas outras pessoas escolhiam o silêncio? Quantas tinham se tornado negras nos Estados Unidos? Quantas sentiam que seu mundo era envolto em gaze? Ifemelu terminou com Curt algumas semanas depois, fez um cadastro no *WordPress* e criou seu blog. (ADICHIE, 2013, p. 366)⁹¹.

O seu primeiro *post* era uma versão do e-mail enviado para Wambui, e nele, se referiu a Curt como “*The Hot White Ex*” (O ex-namorado branco gostoso). Ficou espantada que em apenas algumas horas, nove pessoas já haviam lido. Primeiramente, sem saber o que fazer com aquilo, Ifemelu apagou o *post*, mas no dia seguinte, publicou-o novamente.

Logo no primeiro capítulo, na página 4, tomamos conhecimento que a protagonista de *Americanah* tem um *blog*, pois o narrador diz que Ifemelu gostava de fazer perguntas pessoais para as pessoas e, muitas vezes, ela não comentava nada a respeito para ver se elas dariam mais detalhes, e era exatamente isso o que acontecia. O fato de não dizer nada, normalmente, era o momento em que esses indivíduos se sentiam mais à vontade para falar mais sobre suas vidas. Quando lhe perguntavam o que fazia, Ifemelu respondia que escrevia um *blog* chamado: “*Raceteenth ou observações diversas sobre negros americanos (antigamente conhecidos como crioulos) feitas por uma negra não americana*” e com isso as

⁹⁰ “This is so raw and true. More people should read this. You should start a blog.”

⁹¹ How many other people chose silence? How many other people had become black in America? How many had felt as though their world was wrapped in gauze? She broke up with Curt a few weeks after that, and she signed on to WordPress, and her blog was born.

peças se sentiam desconfortáveis com os comentários que haviam feito anteriormente.

Alguns dos temas centrais que encontramos na obra, como um todo, são: o sonho, o estereótipo, a solidão, a perda do nome e o uso do cabelo, e são acerca destes que discutiremos nos subitens a seguir.

3.1. O SONHO

Se eu posso sonhar com uma terra melhor
onde todos os meus irmãos caminham de
mãos dadas diga-me por que meu sonho não
pode se realizar.

(BROWN, *If I can dream*, 1968)⁹²

O sonho se faz presente, pois temos Ifemelu que sempre lutou para conseguir aquilo que queria e Obinze, seu namorado, que sonhava em estudar nos Estados Unidos. Essa vontade de Obinze surgiu por meio de livros norte-americanos que lia e acabou se apaixonando pela cultura do país sem nem mesmo nunca o ter visitado. Porém, foi Ifemelu que teve a oportunidade de ir aos Estados Unidos por meio de uma bolsa de estudos conseguida por sua tia Uju. Infelizmente, Obinze não teve a mesma chance e acabou indo à Inglaterra, realizando o sonho de ir para fora de seu país, mas não o de estudar na tão sonhada América.

Passados quase quinze anos da estada de Ifemelu nos Estados Unidos, o sonho se faz presente mais uma vez, mas agora representado pela vontade que sentia de voltar à Nigéria. Para o lugar onde se sentia, de fato, pertencente e que não precisava fingir ser alguém que não era. O que Ifemelu desconhecia é que após esse tempo, nem ela, nem a Nigéria eram mais as mesmas. Tampouco sabia, que ao voltar, tendo passado tantos anos fora, talvez ela não se sentisse mais pertencente à Nigéria também, afinal, agora, ela era um ser em trânsito que poderia

⁹² If I can dream of a better land where all my brothers walk hand in hand tell me why, oh why, oh why can't my dream come true. Canção interpretada por Elvis Presley. (Tradução nossa). Essa canção, escrita por Brown e interpretada por Elvis Presley, trata do sonho de que um dia percebamos que somos iguais, enquanto seres humanos. E que enquanto ele viver, sonhará com isso se tornando realidade.

não ser nem daqui, nem dali, ou, talvez, de todos os lugares ao mesmo tempo; pois tendo tido experiências vividas nesses dois lugares, ela poderia se sentir aprisionada na sua deslocalidade.

Ifemelu, quando chegou aos Estados Unidos, tinha muitas crenças a respeito daquele país, por meio daquilo que ouviu e conversou tantas vezes com Obinze, que achava ter muito conhecimento desse país por causa de suas leituras. Entretanto, ao chegar lá, Ifemelu percebeu como várias dessas suas crenças eram equivocadas, percebendo quantos estereótipos havia criado.

3.2. OS ESTEREÓTIPOS EM *AMERICANAH*

Os estereótipos fazem uma história tornar-se a única história.

(ADICHIE, 2009)⁹³

Em relação aos estereótipos, nos preparativos para ir aos Estados Unidos, Ifemelu não tinha ideia do quanto essa jornada mudaria a sua vida. E é nesse momento que percebemos o que a protagonista pensava dos Estados Unidos pelo simples fato de ela ir a uma loja para comprar um casaco para viajar, pois imaginava uma América gelada:

Cada onda de calor fazia Ifemelu se lembrar da sua primeira, no verão em que chegara. Era verão na América, ela sabia, mas durante toda a sua vida pensara no “exterior” como um lugar frio de casacos de lã e neve, e como a América era no “exterior”, e as suas ilusões tão fortes, que elas não podiam, de maneira nenhuma, serem evitadas, ela comprou o casaco mais grosso que encontrou no mercado Tejuosho para levar para a sua viagem. (ADICHIE, 2013, p. 127)⁹⁴.

Nesse trecho, notamos que Ifemelu, por meio daquilo que leu, ouviu e assistiu, achava que os Estados Unidos, como um todo, eram gelados e que havia

⁹³ They make one story become the only story. (Tradução nossa).

⁹⁴ Each heat wave reminded Ifemelu of her first, the summer she arrived. It was summer in America, she knew this, but all her life she had thought of “overseas” as a cold place of wool coats and snow, and because America was “overseas”, and her illusions so strong they could not be fended off by reason, she bought the thickest sweater she could find in Tejuosho market for her trip.

neve o ano inteiro. Mal conseguia entender o porquê daquele calor que estava sentindo e o porquê de, somente ela, estar vestindo um casaco de frio no avião. Vale ressaltar que não podemos acreditar em uma só história sobre um lugar, pois dessa maneira generalizaremos todo um povo, um país, até mesmo, toda uma cultura. Quando falamos dos Estados Unidos, temos de pensar de qual região estamos nos referindo, uma vez que o país tem dimensões continentais.

Quando Ifemelu já estava estabelecida nos Estados Unidos, ela encontrou sua amiga nigeriana, Ginika, que estava na América há mais tempo que ela e percebeu como sua amiga estava magra. A partir disso, Ifemelu notou que nos Estados Unidos se tinha o estereótipo de que a maioria das pessoas brancas eram magras, enquanto as negras eram gordas:

Ginika estava muito mais magra, metade do seu tamanho de outrora, e a sua cabeça parecia maior, equilibrada em um pescoço longo que trazia uma vaga memória de um animal exótico. [...]

“Quando você parou de comer e começou a parecer um bacalhau seco?” Ifemelu perguntou. (2013, p. 149)⁹⁵.

Além disso, Ginika apontou para Ifemelu a questão do que é ser *half-caste*, ou seja, birracial, como algo negativo nos Estados Unidos. Algo que na Nigéria não era visto da mesma forma, pois Ginika era considerada birracial e os colegas haviam votado nela como a menina mais bonita da escola. A amiga de Ifemelu diz ainda que se fosse nos Estados Unidos, provavelmente, não teria ganhado esse título e que lá, ela deveria se sentir ofendida se a chamassem dessa forma:

Eu encontrei muitas pessoas aqui com mães brancas e elas são cheias de questões, é [sic]. Eu nem sabia que eu tinha problemas até chegar na América. Honestamente, se alguém quer criar crianças birraciais que o façam na Nigéria. (ADICHIE, 2013, p. 151)⁹⁶.

O que Ginika quis dizer é que, nos Estados Unidos, ela era negra e que a hibridização entre raças não era bem vista. Era como se houvesse uma busca sem

⁹⁵ Ginika was much thinner, half her old size, and her head looked bigger, balanced on a long neck that brought to mind a vague, exotic animal. [...] “When did you stop eating and start looking like a dried stockfish?” Ifemelu asked.

⁹⁶ I’ve met a lot of people here with white mothers and they are so full of issues, eh. I didn’t know I was even supposed to have issues until I came to America. Honestly, if anybody wants to raise biracial kids, do it in Nigeria.

fim por um povo único, o que Kujawski (2005) chama de “mesmidade”. Essa ideia está atrelada à identidade nacional que prega uma identidade unificadora fazendo com que as pessoas acreditem que fazem parte de um mesmo grupo independentemente de sua classe, gênero e raça. Essa busca incessante pela pureza de um povo leva aos vários tipos de preconceito: racial, nacional, religioso etc.

Vale ressaltar que raça não é definida biologicamente e sim discursivamente, ou seja, vai além de diferenças físicas. Não é o simples fato de termos uma cor de pele e/ou cabelos diferentes, mas a maneira como passamos a classificar o outro, seja pelo gênero, raça, classe social, entre outros. É essa classificação que faz com que tenhamos indivíduos ditos superiores a outros. Isso ocorre no âmbito discursivo, por exemplo, o negro fora taxado como inferior aos brancos desde o período da escravidão e esse discurso tem sido repetido inúmeras vezes desde então, tornando-se assim um senso comum entre muitas pessoas que reproduzem essa fala até hoje.

Sabemos também que a base do racismo não é apenas formada nessa crença das diferenças biológicas, mas também em dois pilares que são bastante fortes na cultura norte-americana até a atualidade: patriotismo e nacionalismo.

O patriotismo e o nacionalismo caminham juntos e têm o seu lado positivo, que faz com que um povo se una em prol do bem-estar de uma nação, faz com que eles queiram lutar pelo seu país e que acreditem que não há lugar melhor para se morar do que o seu país de origem. Porém, o lado negativo, vem justamente do fato de que se acreditamos que de onde viemos é o melhor lugar possível, logo taxaremos o outro como inferior a nós.

Seguindo nessa direção, podemos dizer que é como se os norte-americanos ainda enfatizassem a tradição que tem como característica principal essa busca por uma identidade nacional, creditada em um passado que, em tese, fora melhor. Nesse caso, podemos pensar que, para os (não todos, pois não podemos generalizar) norte-americanos, um passado com negros escravos trabalhando para eles, sem se misturar com a sociedade, era mais vantajoso.

Todos esses pontos levantados dificultam o relacionamento entre as pessoas, ou seja, a relação do eu com o outro, pois, muitas vezes, ocorrerá sem o respeito pelas diferenças. Justamente pelo fato de o mundo ter se tornado globalizado com pessoas de diferentes países transitando em diferentes culturas.

Essa convivência entre as pessoas de lugares e culturas distintas nem sempre ocorre com o respeito devido, e é como se cada um quisesse ressaltar e/ou defender a sua própria cultura. Sem contar o chamado *culture clash*, que ocorre quando não conhecemos uma cultura e nos comportamos de maneira vista inadequada pela outra, podendo gerar a intolerância pelo outro. Essa dificuldade na relação entre as pessoas pode fazer com que, principalmente, o imigrante se sinta solitário nos seus primeiros anos de vivência nessa nova cultura.

3.3. A SOLIDÃO DO IMIGRADO

A consciência simbólica dá ao signo (Eu) uma dimensão de autonomia ou isolamento como se ele estivesse sozinho no mundo [...]

(BHABHA, 1998, p. 82)

Dentre os diversos sentimentos que Ifemelu teve de aprender a lidar, enquanto morava nos Estados Unidos, podemos destacar o da solidão. Nos anos em que esteve lá muitas foram as mudanças pelas quais ela passou, inclusive experiências que a fizeram, não somente amadurecer rapidamente, mas que deixaram marcas, muito provavelmente, para o resto de sua vida.

Esse sentimento de solidão se deu, muitas vezes, pelo próprio sentimento de *displacement*, ou seja, a própria condição de deslocada fazia com que ela se sentisse uma estranha no ninho. Ifemelu estava em um lugar que não era o dela, os costumes eram diferentes e ela ainda não tinha amigos. A sua família estava longe, ela só tinha a tia Uju como um membro familiar que ela podia recorrer, mas sua tia já havia se adaptado à nova cultura, passado por muitas experiências em sua vida que a modificaram e que fizeram com que ela não fosse mais aquela tia amorosa pela qual Ifemelu tinha lembrança, era como se ela estivesse a conhecendo novamente.

Levando em consideração o conceito de tradução, de Hall, podemos dizer que tia Uju, pelo tempo em que estava morando nos Estados Unidos e por todas as experiências que havia passado, havia se tornado um ser traduzido. Aquele que teve de transitar em pelo menos duas identidades, aprendeu a negociar diferentes culturas e não se ilude com uma volta ao passado, tampouco com o seu lugar de origem, no caso, a Nigéria.

A impressão que temos que, no caso da tia Uju, era muito mais do que uma adaptação àquele lugar, era uma conformidade, pois, por uma questão de sobrevivência, ela havia aprendido a não questionar e a fazer o que fosse necessário para se adequar, uma vez que ela havia escolhido morar ali. Pelo fato de esses sentimentos serem particulares, cada indivíduo que os sinta arranjará a sua própria forma de viver ou até mesmo de sobreviver àquilo, e é isso que torna as pessoas em seres individuais que podem até passar por experiências semelhantes, mas a forma que elas passarão por aquilo será única.

Ifemelu se sentia sozinha mesmo numa casa cheia de meninas da sua idade, pois elas se comportavam de um jeito diferente e bebiam muito. Ela olhava aquilo tudo e não sabia se poderia um dia se acostumar:

Havia códigos que Ginika sabia, maneiras de ser que ela tinha aprendido muito bem. [...] Garrafas e latas de cerveja eram empilhadas. As meninas relaxavam, numa lassidão glamorosa, no sofá e no tapete, enquanto um CD de rock pesado, que Ifemelu considerava um barulho desarmonioso, tocava. Teresa era quem bebia mais rápido, jogando latas de cerveja vazias no chão de madeira, enquanto as outras riam [...] Como elas sabiam quando rir, e do que rir? (ADICHIE, 2013, p. 152-153)⁹⁷.

Ifemelu dividia um quarto com garotas desconhecidas, elas eram amigas de Ginika, não suas. Quando chegou o dia de pagar o aluguel, avistou os cheques das garotas na mesa da cozinha e sabia que o pagamento estava atrasado porque não havia arrumado o dinheiro ainda. Ifemelu havia feito uma entrevista na casa de Kimberly, por intermédio de Ginika. Kimberly precisava de uma babá para seus dois

⁹⁷ There were codes Ginika knew, ways of being that she had mastered. [...] Bottles and cans of beer were piling up. They all lounged in glamorous lassitude on the sofa, and on the rug, while heavy rock, which Ifemelu thought was unharmonious noise, played on the CD player. Teresa drank the fastest, rolling each empty can of beer on the wood floor, while the others laughed [...] How did they know when to laugh, what to laugh about?

filhos, mas, infelizmente, mesmo tendo gostado de Ifemelu, ela não a contrata imediatamente. Então, folheando o jornal, viu um anúncio: *escorts* (acompanhantes), o qual Ginika já havia lhe alertado que era “prostituição”, por mais que diziam que não fosse.

Visto que não conseguira o trabalho na casa de Kimberley e que também não havia tido resposta da entrevista para garçoneiro; Ifemelu ficou desesperada e ligou para o anúncio de *escorts*. Ao chegar para a entrevista, o treinador de tênis lhe disse que a vaga para trabalhar em seu escritório já havia sido preenchida, mas havia uma outra para “ajudá-lo a relaxar” e o pagamento era de cem dólares por dia. Quando ela perguntou sobre o que, exatamente, tratava-se o trabalho, eis o que o treinador respondeu:

Olhe, você não é mais criança. Eu trabalho tanto que não consigo dormir. Não consigo relaxar. Não uso drogas, por isso achei que precisava de ajuda para relaxar. Você pode fazer uma massagem, me ajudar a relaxar, entendeu? (ADICHIE, 2013, p. 177)⁹⁸.

Estarrecida com a sinceridade do treinador e do que teria de fazer para conseguir o dinheiro, Ifemelu saiu e disse que pensaria na proposta, então, estava considerando ir até lá e fazer o que fosse necessário para conseguir honrar suas dívidas. E foi. Ao chegar à casa do treinador, ele a tocou e pediu para que ela o tocasse. Ifemelu saiu de lá se sentindo péssima, numa profunda tristeza e completamente sozinha:

Ficou sentada na cama, nua, observando sua vida, aquele quarto minúsculo com o tapete mofoado, a nota de cem dólares sobre a mesa, o corpo contorcido numa ânsia. Não devia ter ido lá. Devia ter ido embora. (2013, p. 190)⁹⁹.

Esse foi um dos períodos mais cruéis e tristes de sua vida, em que ela sentiu profunda sensação de abandono, pois achava que se contasse isso a alguém, ninguém a entenderia. Então, ligou para a tia Uju:

⁹⁸ “Look, you’re not a kid,” he said. “I work so hard I can’t sleep. I can’t relax. I don’t do drugs so I figured I need help to relax. You can give me a massage, help me relax, you know.”

⁹⁹ She sat naked on her bed and looked at her life, in this tiny room with the moldy carpet, the hundred-dollar bill on the table, her body rising with loathing. She should never have gone there. She should have walked away.

“Eu fui trabalhar para um homem no subúrbio hoje. Ele me pagou cem dólares.”

“Hum? Isso é muito bom, mas você tem de continuar procurando por alguma coisa permanente.” [...]

“Você não vai me perguntar o que eu fiz, tia? Você não vai me perguntar o que eu fiz antes que ele me pagasse cem dólares?” [...]

“O que você fez?” tia Uju perguntou sem interesse.

Ifemelu desligou. (2013, p. 191)¹⁰⁰.

Sozinha em seu quarto, pensou em como seria se ela matasse o treinador e, até mesmo, em como seria se ela deixasse de existir. Passou dias trancada no quarto, não tinha forças para continuar a sua vida naquele momento. Quando falava com os pais fingia que estava tudo bem, e parou de responder Obinze. Sentia-se suja, como se o tivesse traído de todas as formas, ficou completamente perdida e preferiu o silêncio, silêncio esse que a sufocou e quase a matou. Na verdade, era como se ela já tivesse morrido, mas não fisicamente:

Sabia que não havia razão para estar aqui, em estar viva, mas não tinha energia para pensar concretamente em como poderia se matar. Deitava-se na cama, lia livros e não pensava em nada. [...] Não ia mais à escola. Seus dias eram imobilizados pelo silêncio e pela neve. (ADICHIE, 2013, p. 192)¹⁰¹.

Nesse período, Obinze ligou repetidas vezes para entender o sumiço de Ifemelu, mas ela não encontrava coragem de falar com ele e muito menos de desabafar sobre o que havia acontecido: “Apagava todas as mensagens de voz não ouvidas e e-mails não lidos. Se encontrava afundando, afundando rapidamente e incapaz de se reerguer”. (2013, p. 192)¹⁰².

Nesse momento, Ifemelu se sentiu ainda mais solitária, pois não tinha muitos amigos, não tinha emprego, não tinha coragem de falar com o namorado e nem de contar aos pais. A única pessoa que pensou em contar tinha sido tia Uju, que não dera a mínima importância, fazendo com que ela perdesse a vontade de desabafar.

¹⁰⁰ “I went to work for a man in the suburbs today. He paid me a hundred dollars.” “Ehn? That’s very good. But you have to keep looking for something permanent.” [...] “Won’t you ask me what I did, Aunty? Won’t you ask me what I did before the man paid me a hundred dollars?” [...] “What did you do?” Aunty Uju asked flatly. Ifemelu hung up.

¹⁰¹ She knew there was no point in being here, in being alive, but she had no energy to think concretely of how she could kill herself. She lay in bed and read books and thought of nothing. [...] She no longer went to class. Her days were stilled by silence and snow.

¹⁰² She deleted his voice messages unheard and his e-mails unread, and she felt herself sinking, sinking quickly, and unable to pull herself up.

A indignação só aumentou quando soube que, para trabalhar em um emprego que tia Uju havia lhe arrumado, ela precisaria usar outro nome.

3.4. SEM NOME, SEM DOCUMENTO

Quem sou eu? Posso esconder quem sou para sempre? Fingir que não sou o homem que eu era? E esconder meu nome até eu morrer? Não ser mais que um álibi? Devo mentir?

(HUGO, *Les Misérables*, 1862)¹⁰³

Quando sua tia Uju tentou ajudá-la a arrumar um emprego, foi outro período de tristeza na vida de Ifemelu, pois para isso ela precisaria usar outro nome, o de uma amiga de sua tia: Ngozi Okonkwo. Ngozi tinha conseguido a cidadania americana e havia voltado à Nigéria por um tempo, para começar um negócio próprio, e concordou em deixar Ifemelu trabalhar com o seu *Social Security Card*¹⁰⁴.

Ifemelu ficou inconformada com essa ideia de ter de se passar por uma outra pessoa, era como se ao chegar aos Estados Unidos, ela fosse perdendo pouco a pouco a sua dignidade, a sua identidade:

“Como? Eu vou usar o nome dela?” Ifemelu perguntou.
 “Claro que você vai usar o nome dela,” tia Uju disse, sobrancelhas erguidas, como se ela mal tivesse conseguido parar a si mesma de perguntar se Ifemelu era burra. [...] Era como se, entre elas, aquela intimidade de outrora, tivesse desaparecido repentinamente. A impaciência de tia Uju, aquele novo jeito irritadiço, fizesse com que Ifemelu sentisse que havia coisas que ela já deveria saber [...].
 (ADICHIE, 2013, p.131)¹⁰⁵.

¹⁰³ Who am I? Can I conceal myself for evermore? Pretend I'm not the man I was before? And must my name until I die be no more than an alibi? Must I lie? (Tradução nossa).

¹⁰⁴ *Social Security Card* é um número de identificação pessoal nos Estados Unidos, semelhante ao CPF no Brasil. Por meio dele, o governo tem acesso aos seus dados pessoais e as empresas podem encontrar informações acerca de sua vida financeira. As pessoas que o possuem são cidadãos norte-americanos; residentes permanentes que possuem o *green card*; trabalhadores temporários, ou seja, aquelas que possuem visto de trabalho para os EUA; estudantes de intercâmbio que tenham sido autorizados a trabalhar no campus da instituição de ensino. Já o *green card* funciona como se fosse um visto de residência permanente no país que concede ao cidadão o direito de viver e trabalhar de forma totalmente legal em território norte-americano.

¹⁰⁵ “How? I’ll use her name?” Ifemelu asked. “Of course you’ll use her name,” Aunty Uju said, eyebrows raised, as though she had barely stopped herself from asking if Ifemelu was stupid. [...] It

Vale lembrar que o nosso nome não é a nossa identidade, uma vez que a construímos a partir de nossas vivências e pessoas que convivemos, mas nos representa. Não é incomum quando alguém nos chama pelo nosso nome, mesmo que não seja a nós que estão se referindo, ainda assim, olhamos, como se achássemos que pelo nome fôssemos, de alguma forma, únicos. Outro ponto bastante relevante de nossa identidade, sobretudo para as mulheres, são os cabelos, desde um penteado até a sua estrutura.

3.5. CABELO: O RETRATO DA IDENTIDADE

A verdade é que você tem sangue crioulo tem
cabelo duro sarará crioulo.

(Composição Macau, 1970)¹⁰⁶

Em relação ao cabelo, sabemos que o “padrão de beleza da moda”, mais especificamente, sempre prezou pelo cabelo liso ou apenas ondulado, que se tornaram objeto de desejo entre as mulheres de diversas culturas em diferentes partes do mundo. Fazendo muitas mulheres acreditarem que só se é, de fato, bonita e até mesmo profissional, se tiverem o cabelo perfeitamente liso.

Entretanto, sabemos que isso se trata de um estereótipo retratado, muitas vezes, em filmes, principalmente os norte-americanos, mulheres que se tornam bem-sucedidas, aparecerem com os cabelos lisos e loiros. Indo nessa direção, podemos perceber, em uma conversa com Ifemelu, quando tia Uju vai a uma entrevista de emprego e sente a necessidade de tirar as tranças e relaxar os cabelos, incentivada por sua amiga, Kemi, que diz que, normalmente, as pessoas não veem esse visual como algo profissional. Ifemelu, na época, ficou indignada tanto com o comentário de Kemi quanto com a atitude da tia de tirar as tranças. Porém, mais tarde, se viu na

was if, between them, an old intimacy had quite suddenly lapsed. Aunty Uju's impatience, that new prickliness in her, made Ifemelu feel that there were things she should already know [...].

¹⁰⁶ Essa canção foi escrita por Macau na década de 70 e interpretada por Sandra de Sá que nos mostra que, provavelmente, mesmo a pessoa mais racista pode ter sangue de negro por meio de seus antepassados.

mesma situação quando foi a uma entrevista de emprego. Ela lembrou do que sua tia havia feito e acabou se rendendo a esse padrão que dita o que seria ter uma "aparência profissional" (como se isso existisse), seguiu o conselho de sua orientadora (*career counselor*, aquele que ajuda o graduando na escolha da carreira), Ruth, e alisou os cabelos passando por um procedimento que a feriu não somente externa, mas internamente.

Primeiramente, tentou o procedimento em casa, pois não foi difícil achar vários produtos de inúmeras marcas que prometem alisar os cabelos em poucos minutos:

Ela removeu as tranças cuidadosamente para não machucar o couro cabeludo, para não mexer na camada que o protegeria. [...] Cronometrou o processo cuidadosamente, tirou o relaxante após exatamente vinte minutos, mas seu cabelo continuou crespo, com a mesma densidade. (ADICHIE, 2013, p. 251)¹⁰⁷.

Ao perceber que seus cabelos continuavam crespos, resolveu, então, procurar um profissional:

Ifemelu sentiu apenas uma leve ardência, no começo, mas quando a cabeleireira estava tirando o relaxante enquanto ela mantinha a cabeça apoiada em uma pia de plástico, agulhadas de dor profunda surgiram em diversas partes de seu couro cabeludo e se refletiram em parte diferentes do corpo, ricocheteando de volta para a cabeça. "Arde um pouco," disse a cabeleireira. "Mas olha como está bonito. Uau, menina, você está com um balanço de branca!" (2013, p. 251)¹⁰⁸.

Depois de ter percebido que tinha se deixado levar por mais esse estereótipo, ela acabou cortando todo o cabelo para que pudesse crescer novamente saudável e crespo, do jeito que era e ela gostava.

Há um filme chamado, *Felicidade por um fio* (2018) - *Nappily ever after*, que ilustra essa relação das mulheres com o cabelo, autoestima e autoconfiança. Nessa

¹⁰⁷ She removed her braids, careful to leave her scalp unscratched, to leave undisturbed the dirt that would protect it.[...] She timed the process carefully, washing off the relaxer in exactly twenty minutes, but her hair reminded kinky, its denseness unchanged.

¹⁰⁸ Ifemelu felt only a slight burning, at first, but as the hairdresser rinsed out the relaxer, Ifemelu's backwards against a plastic sink, needles of stinging pain shot up from different parts of her body, back up to her head. "Just a little burn," the hairdresser said. "But look how pretty it is. Wow, girl, you've got the white-girl swing!"

trama, a protagonista é negra e, assim como Ifemelu, também teve os cabelos alisados. Quando um procedimento de clareamento dos fios dá errado, ela mesma raspa a cabeça. Primeiramente, ficou horrorizada, mas depois a confiança em si mesma foi crescendo gradativamente junto com os seus cabelos, exatamente como aconteceu com Ifemelu.

Por meio desse exemplo, podemos perceber que a questão do cabelo, principalmente para as mulheres, é algo muito forte em relação não somente ao visual, mas também à identidade. Como se o cabelo as representasse e fosse capaz de mostrar exatamente aquilo que elas estão sentindo em cada época de suas vidas.

Visto que Ifemelu estava em um lugar que não era o dela, percebemos que estava tentando se adaptar e por isso seguia os conselhos de quem estava à sua volta. Porém, a protagonista começa a perceber que para isso era necessário não apenas mudar o visual, mas também mudar quem ela era no seu íntimo. Cada mudança que sofria era um questionamento novo que surgia em sua mente, Ifemelu queria, que de alguma forma, sua identidade permanecesse e isso fazia com que, talvez, ela não soubesse mais quem realmente era naquele momento.

O que Ifemelu não sabia é que não era do contato com as outras pessoas que ela precisava, mas apenas do contato com ela mesma. Para Gay e Hall (2003), para nos redescobrirmos e nos colocarmos em conexão conosco mesmos, precisamos do anonimato, como se fôssemos a um deserto e nos perdêssemos, inicialmente, para, posteriormente, acharmo-nos. Tampouco sabia que a nossa identidade não é unificada, logo somos compostos de várias identidades e que elas mesmas são contraditórias. Somos caracterizados, juntamente com a nossa identidade, pela pluralidade e diferença. Ifemelu precisava, na verdade, reconstruir-se e se ressignificar naquele novo lugar, e foi exatamente o que aconteceu com ela por meio de seu *blog*.

3.6. O BLOG E O RENASCIMENTO DE IFEMELU

Quantas outras pessoas escolheram o silêncio?
Quantas outras pessoas tinham se tornado negras
nos Estados Unidos?

(ADICHIE, 2013, p. 366)¹⁰⁹

No *blog*, especificamente, os temas estão relacionados, principalmente, ao preconceito racial e da forma que, muitas vezes, Ifemelu entendia o racismo no país em que estava morando. Pois o *blog* se constitui, basicamente, de conversas e até mesmo discussões que ela tinha com as pessoas, e situações que ela vivenciava ou via acontecer em seu cotidiano.

Americanah está dividida em cinquenta e quatro capítulos e, ao todo, temos um total de vinte e um *posts*, sendo que somente a partir do capítulo cinquenta é que Ifemelu trocou o longo nome anterior de seu *blog* para “*The Small Redemptions of Lagos*” (As pequenas redenções de Lagos), pois, nessa fase, ela já estava de volta à Nigéria.

No primeiro capítulo, na página 5, temos uma menção do seu primeiro *post*: “*Not All Dreadlocked White American Guys Are Down*” (Nem todos os caras brancos de *dread* estão na nossa), em que Ifemelu fala sobre como depois de ter observado o visual descolado de um rapaz branco que usava *dreads*, ela já o imaginara como colunista convidado para escrever em seu *blog*. Até que ele começou a dizer que a questão de raça era algo exagerado e que os negros precisavam enxergar isso de forma diferente, que tudo era, na verdade, uma questão de classe, de opressores e oprimidos. E percebeu que seu visual não condizia com suas crenças, uma vez que não podemos taxar alguém de qualquer coisa que seja, somente pelo estilo de roupas e cabelos que a pessoa usa.

Somente no capítulo 9, na página 129, é que temos, de fato, o seu primeiro *post*: “*Understanding America for the Non-American Black: What Hispanic Means*” (Entendendo a América para o negro não americano: o que significa hispânico), que Ifemelu escreve sobre a sua chegada à casa da tia Uju e lembra como ficou

¹⁰⁹ How many other people chose silence? How many other people had become black in America?

indignada ao perceber que a babá de seu primo, a qual se chamava Alma, apesar de ter a pele branca, nos Estados Unidos, ela não era considerada branca e sim hispânica, algo que envolvia etnia e raça, e que Ifemelu só foi entender, de fato, passados alguns anos de experiência no país.

Nesse *post*, já mencionado anteriormente, no primeiro capítulo, na página 52, Ifemelu descreve sua indignação de, apenas pelo fato, dessas pessoas falarem uma língua hispânica, sendo de qualquer lugar do mundo, menos da Espanha (porque senão elas seriam europeias), elas seriam rotuladas, nos Estados Unidos, de hispânica, independentemente da cor de sua pele.

No capítulo 16, página 205, temos um outro *post*: “*Sometimes in America, Race is Class*” (Às vezes, nos Estados Unidos, raça é classe), nesse *post*, Ifemelu discorre como o simples fato de uma pessoa negra abrir a porta de uma casa imponente para um subalterno podia fazer com que esse homem ficasse surpreso e até reagisse de forma hostil. Na ocasião, Ifemelu estava trabalhando de babá dos filhos de Kimberly e um rapaz havia sido chamado para limpar o carpete da casa.

A protagonista de *Americanah* descreve a casa como: “[...] de pedra imponente com pilares brancos.” (ADICHIE, 2013, p. 205)¹¹⁰, ou seja, a partir dos seus estereótipos, o homem agira daquela forma, pois achava impensável uma mulher negra poder ser dona de uma casa de classe média alta. No momento em que Ifemelu lhe diz que a senhora Turner o havia chamado, o homem mudou totalmente a sua postura.

Vale lembrar que, conforme já mencionado no capítulo 1, estereótipos nem sempre são uma inverdade, porém são, muitas vezes, ofensivos e reforçam uma ideia ruim, não deixando espaço para uma outra história que poderia ser contada sobre aquelas pessoas, culturas e lugares. Nesse caso, esse senhor não deu nenhuma chance para que Ifemelu pudesse ser a dona da casa, simplesmente por causa da única história que tinha sobre isso: a de que negros não pertencem àquela classe social, então ela não estaria em uma casa como aquela, a menos que fosse para trabalhar.

¹¹⁰ [...] grand stone house with the white pillars.

Devido a esse acontecimento, ela escreveu esse *post* dizendo que raça nos Estados Unidos é, na verdade, uma questão de classe:

Para ele, não importava quanto dinheiro eu tinha. De acordo com sua maneira de ver as coisas, eu não me encaixava no papel de proprietária daquela mansão por causa da minha aparência. No discurso público dos Estados Unidos, muitas vezes “Negros”, como um todo, são colocados na mesma categoria que “Branços Pobres”. Não “Negros Pobres” e “Branços Pobres”. Mas “Negros” e “Branços Pobres”. É uma coisa muito curiosa mesmo. (2013, p. 205)¹¹¹.

No capítulo 17, página 227, Ifemelu escreve o *post* com o seguinte título: “*Understanding America for the Non-American Black: American Tribalism*” (Entendendo a América para o negro não americano: o tribalismo americano), nesse *post* Ifemelu discorre sobre algo que a deixou muito triste em uma visita à casa de sua tia Uju.

Conversando com o seu primo Dike, ela lhe perguntou se ele tinha se divertido na colônia de férias, primeiramente ele disse que havia sido legal, mas acabou contando à Ifemelu que a guia do grupo dera filtro solar para todos, menos para ele, pois julgava que ele não precisava. Nesse momento, Ifemelu ficou consternada e as palavras lhe faltaram, então tentou explicar ao Dike o inexplicável. O fato de ele ter uma pele negra fez com que a guia pensasse que ele não precisava de protetor solar, e acrescentou que, provavelmente, ela não sabia que, independentemente da cor da pele, todos precisam usar filtro solar e que compraria um para ele. O mais triste dessa conversa, ocorre quando Ifemelu pergunta ao Dike se ele queria que a tal guia o tivesse dado o filtro e ele responde: “Acho que sim” [...] “Só quero ser normal.” (ADICHIE, 2013, p. 227)¹¹².

Mais uma vez notamos a questão do estereótipo por parte dessa guia da colônia de férias de Dike, formado a partir do fato de ela ignorar que negros ou brancos, todos precisamos ser protegidos do sol, e não somente essa questão, mas também o racismo que se esconde por trás dessa atitude. Igualmente ilustrada pela frase: “Não sou brasileiro”, em que Silva (2006) discorre tão bem sobre o fato de

¹¹¹ It didn't matter to him how much money I had. As far as he was concerned I did not fit as the owner of that stately house because of the way I looked. In America's public discourse, “Blacks” as a whole are often lumped with “Poor Whites”. Not Poor Blacks and Poor Whites. But Blacks and Poor Whites. A curious thing indeed.

¹¹² “I guess so” [...] “I just want to be regular.”

uma simples afirmação poder carregar uma gama enorme de sentidos e negações com ela, pois todas as vezes que dizemos o que somos, estamos, de alguma forma, negando aquilo que não somos. No caso da frase acima, negamos todas as outras nacionalidades.

Conforme mencionado no capítulo 1 deste trabalho, sobre racialidade, uma vez que na história da humanidade, as pessoas começaram a ser classificadas por cor, gênero, classe, etnia, etc., essa categorização fez com que o termo racialidade passasse a ser sinônimo de racismo, que gerou discriminação e disseminou o ódio ao redor do mundo. Qualquer tentativa de uma padronização gerará conflitos, pois ela exclui e classifica o outro como diferente, lembrando que também somos um outro para as pessoas.

Quando Ifemelu, mais tarde, escreve sobre esse ocorrido em seu *blog*, fato é que em uma resposta calorosa por ela ter ficado muito chateada e até mesmo aborrecida com esse episódio com o seu primo, ela generaliza tanto quanto a guia que ofendeu seu primo.

Primeiro, ela diz que existe quatro tipos de tribalismo nos Estados Unidos: classe, ideologia, região e raça. Sendo que classe definiria as pessoas entre ricos e pobres; a ideologia seriam os liberais e conservadores que sempre discordam entre si; a região Norte e Sul que lutaram a guerra civil e, finalmente, raça, que Ifemelu diz haver uma escada na hierarquia social: brancos, sempre no topo e negros, sempre no nível mais baixo, e o que está no meio depende do tempo e do lugar.

No mesmo *post* ela descreve um fato em sua sala de aula em que os seus colegas disseram sobre um rapaz: “Meu Deus, que cara de judeu ele tem” (ADICHIE, 2013, p. 228)¹¹³, porém o que Ifemelu via era somente um rapaz branco e não entendia como aquelas pessoas conseguiam distingui-lo como judeu. Foi quando lembrou que havia lido que os norte-americanos sabem se alguém é judeu ou não pelo sobrenome, pois no passado eles não admitiam judeus em suas escolas.

No capítulo 1, ainda, vimos que quando convivemos com outras pessoas, essa convivência gerará, muitas vezes, uma alteridade em ambos e, a partir dessa

¹¹³ “Oh my God, he looks so Jewish.”

relação é que teremos o respeito pelo próximo ou entraremos em conflitos. Vale ressaltar que ao chamar de “diferenças” é porque já temos algo como padrão em nossas mentes.

O problema não é o que Ifemelu diz em seu *post*, mas a forma que o faz. Assim como o rapaz que ficou surpreso ao vê-la atender a porta de uma casa de classe média alta e como a guia da colônia de férias agira em relação a Dike, Ifemelu também generalizou. Não somente generalizou, como agrupou o povo norte-americano em quatro tipos, como se todos fossem pertencentes àqueles grupos e agissem da mesma forma. Porém, vale salientar que seu *post* foi uma reação ao que tinha acontecido antes e, muitas vezes, quando reagimos por impulso temos a vontade de ofender tanto quanto fomos ofendidos.

No capítulo 19, página 253, deparamo-nos com o *post*: “*Understanding America for the Non-American Black: What Do WASPs Aspire to?*” (Entendendo a América para o negro não americano: o que os WASPs¹¹⁴ querem?), Ifemelu não só queria, como precisava de um emprego e Curt, seu namorado nessa época, decidiu lhe ajudar.

Sua formação era em Comunicação, então ela queria trabalhar com algo que tivesse a ver com mídias em geral: televisão, revista, jornal. Curt fez algumas ligações e conseguiu uma entrevista para ela na área de Relações Públicas em um escritório no centro de Baltimore. Se conseguisse o emprego, conseguiria também um visto de trabalhador temporário e, assim, poderia dar início ao processo de obtenção do *green card*.

Ifemelu decidiu, antes de ir à tal entrevista, conversar com sua consultora de emprego sobre a vaga e Ruth lhe aconselhou a tirar as tranças e alisar os cabelos, conforme dito anteriormente: “Meu conselho? Tire essas tranças e alise o cabelo. Ninguém fala nessas coisas, mas elas importam. A gente quer que você consiga esse emprego”. (ADICHIE, 2013, p. 250)¹¹⁵.

¹¹⁴ Entendemos por WASP – White, Anglo Saxon and Protestant) – (Branco, Anglo-Saxão e Protestante) esse termo é usado, normalmente, em um sentido pejorativo que se designa aos indivíduos que seguem a religião protestante, tem uma ascendência britânica e possuem, supostamente, um poder econômico, político e social.

¹¹⁵ “My only advice? Lose the braids and straighten your hair. Nobody says this kind of stuff but it matters. We want you to get that job.”

Passado todo o processo de alisamento e sofrimento para que o procedimento fosse bem-sucedido, Ifemelu se sentiu como se estivesse de luto ao ver que seus cabelos não mostravam mais seus cachos vivos de outrora, e sim um liso morto e queimado. Era mais um pedaço de sua identidade que ia embora junto com os seus cachos, em busca de uma adequação àquele lugar que ela não podia chamar de seu nem agora, e talvez nunca. E por mais que se adequasse, Ifemelu jamais pertenceria a esse país e é sobre isso que o conceito de *belonging* trata; o indivíduo que vai a outro lugar pode não se sentir pertencente àquele lugar em que está, e até mesmo em relação ao seu de origem quando tem a oportunidade de voltar.

Quando Ifemelu chegou à casa de Curt, ele não disse nada, só perguntou se ela tinha gostado e quando tentou acariciar os cabelos dela, Ifemelu lhe pediu para ter cuidado, pois estava com dor por causa das queimaduras que o procedimento a havia causado. E então, ela mostrou para ele uma marca que já tinha atrás da orelha quando sua tia passava seus cabelos a ferro, quando era ainda uma adolescente. Nesse momento, Curt pediu a Ifemelu para que ela o deixasse examinar seu coro cabeludo para ver o quanto estava ferido e então, ele ficou estarecido com o que viu e Ifemelu se sentiu mais próxima a ele nesse momento de fragilidade.

Curt era branco, e por mais que tentasse, não conseguia entender a real razão para que Ifemelu tivesse decidido fazer aquilo. Olhando para ela, ele disse o quanto achava suas tranças bonitas e o quanto gostava de seus cabelos sem trança também, ao natural. Ifemelu lhe explicou que seu cabelo não tinha uma aparência considerada “profissional”, ao que ele respondeu indignado: “É errado você ter que fazer isso, porra.” [sic](ADICHIE, 2013, p. 252)¹¹⁶.

Sua alma estava despedaçada, ela não se reconhecia no espelho, seu coro cabeludo estava em carne viva e com pus; Ifemelu passara na entrevista: “[...] a mulher apertou sua mão e disse que “se encaixaria maravilhosamente” na empresa [...]” (2013, p. 252)¹¹⁷ e Ifemelu se perguntou se ela se enquadraria tão bem assim se ela tivesse ido com os seus cabelos ao natural: “[...] uma coroa espessa e crespa

¹¹⁶ It's so fucking wrong that you have to do this.

¹¹⁷ “[...] the woman shook her hand and said she would be a “wonderful fit in the company [...]”

que Deus lhe dera, seu afro [...]” (2013, p. 252)¹¹⁸. Era mais um pedaço de sua identidade que se desfazia junto com o seu cabelo.

Após o ocorrido, Ifemelu decidiu escrever um *post* sobre dois professores que discutiam se os judeus sofreram mais ou menos do que os negros. Como se isso fizesse alguma diferença nas marcas em que ambos os povos carregavam consigo, e como se houvesse alguma escala do sofrimento em que pudéssemos medir o sofrimento de cada um deles:

As minorias raciais americanas — negros, hispânicos, asiáticos e judeus — todas sofrem merda na mão dos brancos, merdas diferentes, mas merda mesmo assim (sic.). Cada uma secretamente acredita que sua merda é a pior. Então, não, não existe uma Liga Unida dos Oprimidos. No entanto, todos os outros acham que são melhores do que os negros porque, bem, eles não são negros. (ADICHIE, 2013, p. 253)¹¹⁹.

Nesse trecho de seu *post*, Ifemelu afirma que as minorias, de uma maneira geral, sofrem nos Estados Unidos, mas ao mesmo tempo ela ressalta que “todos” os outros se acham superiores aos negros exatamente por não serem negros. Mais uma vez, indignada com o que havia lhe acontecido e com o que via ao seu redor, Ifemelu generaliza as pessoas como se todas pensassem e agissem da mesma forma.

No mesmo *post*, ela diz como ser branco é algo que essas minorias aspiram a partir do exemplo de uma mulher que falava língua espanhola e trabalhava para a sua tia. Segundo tia Uju, Lili não trabalhava bem e atribuía essa atitude da moça ao fato de que ela não gostava de trabalhar para negros:

¹¹⁸ “[...] her thick, kinky, God-given halo of hair, the Afro. [...]”

¹¹⁹ American racial minorities – blacks, Hispanics, Asians, and Jews – all get shit from white folks, different kinds of shit, but shit still. Each secretly believes that it gets the worst shit. So, no, there is no United League of the Opressed. However, all the others think they’re better than blacks because, well, they’re not black.

“[...] Que mulher idiota, ela pensa que é branca”. Ou seja, a brancura é algo a que se aspira. Nem todo mundo é assim, claro (por favor, não precisam afirmar o óbvio nos comentários), mas muitas minorias têm um anseio conflituoso pela brancura dos *WASPs* ou, para ser mais exata, pelos privilégios da brancura dos *WASPs*. Eles não devem gostar de pele branca, mas certamente gostam de entrar numa loja sem que um segurança os acompanhe. [...] Então, se todos nos Estados Unidos querem ser *WASPs*, o que os *WASPs* querem? Alguém sabe? (2013, p. 253)¹²⁰.

Podemos observar que Ifemelu diz em seu *post* que nem todos pensam dessa forma e que isso deveria ser óbvio para as pessoas, mas, muitas vezes, precisamos falar de obviedade para que as pessoas entendam o que estamos dizendo, principalmente se aquilo que dizemos é público e pode, de alguma forma, formar opiniões. Vale ressaltar ainda que não estamos livres de estereotipar e generalizar, muitas vezes, mesmo quando não queremos passar uma ideia preconceituosa, podemos ser mal-interpretados. E conclui dizendo que “todos nos Estados Unidos” querem ser *WASP*, como se pudéssemos saber o que todas as pessoas pensam e querem para si.

No capítulo 20, página 264, Ifemelu escreveu um outro *post* com o título: “*Why Dark Skinned Black Women – Both American and Non-American – Love Barack Obama*” (Por que as mulheres negras de pele escura – tanto americanas quanto não americanas – amam Barack Obama). Desde que Ifemelu fizera o relaxamento nos fios, eles nunca mais foram os mesmos e nem ela, pois seus cabelos ficaram mais fracos e ralos, e Ifemelu, agora, preocupava-se se ia suar demais, em tomar chuva, enfim, com tudo aquilo que pudesse deixar seu cabelo crespo. Conversando sobre isso com sua amiga, Wambui, a amiga lhe explicou como esses procedimentos afinam o cabelo pela quantidade de química que carregam e quem os fazem, provavelmente, terão problemas futuros, e viverão, como se estivessem presas ao próprio cabelo.

¹²⁰ “[...] Stupid woman, she thinks she’s white.” So whiteness is the thing to aspire to. Not everyone does, of course (please, commenters, don’t state the obvious) but many minorities have a conflicted longing for WASP whiteness or, more accurately, for the privileges of WASP whiteness. They probably don’t really like pale skin but they certainly like walking into a store without some security dude following them. [...] So if everyone in America aspires to be WASPs, then what do WASPs aspire to? Does anyone know?

Wambui aconselhou Ifemelu a cortá-los para que eles pudessem crescer saudáveis e livres novamente, a primeira reação de Ifemelu foi dizer não, mas avaliou bem a situação e acabou deixando a amiga cortá-los. Quando se olhou no espelho, não gostou nem um pouco do que vira e se achou ora parecida com um menino, ora com um inseto, então finalmente disse: “Estou tão feia. Dá até medo.” (ADICHIE, 2013, p. 258)¹²¹.

Para piorar as coisas, ao chegar em casa, mesmo Curt dizendo que não via problema nenhum em seu novo estilo, Ifemelu falou com Wambui por mensagem de texto que lhe indicou um site chamado: “*HappilyKinkyNappy.com*” (FelizComEnroladoCrespo.com), uma comunidade de mulheres com cabelos naturais e completou dizendo que ela iria encontrar inspiração. Ao pegar o *notebook* de Curt para ver o tal *site*, deparou-se com um e-mail dele trocado com uma mulher. Não havia acontecido nada de concreto entre eles, mas se Ifemelu não tivesse visto a foto daquela mulher com os cabelos compridos e lisos, talvez tivesse ficado menos chateada e não se sentindo feia (como ela mesma se descreveu naquele momento).

Ifemelu, na verdade, estava em busca de uma identidade que não sabia qual era, pois não havia construído ainda. Ao chegar nos Estados Unidos, uma cultura totalmente diferente da sua, ela tentou se adequar para, ao menos, fazer o mínimo de parte daquele lugar ao qual não pertencia. A fase, agora, era de desconstrução, Ifemelu estava em busca de sua identidade do presente. Depois de tudo que passou e viveu, ela precisava saber quem era agora.

Começou, então, pelos cabelos; o visual, embora lhe causasse desconforto, aos poucos foi se acostumando e até mesmo, gostando. A partir desse ocorrido, a protagonista traça um outro rumo para a sua identidade, que não seria mais aquela de outrora, período que ficou marcado pela sua saída da Nigéria e chegada aos Estados Unidos.

Ifemelu precisava se reinventar para que não vivesse o que Gilberto Freyre (2008) chama de realidade tríplice (ressalta que entre o passado e o futuro existe o presente), precisava de uma identidade que combinasse com a sua realidade de agora para que, assim, não ficasse nem presa a um passado que não retornaria e

¹²¹ “I look so ugly I’m scared of myself.”

nem a um futuro que não havia chegado, e pudesse viver o presente da melhor maneira que pudesse.

Pensando nisso, escreveu um *post* dedicado às mulheres negras, que, talvez, agora, se sentissem representadas se tivessem Michele Obama como primeira dama à época. Ela diz ainda que Barack Obama havia quebrado alguns paradigmas pelo fato de ter se casado com uma negra, pelo simples fato de muitos homens negros americanos serem casados com mulheres brancas.

No primeiro parágrafo de seu *post*, Ifemelu discorre sobre o fato de muitos negros americanos se orgulharem de ter algum antepassado indígena pois assim não seriam nem tão negros e nem teriam a pele tão escura. Diz também que os negros americanos de pele escura têm um ressentimento com aqueles de pele clara, pois acham que eles atraem mais facilmente as mulheres.

Ifemelu completa dizendo que isso não acontece somente nos Estados Unidos, mas também nos países caribenhos e africanos, como se houvesse uma escala de quem é mais e menos negro: “Aliás, que história é essa de os etíopes acharem que não são tão negros? E por que os caribenhos se apressam tanto em dizer que têm ancestrais de várias raças?” (ADICHIE, 2013, p. 265)¹²².

Conclui dizendo que se Barack Obama ganhasse as eleições, talvez agora as mulheres negras americanas fossem contratadas para filmes com um grande orçamento e que fossem chamadas para serem as protagonistas, e não apenas a amiga ou a empregada gorda.

No capítulo 21, página 273, “*To My Fellow Non-American Blacks: In America, You Are Black, Baby*” (Para outros negros não americanos: nos Estados Unidos você é negro, baby), nessa passagem, Ifemelu vai à casa de tia Uju com Curt, para que sua tia e seu primo o conhecessem. Tia Uju ficou encantada com a maneira com que Curt tratava e olhava para Ifemelu, mas fez um comentário indelicado sobre o estilo do cabelo da sua sobrinha:

“Ele gosta muito de você”, disse tia Uju. E então, com uma careta, acrescentou: “Apesar do seu cabelo estar assim”.
“Tia, *biko*, deixe meu cabelo em paz.”

¹²² By the way, what is it with Ethiopians thinking they are not that black? And small Islanders eager to say their ancestry is “mixed”?

“Parece juta.” Tia Uju enfiou uma das mãos no afro de Ifemelu. Ifemelu afastou a cabeça. “E se todas as revistas que você lesse e todos os filmes que visse tivessem mulheres lindas com cabelo parecendo juta? Você ia estar admirando meu cabelo.” Tia Uju fez um muxoxo de desdém. “Tudo bem, você pode falar desse jeito complicado, mas o que eu estou dizendo é verdade. Cabelo natural tem algo de desleixado e desmazelado.” (ADICHIE, 2013, p. 269)¹²³.

O que podemos perceber nessa conversa é um desdém de tia Uju com o novo cabelo de Ifemelu e o quão admirável ela achava o sentimento desse rapaz por ela apesar do cabelo dela estar do jeito que estava. A sobrinha tentou inverter os “padrões” dizendo que se a tia visse mais cabelos como o dela, não pensaria e/ou diria aquilo; mas a tia insiste em dizer que sua aparência estava desleixada e que falar difícil não a ajudaria em nada.

Depois desse episódio, Ifemelu escreve em seu *blog*, em formato de carta, informando que não importava de que país as pessoas eram: Jamaica ou República do Gana, uma vez na América, elas seriam consideradas negras e ponto final. E acrescentou que o fato de os indivíduos não se dizerem negros é porque sabiam que ser negro estaria implícita a ideia de que isso não é algo bom nos Estados Unidos: “[...] os negros são o último degrau da escada de raças americana. E você não quer estar ali. Não negue.” (2013, p. 273)¹²⁴. E, mais adiante, provoca os seus leitores perguntando: “E se ser negro trouxesse todos os privilégios de ser branco? Você ainda diria “Não me chame de negro, eu sou de Trinidad?”. É, eu sabia que não. Você é negro, baby.” (2013, p. 278)¹²⁵.

Chama a atenção também para dois termos pejorativos, em específico, usados para se dirigir aos negros norte-americanos de descendência africana. Aponta que aprendeu que eles, os negros, têm de ficar ofendidos quando os chamam dessa maneira, mesmo quando não sabem o que esses termos significam.

¹²³ “He really likes you,” Aunty Uju said, and then, face wrinkling, she added, “And even with your hair like that.” “Aunty, biko, leave my hair alone,” Ifemelu said. “It is like jute.” Aunty Uju plunged a hand into Ifemelu’s Afro. Ifemelu drew her head away. “What if every magazine you opened and every film you watched had beautiful women with hair like jute? You would be admiring my hair now.” Aunty Uju scoffed. “Okay, you can speak English about it but I am just saying what is true. There is something scruffy and untidy about natural hair.”

¹²⁴ “[...] black is at the bottom of America’s race ladder. And you want none of that. Don’t deny now.”

¹²⁵ What if being black had all the privileges of being white? Would you still say “Don’t call me black, I’m from Trinidad”? I didn’t think so. So you’re black, baby.

Os termos na língua inglesa são: *watermelon* e *tar baby*, que na versão da obra em português, esses termos foram traduzidos como: “farofeiro” e “tiziú”. Cabe ressaltar, porém, que a escolha do léxico “farofeiro” não se enquadra nesse contexto, uma vez que não denota os negros brasileiros, mas sim, brasileiros, em geral, que levam sua própria comida e bebida para passeios, como por exemplo à praia:

E essa é a questão de se tornar negro: você tem de se mostrar ofendido quando palavras como “farofeiro” e “tiziú” são usadas de brincadeira, mesmo que não tenha a menor ideia do que está sendo dito [...] (ADICHIE, 2013, p. 273)¹²⁶.

Watermelon se tornou um termo preconceituoso quando os negros afro-americanos escravos foram libertados durante a Guerra Civil, por volta de 1860, época em que começaram a plantar melancias para a sua subsistência e para vendê-las. Primeiramente, a fruta se tornou um símbolo de liberdade, conforme foi sendo cada vez mais associada aos negros, não demorou muito e o termo se tornou pejorativo, por fazer uma alusão à sujeira, à preguiça e à infantilidade de um grupo que não era bem quisto pela sociedade branca norte-americana. Muitas figuras publicitárias começaram a ser publicadas, normalmente, com crianças negras, sentadas no chão, comendo melancia.

O termo, inclusive, já foi usado por um cartunista chamado Jerry Holbert, que fez uma charge para o jornal *The Boston Herald*, referindo-se ao presidente da época, Barack Obama. Na figura, o cartunista coloca Obama e um intruso branco na Casa Branca, os dois estão no mesmo banheiro: o intruso tomando banho na banheira e o presidente escovando os dentes. E então, o homem na banheira pergunta: “Já experimentou a nova pasta com sabor melancia?” (2014)¹²⁷.

Diante de tal ato, o cartunista fora acusado, por parte de alguns leitores, de racismo, acusação que fez com que Holbert se desculpasse em uma entrevista na rádio do mesmo jornal. O cartunista afirmou que jamais pensou nesse sentido que a palavra tinha ao fazer a sua charge e concluiu dizendo que fora ingênuo ao esquecer dessa referência.

¹²⁶ And here’s the deal with becoming black: You must show that you are offended when such word as “watermelon” or “tar baby” are used in jokes, even if you don’t know what the hell is being talked about [...]

¹²⁷ Have you tried the new watermelon flavored toothpaste? (Tradução nossa).

Enquanto *tar baby* vem de uma lenda folclórica antiga, que foi publicada por volta de 1881, essa lenda é contada em forma de fábula, as personagens são: uma raposa, um urso, um coelho chamado Brer e *tar baby*. *Tar baby* é uma boneca que a raposa e o urso decidem fazer para pregar uma peça em Brer, essa boneca é feita de piche e aguarrás. Quando o coelho passa por um caminho pelo qual passava sempre, depara-se com a tal boneca e tenta interagir com ela, pensando que fosse um ser animado. Obviamente a boneca não responde e o coelho começa a ficar desapontado com essa atitude da boneca, e começa, então, a golpeá-la. Ao proferir os golpes, Brer fica preso ao piche da boneca e não consegue sair daquela situação. Sendo a boneca feita de piche, logo ela tinha uma coloração preta em sua composição, por essa razão, muito provavelmente, transformou-se em mais uma maneira pejorativa e preconceituosa de se referir aos negros, nos Estados Unidos.

Ifemelu afirma ainda em seu *post* que o termo *watermelon* em questão havia sido usado contra ela quando ainda estava na faculdade, nos Estados Unidos. Na ocasião, ela estava na sala de aula e um colega branco lhe perguntou se ela gostava de melancia, ao que ela respondeu, inocentemente, que sim, em reação a essa pergunta, o outro colega diz: “Meu Deus, que coisa racista”. Fiquei confusa e disse: “Espere, por quê?”. (ADICHIE, 2013, p. 274)¹²⁸. Nessa época, Ifemelu desconhecia esse uso da palavra que carregava racismo e ofensa, pois estava vivendo em uma cultura que não era a dela.

As pessoas à sua volta cobravam que ela soubesse de todas essas coisas simplesmente pelo fato de ela ser negra, mas esqueciam que ela não pertencia àquela cultura e que, provavelmente, na Nigéria, melancia era apenas uma fruta da qual ela apreciava. Isso é o que conhecemos por *culture clash* (choque de culturas).

Nesse *post* ainda, Ifemelu trata também da questão dos negros se cumprimentarem com um aceno de cabeça em bairros que a maioria das pessoas são brancas, passando a ideia que o outro negro que fora cumprimentado não está sozinho, em uma espécie de irmandade:

Quando outro negro te cumprimenta com a cabeça num bairro de maioria branca, você tem de retribuir. Eles chamam isso de cumprimento negro. É uma maneira que os negros têm de dizer:

¹²⁸ “Oh my God that is so racist, and I’m confused, “Wait, how?””

“Você não está sozinho, eu estou aqui também”. (ADICHIE, 2013, p. 274)¹²⁹.

A personagem ainda chama a atenção para o fato de que os negros precisam ficar ofendidos com determinados termos racistas quando estão assistindo à televisão, mesmo não sabendo do que se trata, na dúvida, os negros precisam se mostrar ofendidos: “Apesar de querer decidir sozinho quão ofendido ficar, ou mesmo se está ofendido, ainda assim você precisa ficar muito ofendido.” (2013, p. 274)¹³⁰.

Alerta também que se houvesse um crime, os negros deveriam rezar para não ter sido cometido por uma pessoa negra, mas se tivesse sido, teriam de ficar longe da cena do crime por semanas, caso contrário seriam parados pelos policiais por se enquadrarem no perfil. E ainda, se fossem a um restaurante, era melhor darem gorjetas boas, senão o outro cliente negro que entrasse no estabelecimento seria mal atendido pelo garçom.

O racismo e qualquer outro tipo de preconceito faz com que as pessoas generalizem algo que passou a ser uma verdade sobre determinado povo. No caso, “todos” os negros são pobres, logo “todos” cometerão crimes e por serem “todos” pertencentes a uma classe social mais baixa, não têm como dar gorjetas melhores.

Por fim, se um negro decidisse contar algo racista que lhe aconteceu para uma pessoa que não fosse negra, mas fosse liberal, seria melhor não reclamar. Teriam de contar o caso de uma maneira divertida e mostrar que haviam perdoado a pessoa, e claro, seria ainda melhor se não mostrassem sua irritação. Quanto a contar algo racista a um conservador, que nem tentassem, pois para eles racistas são sempre os próprios negros: “Porque esse conservador vai dizer que VOCÊ é o verdadeiro racista e sua boca vai ficar aberta de espanto.” (ADICHIE, 2013, p. 275)¹³¹.

No capítulo 31, página 367, temos o *post* “*A Michele Obama Shout – Out Plus Hair as Race Metaphor*” (Um agradecimento público à Michelle Obama e o cabelo

¹²⁹ You must nod back when a black person nods at you in a heavily white área It is called the black nod. It is a way for black people to say “You are not alone, I am here too.”

¹³⁰ Even though you would like to be able to decide for yourself how offended to be, or whether to be offended at all, you must nevertheless be very offended.

¹³¹ Because the conservative will tell YOU are the real racista and your mouth will hang open in confusion.

como metáfora da raça), Ifemelu o escreve logo após uma sucessão de acontecimentos que a deixa indignada e a faz querer postar sobre o assunto.

O primeiro acontecimento ocorre em um jantar em Manhattan, nesse evento, uma mulher disse que havia namorado um branco por três anos e que aquilo nunca tinha sido visto como um problema nos Estados Unidos ao que Ifemelu replicou dizendo que ela estava mentindo, e contou sobre sua própria experiência ao ter namorado Curt, que também era branco. Acrescentando que a questão racial começava a atrair olhares a partir do momento em que saíam na rua.

Lembrou do dia em que precisou ir a um salão de beleza e se recusaram a fazer as suas sobrancelhas alegando que não tratavam cabelos crespos. Até que Curt interveio e ameaçou a fechar o salão, e nesse momento Ifemelu teve as sobrancelhas feitas. E de quando iam às festas de casamento juntos, de como algumas moças jovens faziam questão de cumprimentar Curt para saber se ele lembrava delas e o quão surpresas ficavam quando Curt a apresentava como sua namorada: “[...] não era o tipo de mulher negra que elas, com algum esforço, conseguiriam imaginar com alguém como ele: não tinha a pele clara, não era mulata.” (2013, p. 362)¹³².

Recordou ainda de uma visita à casa de uma tia de Curt na cidade de Vermont, na Nova Inglaterra, e de como a tia dele ficou, por muito tempo, descrevendo sua visita a um safári no Quênia e de como Nelson Rolihlahla Mandela¹³³ era elegante, sentiu que a tia fazia aquilo como uma forma de reafirmar sua admiração pelos negros: “Aposto que ela seria uma mulher interessante se fosse ela mesma. Não preciso que se esforce tanto para me assegurar que gosta de pessoas negras”. (ADICHIE, 2013, p. 363)¹³⁴.

Curt tinha certeza de que sua tia Claire faria o mesmo, caso apresentasse uma namorada loira e nascida na Rússia pela consciência que sua tia tinha da

¹³² [...] she was not that they could, with an effort, imagine him with: she was not light-skinned, she was not biracial.

¹³³Nelson Rolihlahla Mandela, foi um advogado, líder rebelde e presidente da África do Sul de 1994 a 1999, considerado como o mais importante líder da África Negra e vencedor do Prêmio Nobel da Paz de 1993.

¹³⁴ I bet she's an interesting woman if she'd just be herself. I don't need her to overassure me that she likes black people.

diferença, qualquer que fosse essa diferença, porém Ifemelu não tinha a mesma certeza.

Houve ainda um episódio em um restaurante em que o(a) recepcionista perguntou ao Curt se ele queria mesa apenas para uma pessoa sendo que Ifemelu estava ao seu lado; e o dia em que a proprietária de uma pousada em Montreal, cujos cabelos eram vermelhos, fingiu que não percebeu a presença dela enquanto fazia o *check-in* sorrindo e olhando apenas para Curt.

Um outro acontecimento que deixou Ifemelu consternada foi o comentário de Curt em relação a uma revista da qual ela gostava, chamada *Essence*, ao qual o namorado chamou de “racialmente tendenciosa”. Então, Ifemelu o levou a um café e lhe mostrou várias revistas lhe provando o porquê de uma revista como aquela existir. Ifemelu não se identificava com nenhuma outra, pois não havia nenhuma razão para isso. Apenas três mulheres negras retratadas em cerca de duas mil páginas e que, ainda, segundo Ifemelu, podiam ser confundidas com outras nacionalidades:

[...] e todas são mestiças ou racialmente ambíguas, de modo que também poderiam ser italianas, porto-riquenhas ou sei lá. Nenhuma tem a pele escura. Nenhuma se parece comigo, então eu não posso pegar dicas de maquiagem nestas revistas. (ADICHIE, 2013, p. 365)¹³⁵.

Mostrou ainda os produtos para cabelo que na revista dizia que eram para todas as mulheres, mas que Ifemelu sabia que esse “todas” significava louras, morenas e ruivas, e ela não se encaixava em nenhuma dessas características. E a parte em que falavam dos melhores condicionadores que eram, muito provavelmente, para cabelos lisos, cacheados e encaracolados; não crespos. Sem contar a maquiagem, as sombras de olhos que, normalmente, eram para olhos azuis, verdes e castanho esverdeados; não para olhos negros. E o batom rosa que dizia ser um tom universal, mas que para Ifemelu, queria dizer universal para a pele branca.

¹³⁵ [...] and all of them are biracial or racially ambiguous, so they could also be Indian or Puerto Rican or something. Not one of them are dark. No one of them looks like me, so I can't get clues for makeup from these magazines.

Ifemelu, então, ao pensar em tudo isso decidiu escrever um e-mail para a sua amiga Wambui contando todas essas as suas angústias, tudo o que não era dito. Mal sabia que esse e-mail longo e questionador mudaria a sua vida, pois foi a partir dele que Wambui lhe disse que aquilo precisava ser lido por mais pessoas; foi assim que surgiu a ideia de escrever o seu *blog*.

Então, nesse *post*, Ifemelu sugere que se Michele Obama resolvesse deixar seu cabelo natural, ou seja, crespo, ela faria sucesso, porém Barack Obama talvez tivesse perdido as eleições para a presidência. Sabemos que o cabelo é um traço da identidade de uma mulher e de um homem, principalmente a mulher negra que, muitas vezes, ouve desde cedo que seus cabelos precisam ser modificados para que se adequem a um padrão seja ele de beleza ou simplesmente para não parecerem “desleixados”. Entretanto, ao sugerir que Barack Obama talvez não tivesse ganhado as eleições à presidência caso Michele Obama tivesse deixado o cabelo natural, Ifemelu deixa de lado a importância e a capacidade do então candidato, e resume seu êxito ao cabelo liso de sua esposa.

Em uma entrevista à jornalista Synne Rifbjerg para o canal *International Authors' Stage* (2014), Adichie disse a mesma coisa sobre Michele Obama, a própria autora sugeriu que, muito provavelmente, Barack Obama não teria vencido se ela usasse o cabelo natural:

Se Michele Obama tivesse os cabelos naturais, Barack Obama não teria ganhado. Não teria ganhado. É verdade. É triste e parece superficial, mas é verdade. [...] Se Michele Obama usasse *dreads*, afro ou tranças, poderiam pensar que ela é radical, a favor dos ideais do movimento *Black Panther*, difícil. Ou uma cantora de jazz – acrescenta a jornalista em referência a obra *Americanah*. (ADICHIE, 2014)¹³⁶.

Isso posto, podemos perceber que a própria Adichie acredita nessa ideia e a colocou na voz da protagonista de *Americanah*. A afirmação da autora sobre Michele Obama faz com que o cabelo dela pareça ser mais importante do que o fato de Michele Obama ter sido a primeira negra a se tornar primeira-dama dos Estados

¹³⁶ “If Michele Obama had natural hair, Barack Obama would not have won. He would not have won. It’s true. It’s sad and it seems shallow, but it’s true. [...] If Michele Obama had dreadlocks or an afro or cornrows, she might be thought to be radical, Black Panther, difficult (or a jazz singer).” (Tradução nossa).

Unidos. Vale ressaltar que ela também fora atuante em várias causas (mostrou-se a favor da família, ressaltou a importância da educação, manifestou-se contra o racismo, machismo, entre outras causas) durante o mandato de Barack Obama.

Sabemos que Ifemelu nos alerta em uma passagem de *Americanah* que não deveríamos precisar celebrar a candidatura à presidência de Barack Obama e que isso deveria ser normal, por isso indaga seus seguidores em seu *blog*: “Será que ninguém vê o quanto é absurdo perguntar às pessoas se elas estão preparadas para ter um presidente negro?” (ADICHIE, 2013, p. 408)¹³⁷. Porém, devemos lembrar que Barack Obama foi o primeiro presidente negro dos Estados Unidos e, tendo sido o primeiro, ele ficará marcado na história do país.

A protagonista começa seu *post* de uma maneira irônica, dizendo que ela e a amiga branca são fãs de Michele Obama, e que a suposta amiga ficou surpresa ao descobrir que o cabelo de Michele Obama não era naturalmente liso. Ifemelu continua dizendo que cabelo é uma ótima metáfora para racismo nos Estados Unidos, uma vez que todos os programas de televisão que mostram a transformação na aparência de alguém (normalmente uma mulher), no antes ela tem seu cabelo crespo, ou seja, inapropriado, e no depois, ele aparece liso, ou seja, apropriado ao ambiente.

Aponta ainda, que muitas mulheres, tanto as negras norte-americanas quanto as negras não norte-americanas, prefeririam sair de casa nuas a sair com seus cabelos naturais, porque se tornou senso comum dizer que um cabelo que não é liso, é feio e desarrumado: “Porque, veja bem não é profissional, sofisticado, sei lá, simplesmente não é normal. (Por favor, pessoal dos comentários, não diga que é a mesma coisa que uma mulher branca que não tingi o cabelo).” (ADICHIE, 2013, p. 367)¹³⁸.

Sem contar que quando os negros decidem que aparecerão com seu cabelo crespo ou afro naturais, Ifemelu diz que as pessoas acham que eles são artistas ou é algum tipo de protesto político e faz um apelo para que as perucas com cabelo afro parem de ser usadas e vistas como, simplesmente, uma fantasia de Halloween:

¹³⁷ Does nobody see how absurd it is to ask people if they are ready for a black president?

¹³⁸ Because, you see, it's not professional, sophisticated, whatever, it's just not damn normal. (Please, commenters, don't tell me it's the same as white woman who doesn't color her hair).

Eu tenho cabelo crespo natural. Que uso em afros, tranças, trança de raiz. Não, não é uma coisa política. Não, eu não sou artista plástica, poeta ou cantora. Também não sou natureba. Só não quero relaxar o cabelo — já estou em contato com muitas outras substâncias cancerígenas no meu cotidiano. (2013, p. 368)¹³⁹.

Ao final, Ifemelu dá dicas de como cuidar de um cabelo crespo e diz que esses tratamentos seriam bons inclusive para as amigas brancas que estavam cansadas das famigeradas "chapinhas" e tratamentos com queratina, e deixa espaço no final para caso alguma mulher queira dividir seus tratamentos de cabelo com as outras.

Ifemelu buscava sua identidade que, de alguma forma, estava confusa desde a sua chegada aos Estados Unidos. Era como se ela se sentisse deslocada de várias formas, desde o fato de não ser daquela cultura até o estilo do seu cabelo, que para se adequar àquele lugar, precisava ser liso. Podemos perceber que é a partir de seus cabelos que Ifemelu tenta, muitas vezes, adequar-se, pois seus cabelos toma várias formas ao longo do romance; estava natural na sua chegada, alisados para uma entrevista de emprego, curto por não se identificar com ele liso, longos novamente e, por fim, trançados na sua volta à Nigéria.

No capítulo 32, página 374, temos o *post* "So What's the Deal" (Então, qual é a verdade?), nele Ifemelu escreve sobre as angústias de, naquele momento, não saber mais quem era. Havia rompido seu namoro com Curt, seus pais queriam visitá-la, mas ela não estava nenhum pouco empolgada com aquela visita; principalmente porque sabia que no momento que a mãe a visse, perguntaria se tinha algum pretendente, e Ifemelu não se sentia nem um pouco inclinada a falar sobre esse assunto. Não estava satisfeita com o seu trabalho, sentia que estava fazendo sempre a mesma coisa, sem alegria, simplesmente trabalhando porque era a coisa certa a se fazer. Então, em uma tarde, ela pediu demissão, não havia um motivo real, mas Ifemelu precisava de algo que a fizesse ter brilho nos olhos novamente. E nesses questionamentos sobre sua própria identidade, de quem ela realmente era após essas experiências vividas desde a sua chegada, é que ela escreve em seu *blog* sobre o que seria verdade em relação à raça:

¹³⁹ I have natural kinky hair. No, I'm not an artist or poet or singer. Not an Earth mother either. I just don't want relaxers in my hair-there are enough sources of cancer in my life as it is.

Eles nos dizem que raça é uma invenção, que existe mais variação genética entre duas pessoas negras do que entre um negro e um branco. Mas então dizem que as negras têm um tipo pior de câncer de mama e maior predisposição a tumores no útero. E que os brancos têm mais fibrose cística e osteoporose. Então, qual é a verdade, médicos presentes? Raça é uma invenção ou não é? (ADICHIE, 2013, p. 374)¹⁴⁰.

Nesse *post*, Ifemelu critica veementemente a questão de as pessoas não decidirem se raça é uma invenção ou não, e se há ou não uma diferença genética entre negros e brancos. Na verdade, a discussão que está por trás desse discurso não é somente a questão genética, pois não há problema algum as raças terem as suas diferenças nesse quesito, terem mais propensões a certas doenças do que outras; porém, nada disso justifica a questão da discriminação. Pois, enquanto seres humanos, somos iguais e deveríamos ser respeitados como tal, independentemente de qualquer classificação que se queira fazer.

No capítulo 33, página 379, temos o *post* “*What’s Love Got to Do With It*” (O que o amor tem a ver com isso), Ifemelu ainda estava triste após o término do namoro com Curt e decidiu, então, entrar em um *site* de namoro. Porém, quando precisou escolher a etnia pela qual estava interessada descobriu algo que não a fez se sentir melhor, ao contrário. Ao visitar esses perfis, descobriu que:

Os homens brancos escolhem mulheres brancas e os mais corajosos escolhem asiáticas e hispânicas. Os homens hispânicos escolhem brancas e hispânicas. Os homens negros são os únicos que provavelmente vão escolher “todas”, mas alguns nem escolhem as mulheres negras. Escolhem brancas, asiáticas e hispânicas. (ADICHIE, 2013)¹⁴¹.

¹⁴⁰ They tell us race is an invention, that there is more genetic variation between two black people than there is between a black person and a white person. Then they tell us black people have a worse kind of breast cancer and get more fibroids. And white folk get cystic fibrosis and osteoporosis. So what’s the deal, doctors in the house? Is race an invention or not?

¹⁴¹ White men tick white women, and the braver ones tick Asian and Hispanic. Hispanic men tick white and Hispanic. Black men are the only men likely to tick “all”, but some don’t even tick Black. They tick White, Asian, Hispanic.

Então ficou se perguntando qual era a relação que o amor tinha com tudo aquilo, sendo que podíamos nos apaixonar por alguém em uma ida ao supermercado, foi então que ela decidiu cancelar a sua conta no tal *site* de namoro.

O *post* foi recebido de modo polêmico, e várias pessoas se identificaram nas respostas, assim como repudiaram o que ela havia escrito. O problema é que quando falamos de racismo abertamente, as pessoas que leem ou ouvem a respeito, tendem a, automaticamente, compadecer-se, mesmo que for algo que não precise de compadecimento e sim, respeito, e outras que irão, simplesmente, dizer que aquilo é um exagero.

Ifemelu mostrou que muitas pessoas não enxergam ou não querem enxergar é que, seja por qual razão for, as pessoas tendem a escolher para si pessoas para se relacionar que sejam, em geral, brancas. Isso ocorre também, tristemente, em relação à adoção de crianças, é como se existisse um cardápio em que as pessoas pudessem fazer várias exigências, inclusive que a criança não fosse negra.

A essa altura, Ifemelu não se importava tanto com os comentários negativos, aprendera a lidar um pouco melhor com a rejeição por parte de alguns leitores, já havia entendido que, principalmente, por tratar de assuntos densos, não agradaria a todos. Ifemelu era convidada para mesas-redondas, debates em emissoras de rádios públicas ou comunitárias, para dar palestras e sempre era identificada por blogueira, era como se, nesse momento, ela e seu *blog* fossem uma coisa só.

Entretanto, outras vezes se mostrava furiosa com as críticas duras que recebia e sentia como se aquela multidão de seguidores fosse a todo momento atacá-la ou desmascará-la; em um desses rompantes escreveu, ainda no capítulo 33, página 379: “*Open Thread: For All the Zipped-Up Negroes*” (Discussão aberta: para todos os negros enrustidos):

Isto é para todos os negros enrustidos, os negros americanos e não americanos que estão vencendo na vida e não gostam de falar sobre experiências de vida que têm exclusivamente a ver com o fato de serem negros, pois não querem deixar ninguém constrangido. Conte sua história aqui. Se desenrusta [sic]. Este é um lugar seguro. (ADICHIE, 2013)¹⁴².

Nessa passagem, a protagonista provoca os negros norte-americanos, pois pensa que eles não se manifestam em relação ao que passam por serem negros nos Estados Unidos, pois se acostumaram com aquela condição. O que Ifemelu esqueceu é que mesmo sendo negra e morando nos Estados Unidos, era como se estivesse fora daquele ambiente, ela não fazia parte daquela história. De dentro, por ser negra e sofrer preconceitos nos Estados Unidos por essa condição, de fora, pois não vivera o que aqueles negros haviam vivido ali. Não podia falar com propriedade pelo o que eles haviam passado, pois ela era e sempre seria deslocalizada naquele lugar, naquela história que não lhe pertencia.

Além do mais, Ifemelu passara por outras questões sendo negra nos Estados Unidos, mas não sendo uma negra norte-americana, ela era imigrante e agregava para a sua experiência os preconceitos que um imigrante sofre. Sofreu para tirar seu visto permanente, para fazer amigos, para conseguir seu primeiro emprego, para ter uma vida estável e prazerosa. Até mesmo para se inserir de alguma forma e depois perceber que ela podia ser ela mesma para morar ali.

No capítulo 34, página 390, temos o *post* “*Job Vacancy in America – National Arbiter in Chief of “Who Is Racist”*” (Ofertas de emprego nos Estados Unidos — a principal maneira nacional de decidir “quem é racista”), nessa fase de sua vida, Ifemelu estava namorando com Blaine, um jovem norte-americano e negro. Ela o havia encontrado anos antes em um trem, conversaram e flertaram, mas depois disso nunca mais se viram ou se falaram. Anos depois, reencontraram-se em um evento para blogueiros e não demorou muito para começarem um relacionamento amoroso.

¹⁴² This is for the Zipped-Up Negroes, the upwardly mobile, American and Non-American Blacks who don't talk about Life Experiences That Have to Do Exclusively with Being Black. Because they want to keep everyone comfortable. Tell your story here. Unzip yourself. This is a safe space.

A mãe de Ifemelu, sempre que tinha a oportunidade, perguntava à filha se ela não estava namorando com alguém e sugeria que o tempo estava passando para ela. Um dia decidiu ligar para os pais e contar sobre o namoro, a mãe só perguntou se ele era cristão e já foi logo dizendo para Ifemelu levá-lo para eles o conhecerem o mais rápido possível. O pai ficou indignado pelo namorado ser um norte-americano e negro: ““Um crioulo americano?”, perguntou seu pai, parecendo atônito. Ifemelu deu uma gargalhada. “Papai, ninguém mais fala crioulo.” “Mas por que um preto? Existe uma escassez substancial de nigerianos aí?”” (ADICHIE, 2013, p. 389)¹⁴³.

O pai não só ficou surpreso pelo fato de o rapaz ser norte-americano, mas também pelo fato de ele ser negro e sugeriu que, o fato de Ifemelu ter escolhido Blaine era porque, provavelmente, os Estados Unidos não tinham nigerianos suficientes. Notamos pelo discurso do pai, que negro, eram os norte-americanos e não os nigerianos, como se, dessa maneira, ele criasse um distanciamento do outro que, para ele, era diferente. Era como se ele dissesse que além de ela ter ficado com um norte-americano, ou seja, um rapaz que não tinha a mesma raça que ela, ele era negro.

Ifemelu, enquanto conversava com os pais, percebeu que a forma com que ela descreveu Blaine, era para, de uma certa forma, agradar aos pais:

“O nome dele é Blaine”, disse. “Ele é americano.” Ifemelu ouviu o simbolismo em suas próprias palavras, viajando milhares de quilômetros até a Nigéria, e soube que seus pais iam entender. Ela e Blaine não tinham falado sobre casamento, mas o chão sob seus pés parecia firme. Ela queria que seus pais soubessem dele e do quanto era bom. Usou essa palavra para descrevê-lo: “bom”. (2013, p. 389)¹⁴⁴.

Na verdade, era como se ela quisesse mostrar a eles que estava tudo bem, estava muito longe deles, mas tinha dado certo nos Estados Unidos: tinha estudado, conseguido um trabalho e iria, talvez, se casar. Pois sabia que para os pais, principalmente para a mãe, o que importava mesmo era ela estar namorando

¹⁴³ “An American Negro?” her father asked, sounding baffled. Ifemelu bust out laughing. “Daddy, nobody says Negro anymore.” “But why a Negro? Is there a substantive scarcity of Nigerians there?”

¹⁴⁴ “His name is Blaine,” she said. “He’s an American.” She heard the symbolism in her own words, traveling thousands of miles to Nigeria, and she knew what her parents would understand. She and Blaine had not talked about marriage, but the ground beneath her feet felt him. She wanted her parents to know of him, and of how good he was. She used that word in describing him: “good”.

alguém. E por mais que Ifemelu fingisse que não dava importância para esse discurso da mãe, percebemos que no seu íntimo, ele tinha algum valor; afinal de contas, eram suas raízes e costumes, por mais que os negasse e tentasse ser diferente.

Após a conversa com seus pais, Ifemelu escreveu um *post* sobre o fato de nos Estados Unidos ainda existir o racismo, mas que os racistas haviam desaparecido, ou pelo menos aquela ideia de racista de outrora: “[...] brancos malvados de lábios finos que aparecem nos filmes sobre a era dos direitos civis.” (ADICHIE, 2013, p.390).¹⁴⁵ Ifemelu, sugere ainda que o racismo continuava, a única coisa que mudara era a maneira como ele era manifestado e que as pessoas não precisavam chegar ao ponto de bater em alguém para ser taxadas de racistas, ou seja, os indivíduos que têm esse tipo de preconceito não precisam ser “monstros” e agirem como tal, eles podem ser pessoas comuns, que têm suas famílias e as amam. Para Ifemelu, podiam mudar a palavra: “Encontrar uma nova. Como *Síndrome do Distúrbio Racial*. E podemos ter categorias diferentes para quem sofre dessa síndrome: leve, mediana e aguda.” (ADICHIE, 2013, p. 390)¹⁴⁶.

O que Ifemelu quer dizer é que não há necessidade de acontecer o que aconteceu com George Floyd, por exemplo, um homem negro de quarenta anos que foi morto em Minneapolis (EUA), em maio de 2020, asfixiado por um policial branco, que manteve seu joelho no pescoço da vítima até a sua morte, por ele ter sido acusado de ter pagado uma conta com dinheiro falso em uma loja de conveniência.

Uma onda de protestos ocorreu logo após a morte de George Floyd no dia vinte e cinco de maio e carregava a hashtag: *Blacklivesmatter* (Vidas negras importam). As manifestações tomaram conta de Minneapolis e de vários outros estados dos Estados Unidos, assim como em outros países, incluindo o Brasil. Os acontecimentos nos levam a muitas indagações: quantos Georges ainda precisarão sofrer e/ou morrer para as pessoas perceberem que racismo é algo real e já está na história por tempo demais? Quantos fatos como esse teriam acontecido, sido

¹⁴⁵ “[...] mean white people in the movies about the civil rights era.”

¹⁴⁶ Find something new. Like Racial Disorder Syndrome. And we could have different categories of sufferers of this syndrome: mild, medium, and acute.

calados e, até mesmo, esquecidos? Mais uma vez, entretanto, é importante ressaltar que não podemos generalizar e nos cegarmos diante dos fatos.

No capítulo 35, página 398, temos o *post* “*Obama Can Win Only If He Remains the Magic Negro*” (Obama só vai ganhar se continuar sendo o negro mágico), nesse *post*, Ifemelu escreve que ouviu um pastor dizer que, talvez, Barack Obama não ganhasse as eleições porque ele não era o tão-chamado *Magic Negro* (Negro mágico), porém Ifemelu achava exatamente o contrário; definição de negro mágico, para Ifemelu:

Aquele homem negro que é sempre sábio e gentil. Ele nunca reage diante de um sofrimento terrível, nunca fica com raiva, nunca é ameaçador. Sempre perdoa todas as merdas racistas. Ensina o branco a entender o preconceito triste, porém compreensível, que há em seu coração. Esse personagem existe em muitos filmes. E Obama é perfeito para o papel. (ADICHIE, 2013)¹⁴⁷.

Esse termo “negro mágico” é um conceito presente nos filmes hollywoodianos, até pouco tempo atrás, que carrega consigo o estereótipo de um negro, normalmente, coadjuvante, sem muita instrução, mas que sobra boa intenção e usa desse artifício para salvar um branco, em alguns casos, envolvendo até autossacrifício. O termo foi cunhado por ninguém menos, que o cineasta afro-americano Spike Lee, no início dos anos 2000, quando o cineasta compartilhou com estudantes de cinema seu desânimo em Hollywood continuar investindo nessa premissa. É como se Ifemelu sugerisse, ironicamente, que Barack Obama fosse o negro bom moço que salvaria a América de seus preconceitos com a sua bondade.

No capítulo 36, página 403, temos o *post* “*Friendly Tips for the American Non-Black, How to React to an American Black Talking About Blackness*” (Dicas amigáveis para o não negro americano: como reagir a um negro americano falando sobre negritude), esse *post* tem como mensagem principal: aprender a ouvir as pessoas sem querer falar das nossas próprias histórias em tom de igualdade, ou simplesmente porque achamos as nossas mais interessantes que a do outro. Porém, o contexto está relacionado ao racismo, ou seja, se alguém está contando

¹⁴⁷ The black man who is eternally wise and kind. He never reacts under great suffering, never gets angry, is never threatening. He always forgives all kinds of racist shits. He teaches the white person how to break down the sad but understandable prejudice in his heart. You see this man in many films. And Obama is straight from central casting.

algo que ele(a) tenha passado em relação a isso, temos de parar para ouvi-los, e não os bombardear com outras histórias que julgamos parecidas.

Acrescenta ainda que, muitas vezes, as pessoas já se adiantam e dão suas opiniões a respeito sem nem mesmo terem sido perguntadas, ou camuflam dizendo que não é uma questão de raça, mas de gênero ou classe. Tem aquelas ainda que dizem que não veem cor, ao que Ifemelu retruca sábia e ironicamente:

Não diga: “Eu não vejo cor”, porque, se você não vê cor, tem de ir ao médico, e isso significa que, quando um homem negro aparece na televisão e eles dizem que ele é suspeito de um crime, você só vê uma figura desfocada, meio roxa, meio cinza e meio cremosa. (ADICHIE, 2013, p. 404)¹⁴⁸.

Outro ponto do *post* é o que Ifemelu diz em relação às pessoas expressarem seu cansaço com essa discussão sobre raça, salientando que se os brancos estão “cansados”, teríamos de imaginar como os negros se sentem, uma vez que são eles que sofrem com isso desde sempre.

Discorre ainda sobre o fato de que ter um avô mexicano ou ter um melhor amigo negro não isenta ninguém de ser racista:

Não inicie sua reação com a frase “Um dos meus melhores amigos é negro”, porque isso não faz diferença, ninguém liga para isso, e você pode ter um melhor amigo negro e ainda fazer merda racista. Além do mais provavelmente não é verdade, não a parte de você ter um amigo negro, mas a de ele ser um de seus “melhores” amigos. (2013, p. 404)¹⁴⁹.

Ifemelu, na verdade, faz uma lista de tudo aquilo que não deveríamos comparar ao que os negros americanos passaram, indo do sofrimento dos irlandeses ao dos judeus. Embora, fazendo isso, ela mesma esteja comparando que ser isso é pior do que ser aquilo. Devemos ressaltar que Ifemelu não é uma negra americana, mas quando ela se coloca dizendo:

¹⁴⁸ Don't say “I'm color-blind,” because if you are color-blind, then you need to see a doctor and it means that when a black man is shown on TV as a crime suspect in your neighborhood, all you see is a blurry purplish-grayish-creamish figure.

¹⁴⁹ Don't preface your response with “One of my best friends is black” because it makes no difference and nobody cares and you can have a black best friend and still do racist shit and it's probably not true anyway, the “best” part, not the “friend” part.

Não diga: “Ah, o racismo acabou, a escravidão aconteceu há tanto tempo”. Nós estamos falando de problemas dos anos 1960, não de 1860. Se você conhecer um negro idoso do Alabama, ele provavelmente se lembra da época em que tinha de sair da calçada porque um branco estava passando. (ADICHIE, 2013, p. 405)¹⁵⁰.

Podemos reparar que ela diz “nós estamos falando de 1960” e por fazer uso do pronome da primeira pessoa do plural (nós), Ifemelu se incluiu àquelas pessoas, como se já estivesse se sentindo parte daquele lugar.

A protagonista de *Americanah* também trata da diferença de como negros e brancos são tratados nos Estados Unidos, uma vez que os brancos, muitas vezes, justificam seu racismo dizendo que negros também são. A respeito disso, Ifemelu diz que racismo está relacionado ao poder de um grupo de pessoas e nos Estados Unidos esse grupo é formado por brancos:

[...] os brancos não são tratados como merda [sic] nos bairros afro-americanos de classe alta, não veem os bancos lhes recusarem empréstimos ou hipotecas precisamente por serem brancos, os júris negros não dão penas mais longas para criminosos brancos do que para os negros que cometeram o mesmo crime, os policiais negros não param os brancos apenas por estarem dirigindo um carro, as empresas negras não escolhem não contratar alguém porque seu nome soa como de uma pessoa branca, os professores negros não dizem às crianças brancas que elas não são inteligentes o suficiente para serem médicas [...]. (2013, p. 405)¹⁵¹.

Após mostrar uma lista do que não devemos fazer, ela aponta o que seria melhor a ser feito diante dessas circunstâncias: ouvir, pois muitas vezes, a pessoa só quer ser escutada e que não há problema algum em termos dúvidas, se for o caso, aconselha-nos a perguntarmos antes de assumirmos qualquer posição.

Ao contrário de outros *posts* que Ifemelu escreve, esse *post* em específico, não sabemos muito bem a real motivação para ela o ter escrito, mas temos uma

¹⁵⁰ Don't say “Oh, racism is over, slavery was so long ago.” We are talking about problems from the 1960s, not the 1860s. If you meet an elderly American Black man from Alabama, he probably remembers when he had to step off the curb because a white person was walking past.

¹⁵¹ [...] white folks don't get treated like shit in upper-class African-American communities and white folks don't get denied bank loans or mortgages precisely because they are white and black juries don't give white criminals worse sentences than black criminals for the same crime and black police officers don't stop white folk for driving while white and black companies don't choose not to hire somebody because their name sounds white and black teachers don't tell white kids that they're not smart enough to be doctors [...]

discussão do *post* em si levantada pela ex-namorada de Blaine, Paula, na festa de aniversário da amiga deles, Márcia. Nesse encontro, Paula comentou que estava pedindo para os alunos dela lerem o *blog* de Ifemelu, para que eles desenvolvessem uma forma mais crítica de pensar e ver o mundo, comentou ainda que havia amado o último *post* dela que justamente era esse discutido acima.

Apesar de se mostrar em diversas situações que se sentia deslocada nos Estados Unidos, algumas vezes, deparamo-nos com uma Ifemelu mais familiarizada e, até mesmo, porque não dizer, mais americanizada? Temos o exemplo acima em seu *post* em que ela usou “nós” para se referir a ela juntamente com os negros americanos, porém, outras vezes, ela usa da cultura norte-americana para se colocar como diferente.

Após saírem do aniversário de Márcia, Ifemelu demonstrou seu ciúme por Blaine em relação à sua ex-namorada. Ao fazer isso, Ifemelu diz que Blaine e Paula tinham muitas coisas em comum, por exemplo, ambos gostavam de frango empanado, enquanto ela preferia frango frito no óleo, sem farinha: “O frango frito que você come não é o frango frito que eu como, mas é o que Paula come.” (ADICHIE, 2013, p. 409)¹⁵². Nessa passagem, ela usa “você”, “eu” e “ela” (Paula), colocando-se fora do que eles costumavam comer para mostrar que ela era de um lugar diferente, logo, comia coisas diferentes e que eles tinham muitas coisas em comum, inclusive os costumes que, talvez, ela jamais teria. Diante do que Ifemelu lhe diz, Blaine responde: “Nós temos frango frito em comum? Você entende a significância de ter escolhido logo o frango frito, um alimento associado aos negros americanos, como metáfora?” (ADICHIE, 2013, p. 409)¹⁵³.

Podemos perceber mais um estereótipo em relação aos negros americanos por meio do discurso de Blaine: *fried chicken* (frango frito). O frango frito se fez presente na dieta de sul-americanos, pois era um alimento considerado mais barato em relação às outras carnes. Porém, o fato de o frango entrar para a lista de estereótipos em relação aos negros, não era somente por causa do preço, mas também pela forma com a qual normalmente o consumimos: com as mãos e

¹⁵² “The fried chicken you eat is not the fried chicken I eat, but it’s the fried chicken Paula eats.

¹⁵³ “We have fried chicken in common?” Do you realize how loaded fried chicken is as a metaphor here?”

terminamos com elas sujas de gordura. Era como se isso salientasse, o que se tinha como crença, da falta de educação dos negros, inclusive, à mesa. Com o passar dos anos, a culinária dos negros passou a ser algo apreciada e muitas marcas de *fast food*, como *KFC* e *Popeyes*, por exemplo, tornaram-se populares.

Ainda no capítulo 36, página 408, temos um pequeno *post* “*Even the Idea of Being Ready Is Ridiculous*” (Até mesmo a ideia de estar preparado é ridícula):

Será que ninguém vê o quanto é absurdo perguntar às pessoas se elas estão preparadas para ter um presidente negro? Você está preparado para ter o Mickey Mouse na presidência? E o Caco, dos Muppets? E a rena do nariz vermelho? (ADICHIE, 2103)¹⁵⁴.

Quando Blaine e Ifemelu ainda estavam no aniversário de Márcia, os amigos presentes começaram a discutir sobre a candidatura de Barack Obama, se ele era ou não uma boa opção, se teria ou não chances de ganhar etc. Paula, então, perguntou a opinião de Ifemelu, que respondeu que gostava de Hillary Clinton, uma vez que ela não sabia nada sobre o candidato em questão. E uma outra discussão surgiu, a se os brancos estariam ou não preparados para um presidente negro, uma vez que, provavelmente, os negros estariam. Em relação a isso, Paula apontou que ninguém diria que não estava preparado e acrescentou que até a ideia de se estar ou não preparado era ridícula. Ifemelu gostou do que Paula disse e acabou usando suas palavras para escrever o seu *post*, mencionado acima, durante a fase final da campanha presidencial.

Continuando no capítulo 36, página 410, temos o *post* “*Traveling While Black*” (Viajar sendo negro), em que Ifemelu explica que um amigo de sua amiga, que era negro americano, estava escrevendo um livro com o título que ela deu ao seu *post*, e nesse livro, ele diz que o negro quando é negro de verdade, ou seja, tem um tom de pele mais escura, é tratado de maneira diferente nos EUA. Ele quer dizer que o negro que é visivelmente negro, que não tem a cor de pele parecida com a de um brasileiro ou porto-riquenho, por exemplo, será tratado de maneira diferente em

¹⁵⁴ Does nobody see how absurd it is to ask people if they are ready for a black president? Are you ready for Mickey Mouse to be president? How about Kermit the Frog? And Rudolph and the Red-Nosed Reindeer?

determinados lugares e em outros não chamará a atenção das pessoas. Sobre isso, ele explica:

Na Floresta Negra, na Alemanha, é um olhar de espanto bastante hostil. Em Tóquio e Istambul, ninguém ligou para minha aparência. Em Shangai, os olhares foram intensos; em Delhi, raivosos. [...] Eu tinha lido que o Brasil é a meca das raças, mas, quando fui ao Rio, ninguém que estava nos restaurantes e hotéis caros se parecia comigo. [...] Fui ao México, e eles ficaram me olhando. Não foi nem um pouco hostil, mas faz você se dar conta de que chama atenção, é como se gostassem de você, mesmo assim você é o King Kong”. (ADICHIE, 2013, p. 410)¹⁵⁵.

Ifemelu termina seu *post* dizendo que, no final das contas, cada indivíduo enxerga a questão da negritude de uma determinada forma, uns dizem que a relação da América Latina com a negritude é complicada, porque muitos acreditam que são mestiços. Outros dizem que no México não é tão ruim se comparado a lugares como a Guatemala e o Peru, onde os brancos, visivelmente, têm mais privilégios, mas esses países têm uma população negra muito maior. E há ainda os que dizem que os negros nativos são sempre tratados de maneira pior do que os de outros países em todo lugar do mundo. Ifemelu cita ainda uma amiga, que tem pais togoleses, nascida e criada na França, que fingia ser anglófona quando ia às compras em Paris, pois dessa maneira as vendedoras eram mais simpáticas porque imaginavam que ela não falava francês, por fim, Ifemelu afirma que os negros americanos são bastante respeitados nos países africanos, e deixa uma pergunta para seus seguidores: “O que vocês acham? Contem suas histórias de viagem nos comentários.” (2013, p. 411)¹⁵⁶.

No capítulo 37, p. 419, temos o *post* “*Is Obama Anything But Black?*” (Obama é alguma coisa além de negro?), nesse *post* Ifemelu trata da questão de as pessoas quererem decidir quem é negro e quem não é. Barack Obama, por exemplo, é dito como birracial, multirracial, mestiço, menos negro, única e simplesmente, pelo fato de ter uma mãe branca. Porém, sabemos que raça não tem a ver com biologia e

¹⁵⁵ In the German Black Forest, it’s pretty hostile staring. In Tokyo and Istanbul, everyone was cool and indifferent. In Shanghai the staring was intense, in Delhi it was nasty. [...] I’d been reading that Brazil is the race mecca and I go to Rio and nobody looks like me in the nice restaurants and the nice hotel. [...] I go to Mexico and they’re staring at me. It’s not hostile at all, but it just makes you know you stick out, kind of like they like you but you’re still King Kong.

¹⁵⁶ Thoughts? Please post your own Traveling Tales.

classificá-la como isso ou aquilo tem a ver com racismo, que, muitas vezes, está relacionado à aparência. Para Ifemelu:

[...] raça não é biologia; raça é sociologia. Raça não é genótipo; é fenótipo. A raça importa por causa do racismo. E o racismo é absurdo porque gira em torno da aparência. Não do sangue que corre nas suas veias. Gira em torno do tom da sua pele, do formato do seu nariz, dos cachos do seu cabelo. (ADICHIE, 2013)¹⁵⁷.

Acrescenta ainda que muitos negros americanos têm um ancestral branco, mas se a aparência dessa pessoa for de um negro, isso não faz dela um branco e explica o porquê de, muitas vezes, os negros americanos terem ancestrais brancos:

Muitos negros americanos têm um ancestral branco, pois os donos brancos de escravos gostavam de estuprar as mulheres nos alojamentos de escravos à noite. Mas, se você sair com a pele negra, acabou. (2013)¹⁵⁸.

Entretanto, se a pessoa for loira de olhos azuis, ter um avô nativo-americano e dizer que também foi vítima de discriminação, comparando os seus problemas aos que os negros sofreram, Ifemelu os aconselha a pararem de agir assim, pois um sofrimento nunca será semelhante ao outro. E, mais uma vez, ela pede para as pessoas pararem de fazer algo que, muitas vezes, ela mesma faz, que é diminuir os outros problemas em relação ao racismo, obviamente não é a mesma coisa. Mas, na verdade, não deveria ser uma questão de quem sofreu mais ou menos, mas que pudéssemos todos ouvir uns aos outros, e, assim, desenvolver a empatia. E não é exaltando o nosso problema diante do outro que conseguiremos isso.

O que Ifemelu quer dizer é que, independentemente de qualquer experiência pela qual esse indivíduo tenha passado, ele será visto como branco, pois, para ela, nos Estados Unidos não é a pessoa que decide de qual raça é, mas que isso é decidido pelas outras pessoas. Diz ainda que Barack Obama com a aparência que tem, seria sempre visto como um negro tendo uma mãe branca ou não, e sofreria preconceito por isso como todos os outros negros sofreram:

¹⁵⁷ [...] race is not biology; race is sociology. Race is not genotype; race is phenotype. Race matters because of racism and racism is absurd because it's about how you look. Not about the blood you have. It's about the shade of your skin and the kink of your hair.

¹⁵⁸ Many American Blacks have a white person in their ancestry, because white slave owners liked to go a-raping in the slave quarter at night. But if you come out looking dark, that's it.

Barack Obama, com a aparência que tem, teria que sentar-se na parte de trás do ônibus há cinquenta anos. Se um negro qualquer cometer um crime hoje, Barack Obama poderia ser detido pela polícia e interrogado por se encaixar no perfil do suspeito. E qual é esse perfil? Homem Negro. (ADICHIE, 2013)¹⁵⁹.

No capítulo 38, página 429, temos o *post* “*What Academics Mean by White Privilege, or Yes It Sucks to Be Poor and White but Try Being Poor and Non-White*” (O que os acadêmicos querem dizer quando falam em privilégio dos brancos, ou sim, é um saco ser pobre e branco, mas experimente ser pobre e não ser branco), esse *post* fora motivado por um caso claramente racial que aconteceu com um conhecido de Blaine e Ifemelu. O namorado de Ifemelu era professor na universidade de Yale e o senhor White era o segurança da biblioteca. Sr. White era negro e tinha um amigo que também era, esse amigo fora lhe visitar na biblioteca e o sr. White lhe dera as chaves de seu carro ao amigo porque precisava do carro emprestado, e o amigo lhe dera algum dinheiro, porque o sr. White havia lhe emprestado dinheiro em outra ocasião. Um funcionário branco da biblioteca, que estava observando os dois, presumiu que os dois negros estavam vendendo drogas e chamou um supervisor que, imediatamente, chamou a polícia e levou o sr. White para ser interrogado, mas, felizmente, não o prenderam.

Ifemelu e Blaine ficaram estarecidos com o acontecido e o namorado comentou com ela que achava que o sr. White já esperava que esse tipo de coisa acontecesse e Ifemelu retrucou dizendo que, na verdade, era essa a real tristeza, que as pessoas já esperassem por essas coisas acontecerem, pois, talvez, já as encarassem como normais. Como se o simples fato de sr. White ser negro e trabalhar em um ofício mais simples já o tornava alvo desses tipos de acusações.

O ocorrido rendeu um protesto organizado por Blaine que queria que sr. White tivesse, ao menos uma parte, de sua dignidade resgatada. Protesto ao qual Ifemelu não apareceu, justificando mais tarde que não sentira vontade de ir. Blaine ficou consternado e disse que por meio desse ato era como se ela não levasse o *blog* que

¹⁵⁹ Barack Obama, looking as he does, would have had to sit in the back of the bus fifty years ago. if a random black guy commits a crime today, Barack Obama could be stopped and questioned for fitting the profile. And what would that profile be? “Black Man.”

escrevia totalmente a sério, e ficou sem falar com Ifemelu por três dias, isso acabou fazendo com que ela fosse embora e escrevesse esse *post* mencionado acima.

Nesse mesmo *post*, a protagonista de *Americanah* discute se há diferença entre ser um branco pobre e um negro pobre, e qual seriam essas diferenças. Já na primeira linha ela afirma que se os dois fossem pegos por posse de drogas, muito provavelmente, o branco seria encaminhado para um tratamento e o negro seria preso. Sugere ainda que o branco pobre e o negro pobre não têm privilégios de classe, mas o branco tem o privilégio da raça, pois não será parado por um policial caso esteja dirigindo sua Mercedes dentro do limite de velocidade.

Lança ainda várias perguntas, incentivando as pessoas a responderem, principalmente se fossem brancas, para saberem quais eram os seus privilégios caso respondessem “não” para a maioria das perguntas, para, quem sabe, um dia quando se sentissem deprimidos, pudessem lembrar disso e, assim, poderiam levantar seus ânimos ou até mesmo se gabar de seus privilégios. Entre as perguntas que ela faz, estão aquelas que se quando decidimos entrar para um clube exclusivo, perguntam-nos se a nossa raça atrapalharia a entrada; se quando vamos fazer compras sozinhos se temos medo de sermos perseguidos e assediados; se quando ligamos a televisão em uma emissora importante encontramos pessoas de outra raça; se nos preocupamos com o fato de nossos filhos não terem livros escolares que falem de pessoas da raça deles; se quando pedimos um empréstimo no banco, temeremos sermos pouco confiáveis por causa de nossa raça, entre outras que indicam que, provavelmente, se for um branco respondendo, responderá não para a maioria delas e será considerado um privilegiado em relação à sua raça.

O que não deixa de ser verdade, principalmente se pensarmos a realidade dos Estados Unidos e sua história com a segregação de negros, antes, durante, e após a Guerra Civil. Porém, mais uma vez, vale ressaltar que os Estados Unidos são um país que têm dimensões continentais e encontraremos pessoas que pensam de outra maneira, ou senão, estaremos mais uma vez, generalizando todo um povo. Mesmo que tenha acontecido episódios recentes de racismo, julgar um povo inteiro por uma parcela da população não é justo com quem age e pensa diferente.

No capítulo 39, página 435, temos o *post* “*Understanding America for the Non-American Black: a Few Explanation of What Things Really Mean*” (Entendendo a América para o negro não americano: explicações sobre o que algumas frases realmente querem dizer), em que Ifemelu trata que o assunto do qual os americanos se sentem mais desconfortáveis em discutir é a questão da raça e quando não querem discutir o assunto, simplesmente dizem que racismo é muito complexo.

A motivação para escrever esse *post* veio do que acontecera com seu primo Dike. Depois da discussão entre Ifemelu e Blaine, ela foi passar uns dias em Willow, na casa de sua tia Uju. Chegando lá, sua tia lhe disse que Dike, seu filho, havia sido acusado pela escola por ter hackeado um computador, porém no dia em que esse tal computador fora hackeado, Dike havia passado o dia todo com a tia Uju e não tinha passado nem perto de um computador, ao que Dike diz: “Você tem de culpar o negro primeiro.” (ADICHIE, 2013, p. 433)¹⁶⁰.

Mais tarde, Dike lhe contara que além dessa acusação de ter hackeado um computador, sem nem mesmo saber como se fazia isso, havia outras coisas que aconteciam com ele no dia a dia, por exemplo, seus amigos sempre lhe perguntarem se ele carregava algum tipo de drogas e de como a pastora branca da igreja dizia “oi” (*hello*) para todos os meninos e quando chegava a vez dele, ela dizia “e aí, mano” (*what’s up, bro?*). Dike conta à prima que sentia estranho em relação a tudo isso, diferente dos outros: “Eu me sinto como se tivesse legumes no lugar das orelhas, imensos brócolis saindo da cabeça”, disse ele. “Então, é claro que tinha de ser eu a invadir a rede da escola.” (ADICHIE, 2013)¹⁶¹.

O caso que aconteceu com Dike se assemelha ao que havia acontecido com o sr. White, assim como a reação da vítima. Os dois foram acusados pela cor de suas peles e eles se sentiam como se tivessem algo que justificasse as acusações que sofriam por sua raça, por serem negros. Simplesmente porque, um dia, fora decidido que negros seriam vistos como inferiores aos brancos.

Em seu *post*, Ifemelu discute o quão complexo é o racismo e como os norte-americanos não se mostravam muito abertos a discutir esse assunto. Diz ainda que

¹⁶⁰ “You have to blame the black kid first.”

¹⁶¹ “I feel like I have vegetables instead of ears, like large broccoli sticking out of my head,” he said, laughing. “So of course it had to be me that hacked into the school network.”

muitos abolicionistas queriam libertar os escravos, mas não queriam negros morando perto deles; que muitos não se incomodavam em ter babás negras ou motoristas negros, mas se importariam em ver um negro em cargos de chefia, por exemplo.

Ifemelu discute também a diversidade e que ela tem significado diferente para as pessoas, por exemplo, se brancos dizem que um bairro é diverso, há cerca de nove por cento de negros morando ali e não querem que cheguem a dez: “Assim que passa para dez por cento, os brancos se mudam.” (ADICHIE, 2013, p. 435-436)¹⁶².

A protagonista de *Americanah* aponta ainda que, algumas pessoas usam uma determinada palavra quando querem dizer outra, por exemplo, usam cultura no lugar de raça; dizem que um filme é convencional quando um branco gosta dele ou o fez; usam urbano no lugar de negro, pobre e perigoso e, por fim, dizem racialmente problemático porque não se sentem confortáveis para dizer que algo é racista.

No capítulo 40, página 448, temos o *post* “*Understanding America for the Non-American Black: Thoughts on the Special White Friend*” (Entendendo a América para o negro não americano: reflexões sobre o amigo branco especial), Ifemelu escrevera esse *post* após Barack Obama ser eleito presidente dos Estados Unidos, nessa época, ela havia lido um livro escrito por ele chamado *Dreams from My Father* (1995) e se apaixonara por sua história de vida.

Blaine e Ifemelu estavam torcendo juntos por Barack Obama, mas Ifemelu estava em profunda tristeza, pois não podia votar, seu pedido de cidadania tinha sido aprovado, mas ainda faltavam semanas para a cerimônia do juramento. Os dois acompanharam os resultados das eleições junto com os amigos e, nesse momento, Ifemelu recebeu uma mensagem de seu primo Dike que a emocionou: “Não acredito. Meu presidente é negro como eu.” (ADICHIE, 2013, p. 447).¹⁶³

Barack Obama ganhara as eleições e a sala de amigos estava em prantos, mas eram lágrimas de felicidade, de quem havia presenciado um presidente negro americano ganhar as eleições, de quem estava, pela primeira vez, sentindo-se

¹⁶² The minute it gets to ten percent black people, the white folks move out.

¹⁶³ I can't believe it. My president is black like me.

representado. Nesse momento, Barack Obama e sua família subiram ao palco e o, então, presidente disse:

Jovens e velhos, ricos e pobres, democratas e republicanos, negros, brancos, hispânicos, asiáticos, nativo-americanos, gays, heterossexuais, com ou sem deficiência física, os americanos mandaram uma mensagem para o mundo que diz que nós nunca fomos apenas uma coleção de estados liberais ou conservadores. Nós somos e sempre seremos os Estados Unidos da América. (ADICHIE, 2013, p. 447)¹⁶⁴.

Ao ouvir essas palavras, Ifemelu sentiu como se não houvesse lugar melhor para estar, assim como se sentira pertencente àquele lugar não somente porque estava morando nos Estados Unidos, mas também por ter visto seus amigos e primo sendo representados por aquele presidente, e pelo seu discurso.

Nesse *post*, a protagonista de *Americanah* discorre e nos faz refletir de que para um negro ter um amigo branco era vantajoso, pois o branco podia dizer coisas que o negro não seria ouvido se o dissesse. Como se o branco falando do que acontecia com os negros fizesse com que ele tivesse mais voz perante as pessoas do que se o próprio negro, que sofre as consequências do racismo, o fizesse e diz: “Por favor, ponha esse amigo para trabalhar.”¹⁶⁵ (ADICHIE, 2013, p. 448), ou seja, coloque esse amigo branco para falar no seu lugar, pois se o negro o fizer estará “jogando a carta da raça”¹⁶⁶ (2013, p. 448), como se ele estivesse falando abertamente sobre racismo e ninguém quisesse ouvir.

Ifemelu continua seu *post* apontando que o racismo é real e acontece ainda nos dias de hoje por mais que as pessoas queiram negar, e que em seu próprio país que ela chama de: “[...] meu país de negros não americanos [...]” (2013, p. 448)¹⁶⁷, muitos não podiam votar ou estudar em boas escolas pelo simples fato de serem negros. E critica que muitos brancos insistem em afirmar que a cor da pele não pode

¹⁶⁴ “Young and old, rich and poor, Democrat and Republican, black, White, Hispanic, Asian, Native American, gay, straight, disabled and not disabled, Americans have sent a message to the world that we have never been just a collection of red states and blue states. We have been and always will be the United States of America.”

¹⁶⁵ [...] put this friend to work.

¹⁶⁶ [...] playing the race card [...]

¹⁶⁷ [...] in my NBA country [...]

ser parte da solução e que se assim o fosse seria chamado de “racismo invertido” (2013, p. 448)¹⁶⁸.

Para exemplificar quão real e atual o racismo é, Ifemelu compara a situação do negro americano a de um preso que esteve, nessa situação injustamente, por muitos anos e fora libertado sem nenhum dinheiro, e agora estava tentando se inserir na sociedade. Pede ainda aos seus leitores que digam, caso alguém mencione que a escravidão foi há muitos anos, que os brancos estão ainda herdando o dinheiro que ela gerou. Afirma também que a questão de o racismo ter acabado ou não dependia da perspectiva de quem estava discutindo o assunto, se fosse um branco diria que acabou, por outro lado, se fosse um negro, diria que não. Termina pedindo aos seus leitores que, caso eles tivessem mais alguma sugestão do que pedir ao amigo branco dizer, que deixasse nos comentários.

No capítulo 50, página 519, temos o primeiro *post* do novo *blog* de Ifemelu quando ela chega na Nigéria, que então passa a se chamar: “*The Small Redemptions of Lagos*” (As pequenas redensões de Lagos), cujo *post* com mais comentários era sobre *Nigerpolitan Club* (Clube Nigerpolita) que Ifemelu trata sobre a cidade onde, um dia, morara e voltava a morar, Lagos.

Ifemelu começa escrevendo como Lagos era uma cidade que não imitava nenhuma outra, tinha a sua própria identidade, não era parecida com Nova Iorque e nem tinha intenção de ser. Na verdade, eram as pessoas que frequentavam o tal Clube Nigerpolita que comparavam as duas cidades, exaltando Nova Iorque em detrimento de Lagos.

Esse clube era frequentado por jovens que haviam voltado do exterior para abrir empresas e ganhar dinheiro na Nigéria, e se encontravam toda semana, segundo ela, para reclamar do país, da cidade e dizia se incluir nesse grupo. Aponta ainda que suas reclamações eram legítimas, mas ficava imaginando as pessoas que não tinham passado por aquelas experiências de ter morado fora de seu país de origem querendo dizer a eles: “Voltem para o lugar de onde vieram! Se seu cozinheiro não sabe fazer o panini perfeito, não é porque é burro. É porque a Nigéria

¹⁶⁸ “Reverse racism”.

não é uma nação de pessoas que comem sanduíches [...]” (ADICHIE, 2013, p. 519)¹⁶⁹.

Finaliza dizendo que a Nigéria não era um lugar de pessoas alérgicas a comida e cheias de manias, ao contrário, era um lugar que tinha, em sua essência, a diversidade: “É uma nação de pessoas que comem carne, frango, pele e bucho de vaca e peixe seco na mesma sopa, e que chamam isso de sopa de sortidos, por isso parem de frescura e entendam que a vida aqui é assim: sortida.” (2013, p. 520)¹⁷⁰.

Podemos observar que ao reclamar da sua cidade e país com esses outros jovens que passaram por experiências parecidas com as dela, exaltando aquilo que vivera enquanto estavam nos Estados Unidos, Ifemelu se sentia, agora, deslocizada em seu próprio país, pois tinha passado muito tempo fora da Nigéria. Entretanto, quando ela se imagina no lugar daquelas pessoas que a viam de fora, era como se quisesse se sentir pertencente à Nigéria novamente; era como se quisesse ser aquela Ifemelu de outrora.

Agora, de volta, Ifemelu olhava para Lagos e a achava estranha, como se ela só conseguisse olhar para aquilo que era negativo, pois conhecera outros lugares e os estava, de alguma forma, comparando:

Ifemelu olhou pela janela [...] pensando em como Lagos era feia, com suas estradas infestadas de buracos e casas brotando aqui e ali sem planejamento, como se fossem ervas daninhas. De uma mistura de sentimentos, o único que reconheceu foi confusão. (2013, p. 477)¹⁷¹.

O sentimento de Ifemelu de não pertencimento em seu próprio país dialoga com o que Said (1999) sentia em vários dos lugares pelos quais passou, definindo sua identidade como problemática e se sentindo sempre fora de lugar. Era o que estava acontecendo com Ifemelu agora, voltar ao seu país de origem não resolveu a sua questão identitária, pois ela havia se transformado e, provavelmente, passaria

¹⁶⁹ Go back where you came from! If your cook cannot make the perfect panini, it is not because he is stupid. It is because Nigeria is not a nation of sandwich-eating people [...]

¹⁷⁰ It is a nation of people who eat beef and chicken and cow skin and intestines and dried fish is a single bowl of soup, and it is called assorted, and so get over yourselves and realize that the way of life here is just that, assorted.

¹⁷¹ Ifemelu stared out of the window, [...], thinking how unpretty Lagos was, roads infested with potholes, houses springing up unplanned like weeds. Of her jumble of feelings, she recognized only confusion.

um tempo até entender que ela podia ter várias identidades e que suas questões iam além de simplesmente estar em um país ou em outro.

Esse *post* rendeu a Ifemelu tanto comentários positivos quanto negativos e, no sexto dia, o *blog* já tinha sido visitado por mil leitores. Ifemelu se sentiu vibrante ao ver tantas pessoas em seu *blog* e decidiu escrever um novo *post*, (p. 520), sobre os estilos caros de vida de algumas mulheres em Lagos. Ranyinudo, sua amiga, percebeu que o *post* descrevia seu estilo de vida e decidiu ligar para Ifemelu para tirar satisfação, alegando que todos aqueles que o lessem, saberiam que o *post* era sobre ela. Para provar seu ponto de vista, leu um trecho, desse mesmo *post*, que dizia que muitas jovens ricas em Lagos viviam uma vida que não podiam pagar, e acrescentou:

Uma delas é minha amiga, uma mulher linda e brilhante que trabalha com publicidade. Ela mora na Ilha de Lagos e está namorando um banqueiro importante. Temo que vá acabar como muitas mulheres de Lagos que definem sua vida pelos homens que jamais poderão realmente ter, tolhidas por sua cultura de dependência, com desespero nos olhos e bolsas de marca nos braços. (ADICHIE, 2013, p. 521)¹⁷².

Ranyinudo, nesse momento, compara Ifemelu consigo mesma dizendo que o que ela fizera nos Estados Unidos, ora para conseguir sua cidadania americana, ora para conseguir um emprego, não a diferenciava em nada e não a tornava superior à amiga:

“E quem é você para criticar? De que maneira isso é diferente de você e do branco rico dos Estados Unidos? Você teria sua cidadania se não fosse por ele? Como foi que arrumou aquele emprego nos Estados Unidos? Você precisa parar com essa bobagem. Pare de se achar tão superior!” Ranyinudo desligou na cara dela. (ADICHIE, 2013, p. 521)¹⁷³.

¹⁷² One of them is my friend, a beautiful, brilliant woman who works in advertising. She lives on The Island and is dating a big banker. I worry that she will end up like many women in Lagos who define their lives by men they can never truly have, crippled by their culture of dependence, with desperation in their eyes and designer handbags on their wrists.

¹⁷³ “And who are you to pass judgement? How is it different from you and the rich White guy in America? Would you have your U.S. citizenship today if not for him? How did you get your job in America? You need to stop this nonsense. Stop feeling so superior!”

Ifemelu ficara abalada com o que ouviu da amiga e por mais que fossem terríveis as experiências pelas quais passou nos Estados Unidos, Ranyinudo não deixava de ter razão e mesmo que não tivesse, tinha se sentido julgada e, ao mesmo tempo, traída por Ifemelu. Então decidiu fazer o mesmo, mostrando que cada um tem as suas dificuldades e as enfrentam da maneira que podem ou que lhes é possível naquele momento, não cabendo a ninguém julgar o outro a partir de suas experiências de vida.

Após sua conversa por telefone com Ranyinudo, Ifemelu se dirige à casa dela para pedir desculpas e se justifica dizendo que, na verdade, quando escreveu aquele *post* estava pensando em sua tia Uju e em seu relacionamento com o general, de como ela se perdeu nesse relacionamento, principalmente após a morte dele. Ao que sua amiga diz que não cabia a ela (Ifemelu) julgar nenhuma das duas experiências e nem a de ninguém. As duas acabam fazendo as pazes e Ranyinudo diz que o que Ifemelu precisava mesmo era ir falar com Obinze: ““Ifemelunamma, seu problema é frustração emocional. Vá ver Obinze, por favor.” Ifemelu riu. Era a última coisa que ela esperava ouvir. “Preciso emagrecer primeiro”, disse. “Você só está com medo.” (2013, p. 522).¹⁷⁴”

Ao responder à amiga sobre o fato de ir ou não procurar Obinze, Ifemelu, curiosamente, afirma que para isso precisaria emagrecer primeiro, muito provavelmente, pelo estereótipo norte-americano que estava carregando com ela. Pois, sabemos, que foi por meio de sua amiga nigeriana Ginika, que também estava nos Estados Unidos, que fora ensinada que brancos, naquele país, eram magros e negros, gordos. Se levarmos em consideração que Ifemelu diz em seus *posts* que alguns negros gostariam de ser brancos por toda a questão racial, podemos entender que ser magro era algo ansiado também, como ela havia acabado de chegar dos Estados Unidos, alguns estereótipos ainda não tinham sido desmitificados.

Em se tratando do *post* que Ifemelu escrevera e que sua amiga havia ficado aborrecida, a protagonista de *Americanah* sabia o quanto o casamento era algo

¹⁷⁴ “Ifemelunamma, your problem is emotional frustration. Go and find Obinze, please.” Ifemelu laughed. It was what she last expected to hear. “I have to lose weight first,” she said. “You’re just afraid.”

almejado e esperado na cultura nigeriana. Enquanto morava nos Estados Unidos, a mãe de Ifemelu sempre lhe perguntava se ela estava namorando. Ela teve alguns namorados, porém não voltara casada dos Estados Unidos, algo que lhe fora cobrado, inclusive, por suas amigas, assim, como fora cobrado o fato de ter morado tanto tempo nos Estados Unidos e não ter voltado com um sotaque americano.

A respeito do casamento, Ifemelu, a princípio, mentiu para os pais e amigas dizendo que estava em um relacionamento sério com Blaine e logo ele iria para Lagos para encontrá-la. Ficava surpresa como o assunto casamento sempre aparecia quando estava com as suas velhas amigas, fazendo com que as solteiras ficassem na defensiva e as casadas, com um tom de presunção, por terem conseguido um feito que as outras ainda não haviam conseguido. Ifemelu tentava conversar sobre outros assuntos, de lembrar o passado, mas o casamento sempre vinha à tona:

[...] o casamento era sempre o assunto preferido — quem era casada com um safado, quem estava desesperada para agarrar alguém, postando muitas fotos de si mesma toda produzida no Facebook, quem tivera um homem que a decepcionara depois de quatro anos e a abandonara por uma mulherzinha a quem podia controlar. ADICHIE, 2103, p. 490)¹⁷⁵.

Ifemelu mentir sobre estar com Blaine não era pelo simples fato de achar que precisava mostrar alguma coisa às amigas, mas queria evitar certos conselhos e comentários que poderiam surgir delas:

Assim, ela usava Blaine como uma armadura. Se soubessem dele, as amigas casadas não diriam: “Não se preocupe, você vai arrumar alguém, é só rezar por isso”, e as que não eram casadas não presumiriam que pertencia ao clube da autocomiseração das solteiras. (2013, p. 490)¹⁷⁶.

A respeito do sotaque, Ifemelu havia se reconstruído em relação a essa questão, pois sabemos que no início de sua estada nos Estados Unidos, ela se

¹⁷⁵ [...] but marriage was always the preferred topic-whose husband was a dog, who was on a desperate prowl, posting too many dressed-up pictures of herself on Facebook, whose man had disappointed her after four years and left her to marry a small girl he could control.

¹⁷⁶ And so she used Blaine as armor. If they knew of Blaine, then the married friends would not tell her “Don’t worry, your own will come, just pray about it,” and the unmarried friends would not assume that she was a member of the self-pity party of the single.

forçara a ter um sotaque americano, mas ao longo de sua experiência morando naquele país, ela passou a não querer algumas imposições, e o sotaque americanizado era uma delas. Porém, ao chegar na Nigéria, sua amiga Ranyinudo vai buscá-la no aeroporto e percebe os olhares de estranheza de Ifemelu para o país, mas diz a ela que seus olhares e reclamações não seriam validados, pois nem uma *americanah* de verdade ela era:

“*Americanah!*”, brincava Ranyinudo sempre. “Você está vendo as coisas com olhos de americano. Mas o problema é que nem é uma *americanah* de verdade. Se pelo menos tivesse um sotaque americano, a gente aturaria as reclamações! (2013, p. 475)¹⁷⁷.”

Ifemelu, nesse *post*, então, discute exatamente o oposto daquilo que era esperado das mulheres de Lagos, que elas não precisavam se casar se não quisessem. Afinal de contas, Rayinudo tinha uma profissão e não precisa viver à sombra do marido apenas para mostrar que estava casada com um homem bem-sucedido. Porém, uma das pessoas que Ifemelu sentiu mais falta enquanto estava nos Estados Unidos, era de Obinze. Em decorrência de alguns ocorridos que haviam acontecido na vida de Ifemelu, enquanto esteve nesse país, ela decidiu romper contato com o antigo namorado sem ao menos lhe dar uma explicação. Namorou alguns rapazes, mas Obinze, algumas vezes, vinha à sua mente. A diferença é que eles se amavam, Ifemelu não queria um casamento apenas para mostrar que havia conseguido o que todos esperavam dela em Lagos ou para ser bem-sucedida financeiramente, ela já era independente, Ifemelu queria alguém que valesse a pena investir em um relacionamento.

No capítulo 55, página 584, temos um outro *post* sem título. Nessa época, Ifemelu já estava há algum tempo em Lagos, mas não tinha ido falar com Obinze ainda, tampouco o havia encontrado por acaso, afinal de contas, eles estavam na mesma cidade. Quando publicou esse *post* escrito após visitar Ranyinudo em seu trabalho, sobre o fato de que o governo estava demolindo as barracas dos vendedores ambulantes, Ifemelu vira que alguém havia deixado um comentário

¹⁷⁷ “*Americanah!*” Ranyinudo teased her often. “You are looking at things with American eyes. But the problem is that you are not even a real *Americanah*. At least if you had an American accent we would tolerate your complaining!”

anônimo dizendo que aquilo parecia poesia. Por essa palavra, Ifemelu soube que era Obinze, simplesmente sentiu que fosse ele no comentário.

Ifemelu, então, discorre sobre o fato de um caminhão do governo que estava destruindo barracas de ambulantes e junto com elas o meio de ganhar a vida dessas pessoas. Criticou o fato de que essas mesmas pessoas que estavam destruindo essas barracas usufruíam delas no dia a dia para almoçar, pois a comida era mais barata em relação a outros lugares e que, além disso, eram homens covardes que precisavam bater nas mulheres que se recusavam a sair e tentavam argumentar com eles:

Mas estão esmagando, pisoteando, batendo. Um deles esbofeteia uma mulher, porque ela não pega sua panela e seus utensílios nem sai correndo. Fica ali parada, tentando falar com eles. Mais tarde, seu rosto arde com a bofetada enquanto ela vê seus biscoitos enterrados na poeira. Seus olhos traçam uma linha na direção do céu sombrio. (ADICHIE, 2013, p. 584)¹⁷⁸.

Completa ainda, dizendo que essas mulheres se recomporiam de tal ato e dariam um jeito de continuar suas vidas vendendo suas coisas para seu sustento e de sua família. E que assim como esses homens, que destruíram suas barracas, ficariam sem lugar para almoçar, motoristas e *office boys* também ficariam:

Os homens andam mais depressa até os ônibus. Caminham sob um grupo de árvores que, apenas algumas horas antes, faziam sombra sobre os pontos em que ambulantes ganhavam a vida. Era ali que os motoristas e boys compravam o almoço. Mas agora as barracas se foram. Foram arrasadas e não restou nada, nem uma embalagem de biscoito, nem uma garrafa de água vazia, nada para sugerir que um dia estiveram ali. (2013, p. 584)¹⁷⁹.

Ifemelu seguiu escrevendo sobre diversos assuntos desde um desfile de moda ao qual foi, até as jovens esperançosas e sonhadoras de Lagos que queriam abrir um salão ou ir à universidade. Tudo o que escrevia pensava em Obinze, se ele

¹⁷⁸ But they are smashing, trampling, hitting. One of them slaps a woman, because she does not grab her pot and her wares and run. She stands there and tries to talk to them. Later, her faces burning from the slap as she watches her biscuits buried in dust. Her eyes trace a line towards the bleak sky.

¹⁷⁹ The men walk more quickly to the buses. They walk under a cluster of trees which, only hours ago, housed the livelihoods of food hawkers. There, drivers and messengers bought their lunch. But now the shacks are gone. They are erased, and nothing is left, not a stray biscuit wrapper, not a bottle that once held water, nothing to suggest that they were once there.

iria gostar e se concordaria com ela. Os dois já haviam se reencontrado, mas Obinze estava casado e tinha uma filha, o que significava que não seria tão simples para eles ficarem juntos. Ifemelu sofria a dor de sua ausência, mas, ao mesmo tempo, sentia-se reconfortada pelo fato de que estava em sua casa, escrevendo em seu *blog* e redescobrimdo Lagos, redescobrimdo a si mesma.

Consequira, agora, conectar-se com o seu passado, ligou para Blaine para dizer o quanto o achava um homem bom e para Curt, que lhe perguntara se ela ainda estava escrevendo em seu *blog*, e se ainda estava discutindo sobre questões raciais. Na verdade, Ifemelu escrevia, agora, sobre a vida, pois sabia que esse assunto não seria tão bem recebido na Nigéria: “Falar sobre questões raciais não funciona bem aqui. Quando saí do avião em Lagos, me senti como se tivesse deixado de ser negra.” (ADICHIE, 2013, p. 586)¹⁸⁰.

Era como se, finalmente, Ifemelu pudesse ser ela mesma, ao menos em sua raça, sem precisar mudar o cabelo, por exemplo, ela estava, mais uma vez, construindo sua identidade e, para completar, após sete meses, Obinze, bate à sua porta lhe perguntando se queria dar uma chance a eles, uma chance para que eles pudessem retomar aquilo que tiveram um dia e que tinha sido deixado para trás. Ele tinha ido à Inglaterra e ela aos Estados Unidos, ambos tinham vivido muitas experiências que os transformaram e que faziam deles pessoas totalmente diferentes daquelas que haviam sido quando namoraram pela primeira vez. Precisariam, agora, se (re)conhecerem e se redescobrirem naquela relação.

Ao longo de toda a análise do capítulo de número três, *O blog* e as identidades de Ifemelu em *Americanah*, podemos perceber que os principais temas abordados pela personagem central são: raça, identidade e deslocalização.

Primeiramente sobre raça, notamos que Ifemelu passou a perceber as dificuldades com a sua ao morar nos Estados Unidos, pois, vez ou outra, era julgada pela cor escura de sua pele. Assim como percebeu os problemas pelos quais passavam os próprios negros americanos pós período escravocrata e Guerra Civil.

Secundariamente, temos o tema identidade, em que observamos como Ifemelu, ao chegar aos Estados Unidos, tentou, aconselhada, ora por amigos, ora

¹⁸⁰ Race doesn't really work here. I feel like I got off the plane in Lagos and stopped being black.”

por sua tia Uju, a mudar algumas coisas nela para se adequar àquele novo lugar, porém, passados alguns anos, Ifemelu percebeu que não precisava fazer o que não queria para se adaptar; ela podia ser ela mesma.

E, finalmente, sobre o tema deslocalização, vimos que Ifemelu se sentiu deslocalizada boa parte de sua estada nos Estados Unidos, pois estava em um país totalmente distinto da Nigéria e, por isso, demorou um certo tempo para que ela tivesse seu ciclo de amigos, pois no início tinha apenas contato com sua tia Uju e Ginika, tinha como objetivo encontrar trabalho e morar em um lar que pudesse chamar de seu. Fatores que podem parecer simples, mas que fazem a diferença na vida de seres deslocalizados, ou seja, fazem com que eles se sintam parte daquele novo lugar. Ifemelu tinha, agora, uma identidade hibridizada, característica de pessoas que passam por essa experiência, em um mundo globalizado, de se viver em dois ou mais lugares. Após um certo período, Ifemelu começou a sentir vontade de voltar às origens, porém ao chegar à Nigéria, ela ficou surpresa ao perceber que já não se sentia tão em seu lar, assim, sentiu-se deslocalizada em seu próprio país, ou seja, não se sentia pertencente nem aos Estados Unidos, nem à Nigéria. Levaria um tempo até ela entender que poderia, talvez, não pertencer, mas se sentir bem nos dois lugares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o percurso como ingressante na pesquisa sobre os Estudos Culturais, mais especificamente sobre os temas identidade e *displacement*, e aqueles que os norteiam: racialidade, globalização e hibridização, podemos perceber que, primeiramente, em se tratando da identidade de um indivíduo, devemos partir da premissa que Hall (1998) nos apresenta, de que ela não é única, pois somos influenciados desde crianças ao que acontece e às pessoas à nossa volta. Ou seja, vamos construindo a nossa identidade ao longo de nossas vidas e quando, por alguma razão, mudamo-nos para outro lugar, aquela cultura e pessoas, também nos influenciarão. Nesse momento, nossa identidade se hibridiza, ou seja, funde-se com outras, ou até mesmo, transforma-se. Para Silva (2006), a identidade que se forma a partir do hibridismo não é mais a original, entretanto, demonstra características dela.

Enquanto *displacement* é um sentimento que fará parte do ser em trânsito que saiu de seu país de origem e foi, por alguma razão, morar em outro. Tendo a oportunidade de voltar ao seu lugar originário, como é o caso da protagonista de *Americanah*, Ifemelu, não é garantia de não se sentir mais deslocalizada. Vale lembrar que o indivíduo, para se sentir deslocalizado, não precisa apenas de um lugar físico, mas ele pode se sentir deslocalizado com os idiomas que fala e, até mesmo, com o seu próprio nome, como nos exemplifica Said (1999) em sua obra *Out of Place*. Vale ressaltar ainda, que esse sentimento de deslocalização está inteiramente ligado à globalização e suas fases, mais especificamente, com a quarta fase, chamada de nova globalização ou globalização tardia que, segundo Giddens (1990), é possível notarmos um aumento na interdependência da sociedade que faz com que pareçamos interligados, ou seja, o que acontece em um país tem efeitos ao redor do mundo.

Voltando ao objetivo geral desta pesquisa que se propôs mostrar que é possível mesmo tendo morado em dois lugares distintos e tendo se adaptado àquele que não é o seu de origem, mantermos traços da nossa identidade se assim o desejarmos, podemos dizer que foi exatamente o que Ifemelu fez ao longo de sua estada nos Estados Unidos. Embora, no início, ela tenha tentado se adaptar, tão

logo ela começou a se questionar se precisava mesmo fazer aquilo, deparamo-nos com o momento em que ela refletiu sobre suas atitudes e voltou ao seu sotaque natural nigeriano, que não precisava se assemelhar ao norte-americano, assim como assumiu seus cabelos afro novamente, que não precisava ter um aspecto liso para ser adequado.

Como o primeiro objetivo específico dessa análise, pretendemos investigar quais foram as estratégias que Ifemelu usou para desconstruir a sua identidade e reconstruí-la com nuances da antiga, pois sabemos que quando Ifemelu chegou aos Estados Unidos ela se deparou com uma cultura distinta, pois tinha a sua própria como parâmetro de comparação. Ao longo de sua trajetória nesse novo lugar, ela precisou, para se adequar, mudar os cabelos, passando por um procedimento de alisamento que a fez não se reconhecer. Forçou-se a ter um sotaque norte-americano e fora tão bem-sucedida que muitas pessoas já não conseguiam identificar de onde ela era.

Porém, Ifemelu sempre fora questionadora e não era uma mulher que aceitava facilmente o que lhe era imposto, então, um dia, conversando com sua amiga Wambui, ela decidiu raspar a cabeça e deixar seus cabelos crescerem naturalmente e se reconstruírem juntamente com a sua identidade. Por esse processo de reconstrução da própria identidade em um lugar que não era o seu, faz-se presente, também, a questão do seu sotaque. Após mudá-lo e passar a falar cada vez mais parecido com os norte-americanos, Ifemelu, mais uma vez, sentiu como se estivesse se perdendo e volta a se expressar com o seu natural sotaque nigeriano.

No entanto, o que provavelmente mais a ajudou nesse processo foi começar a escrever seu *blog*, ali ela podia escrever abertamente sobre o que pensava. O interessante desses *posts*, além dos temas levantados por ela, é que Ifemelu, ora falava dos norte-americanos como se fosse de fora (e de fato era) daquela cultura, ora se colocava como se fizesse parte desta. Pois, pelo tempo que passara nos Estados Unidos, era impossível não se sentir, ao menos, por algumas vezes, pertencente àquele lugar.

Com o segundo objetivo, pretendemos analisar que Ifemelu se descobriu negra nos Estados Unidos pelo simples fato de que, até ter morado nesse país, raça não era uma preocupação para ela, ou seja, Ifemelu não havia sofrido preconceito racial nem por causa da sua cor de pele e nem por ser de outro país. Sem contar que após um período morando nos Estados Unidos, ela começou a entender melhor a história desse lugar e a se colocar, muitas vezes, como parte daquela história, pois tinha empatia pelo que os afro-americanos passaram e, ainda, passavam por serem, simplesmente, negros.

Pretendemos, em relação ao terceiro objetivo, demonstrar que pelo fato de Ifemelu ter morado nesses dois lugares fez com ela passasse a ter uma identidade partilhada, transformando-se, assim, na identidade que tinha agora. A Ifemelu na qual ela havia se transformado não seria mais aquela de quando deixou a Nigéria, ela havia vivido e visto culturas diferentes, se simpatizado com algumas características daquele povo e rejeitado outras, porém todas essas vivências influenciaram em quem ela era agora. Tanto a Nigéria quanto os Estados Unidos eram diferentes aos olhos dela após essa experiência.

Com o quarto, analisamos que o fato de ela ter morado por mais de dez anos nos Estados Unidos a fez descobrir o sentimento de deslocalização, uma vez que ao retornar à Nigéria, Ifemelu passou a se sentir deslocalizada, não somente na América, mas também em seu país de origem. A protagonista, então, percebeu que nem ela, nem a Nigéria eram mais as mesmas de outrora. Agora, ela pertencia aos dois países ou a nenhum deles, se assim preferisse; e se sentira deslocalizada no seu próprio país de origem. Ifemelu teria de se reconstruir e, por que não, redescobrir-se novamente? Sua identidade, passaria, então por uma outra transformação, característica desses seres em trânsito que transitam, assim, pelos caminhos das identidades para se localizarem no mundo.

Em relação ao quinto objetivo, investigamos que Ifemelu ora se sentia pertencente aos lugares em que viveu, ora não, e que esses sentimentos eram absolutamente comuns em seres que transitam pelo mundo. Ifemelu, após sua adaptação nos Estados Unidos, começou a pensar que era hora de voltar à Nigéria e recomeçar a sua vida. Sentia uma inquietação, algo que nem ela conseguia explicar direito, era como se ela tivesse tudo, mas ainda faltasse algo. Sentia um

vazio que achou que fosse ser preenchido com a sua volta à Nigéria, mas ao chegar ao seu país de origem, a sua inquietação permaneceu. Ifemelu talvez não soubesse que nome dar, mas ela estava sendo apresentada ao sentimento de *displacement*, mas, agora, em seu lugar de nascimento.

E, por fim, tivemos como último objetivo demonstrar que o fato de Ifemelu não saber onde, afinal, pertencia, conseqüentemente, ela teria dificuldades em identificar qual era, agora, o seu lar; em qual desses dois lugares ela se sentiria mais à vontade em fincar suas raízes. Ifemelu precisaria de tempo para digerir esse turbilhão de sentimentos que ela passara a sentir.

Todavia, não há como afirmarmos que todas as pessoas que passarem por essas experiências se sentirão da mesma forma, cada indivíduo arrumará uma maneira de entender e passar por elas. Somos diferentes e, por isso, temos formas distintas de vermos nossas experiências.

Para atingirmos tanto o nosso objetivo geral quanto os específicos, foi necessário um aprofundamento nas leituras dos pesquisadores selecionados para este estudo. A partir dessas leituras e pesquisas, foi possível analisar e perceber a protagonista de *Americanah* como um ser deslocalizado pelas suas vivências descritas na obra. Partindo dessa premissa, tornou-se possível a análise da personagem em relação à sua identidade que fora transformada ao longo de sua adaptação a esse novo lugar, passando por um processo inicial de adequação e depois, por uma reconstrução, almejando resgatar traços da antiga identidade. Passando pelo sentimento de *homesickness*, quando temos saudades de casa, não a casa física, mas o lugar em que estão as nossas raízes e podemos ser nós mesmos; pelo sentimento de *belonging*, pois Ifemelu, passado o período de adaptação, não sabia mais a qual país pertencia, se aos Estados Unidos (lugar escolhido para viver) ou a Nigéria (seu país de origem); pela racialidade, pois vinha de um país em que a cor da sua pele não era um problema ou uma preocupação e, por fim, passando pelo sentimento de *displacement*, sentimento esse que se estendeu até a sua chegada à Nigéria, pois Ifemelu se surpreendeu ao perceber que o fato de ela ter retornado ao seu país de origem não sanou a sua inquietação, ou seja, não fez com que ela deixasse de se sentir deslocalizada, e agora ela precisaria passar por um período de adaptação no seu próprio lugar.

Conforme dito anteriormente, *Americanah*, abre caminhos para muitas possibilidades de pesquisa, desde uma análise literária aprofundada até uma análise com foco nos Estudos Culturais pelos variados temas da atualidade tratados por meio das personagens que vão se delineando ao longo da narrativa, como migrações e imigrações; racismo; feminismo, entre outros.

Podemos concluir, então, que a questão identitária, *displacement* e todos os temas que os englobam, caminham lado a lado dessas pessoas que se tornaram cidadãs do mundo, mesmo que elas nunca tenham ouvido falar de tais conceitos, pois para conhecê-los, basta senti-los.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ACHEBE, Chinua. *Things Fall Apart*. New York: Anchor Books, 1994.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Americanah*. New York: Anchor Books, 2013.
- _____. *Americanah*. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Schwarcz S. A., 2013.
- AUGÉ, Marc. *Por uma antropologia dos mundos contemporâneos*. Rio de Janeiro: BCD União de Editoras S.A., 1997.
- BARKER, Chris. *The SAGE Dictionary of Cultural Studies*. London, Thousand Oaks, New Delhi: SAGE Publications, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2005.
- BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BHABHA, Homi; HALL, Stuart. *Identity: Community, Culture, Difference*. London: Lawrence & Wishart, 1990.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 2006.
- BROWN, Walter Earl. If I can dream. Gravadora: RCA Records, 1968. (3 minutos 8 segundos).
- BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. Tradução Leila Souza Mendes. Rio Grande do Sul: Editora Unisinos, 2016.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3. ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- GAY, Paul Du; HALL, Stuart. *Questions of Cultural Identity*. London, Thousand Oaks, New Delhi: SAGE Publication Ltd., 2003.
- GIDDENS, Anthony. *The Consequences of Modernity*. Cambridge: Polity Press, 1990.

GORE, Martin. Home. Gravadora: Mute ,1997. (5 minutos 42 segundos).

GULLAR, Ferreira. *Na Vertigem do Dia*. São Paulo: Companhia das Letras,1980.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1998.

_____. *Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Tradução Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Cláudia Álvares, Francisco Rüdiger e Sayonara Amaral. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HANNA, Vera L. Harabagi. A identidade nossa de cada dia. In: 12º CONGRESSO BRASILEIRO DE LÍNGUA PORTUGUESA/ 3º CONGRESSO INTERNACIONAL DE LUSOFONIA DO IPPUC-SP, 2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo: IPPUC, 2008.

_____. Castro Alves: tratou da história e da arte, “nem aquela pode acusá-lo de infiel, nem esta de copista”. In: BATISTA, Ronaldo, de O.; GUIMARÃES, Alexandre, H. T. *A poesia na sala de aula: leituras do Navio Negreiro*. São Paulo: Editora Mackenzie. 2018. p. 82-105.

HUGO, Victor. *Les Misérables*. Paris: A. Lacroix, Verboeckhoven & Ce,1862.

HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-Modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.

IRELE, F. Abiola. *The Africana Imaginatton: Literature in Africa and the Black Diaspora*. New York: OXFORD University Press, 2011.

JACKSON, Jane. *Introducing Language and Intercultural Communication*. New York: Routledge, 2014.

JAHN, Janheinz. The Scope of Modern African Literature. IN: African Literatures. Indiana University Press. 1970. PP. 167-175.

KUJAWSKI, Gilberto de Mello. *A identidade nacional e outros ensaios. Somos muitos, somos um?* Ribeirão Preto: FUNPEC Editora, 2005.

MACAU. Olhos coloridos. Gravadora: Som Livre, 1970. (5 minutos 21 segundos).

MORISSETTE, Alanis. Citizen of the planet. Gravadora: Maverick, Warner Bros, 2008. (4 minutos 22 segundos).

RUTHERFORD, Jonathan. *O terceiro espaço: uma entrevista com Homi Bhabha*. Tradução Regina Helena Fróes e Leonardo Fróes. Londres: Lawrence & Wishart, 1990.

SAID, Edward W. *Out of place: A memoir*. New York: Vintage Books, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu. *A produção da identidade e da diferença*. Petrópolis: Vozes, 2006.

WILLIAMS, Raymond. *Keywords: A Vocabulary of Culture and Society*. New York: Oxford University Press, 1983.

WOLF, Virgínia. *Pela maior parte da História, 'anônimo' foi uma mulher*, [S.l.], [S.N.], 1929.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *The danger of a single story*. 2009. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story>.

Acesso em: 10 fev. 2020.

_____. *We should all be feminists*. 2012. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_we_should_all_be_feminists

>. Acesso em: 11 fev. 2020.

ARAÚJO, Eliza de Souza Silva; SCHNEIDER, Liane. Quatro olhos sobre Americanah: a partir de onde o texto de Adichie fala e para quem? *Revista da Anpoll*, Florianópolis, n. 41, p. 159-171, 2016. Disponível em:

<<https://www.google.com/search?client=firefox-d&q=quatro+olhos+sobre+americanah++Revista+da+Anpoll+revistadaanpoll.emnuvens.com.br+%E2%80%BA+revista+%E2%80%BA+article+%E2%80%BA+download>>. Acesso em: 01 mar. 2020.

MORTE DE George Floyd: Onda de protestos em massa desafia toques de recolher em dezenas de cidades nos EUA. *BBC News Brasil*, 2020. Disponível em:

<<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52867574>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

BLACK, William R. How Watermelons Became a Racist Trope Before its subversion in the Jim Crow era, the fruit symbolized black self-sufficiency. *The Atlantic*, 2014.

Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/national/archive/2014/12/how-watermelons-became-a-racist-trope/383529/>>. Acesso em: 14 mar. 2010.

BRER RABBIT AND THE TAR BABY, Timemeddler tardis. [S. l.], Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=hiMw-8Ttu10>>. Acesso em: 23 fev. 2020.

BROOKLYN QUE TE quero negro. *Diáspora Black*. Disponível em:

<<https://diaspora.black/brooklyn-que-te-quero-negro/>>. Acesso em: 21 ago. 2019.

CASCONE, Sarah. Obama 'Watermelon' Cartoon in 'Boston Herald' Deemed Racist. *People*, 2014. Disponível em: <<https://news.artnet.com/art-world/obama-watermelon-cartoon-in-boston-herald-deemed-racist-121373>>.

Acesso em: 14 mar. 2020.

CONHEÇA O conceito de 'Negro Mágico' nos filmes de Hollywood. *Dark blog*. Disponível em: <<https://darkside.blog.br/conheca-conceito-negro-magico-filmes-hollywood/>>. Acesso em: 07 mar. 2020.

DEMBY, Gene. Where Did That Fried Chicken Stereotype Come From? *NPR*, 2013. Disponível em: <<https://www.npr.org/sections/codeswitch/2013/05/22/186087397/where-did-that-fried-chicken-stereotype-come-from>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

EDWARD W. Said. *Companhia das Letras*. Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=00432>>. Acesso em: 03 jul. 2019.

FAITH, Bimbola Oluwafunlola Idowu. Fictionalizing Theory, Theorizing Fiction: The Stylistics of Return Migration in Chimamanda Adichie's *Americanah*. *Mass Communication and Information Technology Department, Oduduwa University*. Disponível em: <<https://www.google.com/search?client=firefox-b-d&q=FICTIONALIZING+THEORY%2C+THEORIZING+FICTION%3ATHE+STYLISTICS+OF+RETURN+MIGRATION+IN+CHIMAMANDA+ADICHIE%E2%80%99S+AMERICANAH+BIMBOLA+OLUWAFUNLOLA+IDOWUFAITH%2C+PH.D.+Mass+Communication+and+Information+Technology+DepartmentOduduwa+University%2C+Ipetu+modu%2C+Osun+State%2C+Nigeria>>. Acesso em: 25 mar. 2020.

FLORA NWAPA: a escritora que influenciou Chimamanda Adichie. *Tag livros*, 2017. Disponível em: <<https://www.taglivros.com/blog/conheca-flora-nwapa-a-escritora-pioneira-que-influenciou-chimamanda-adichie-e-buchi-emecheta/>>. Acesso em: 16 fev. 2020. IMAGINARIO, Andrea. O que é estereótipo? *Significados*. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/estereotipo/>>. Acesso em: 19 out. 2019.

GIDDENS, Anthony. *Homeless Billionaire*. Oxford Union Society, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GZolh_sYyM&t=129s>. Acesso em: 12 jul. 2020.

LAPA, Isabela. Mia Couto: o escritor. *Universo dos leitores*. Disponível em: <<http://www.universodosleitores.com/2014/01/mia-couto-o-escritor.html>>. Acesso em: 10 set. 2019.

PENA, Rodolfo F. Alves. Fases da Globalização. *Mundo educação*. Disponível em: <<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/fases-globalizacao.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

PITTA, Valter. O Fascinante Universo da História: História da Nigéria. *Civilizações africanas*, 2010. Disponível em: <<http://civilizacoesafricanas.blogspot.com/2010/04/historia-da-nigeria.html>>. Acesso em: 31 mar. 2020.

MORRE AOS 82 anos Stuart Hall, influente teórico cultural. *Época*. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/vida/noticia/2014/02/morre-aos-82-anos-bstuart-hallb-influente-teorico-cultural.html>>. Acesso em: 03 jul. 2019.

RIFBJERG, Synne. *Americanah-International Authors' Stage*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=b8r-dP9NqX8>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

SEHGAL, Parul. *A Conversation with Chimamanda Ngozi Adichie*. Tin House Summer Issue, 2013. Disponível em: <<https://parulsehgal.com/tag/interview-with-chimamanda-ngozi-adichie/>>. Acesso em: 19 set. 2019.

TUNCA, Daria. The Chimamanda Ngozie Adichie Website. *University of Liège*, 2004. Disponível em: <<http://www.cerep.ulg.ac.be/adichie/index.html>>. Acesso em: 20 fev. 2020.